

Pausa & Prosa

Narrativas insólitas para
días insignificantes -

pragmatha

SANDRA VERONEZE
Organizadora

Pausa & Prosa

Narrativas insólitas
para dias insignificantes

São Paulo
Pragmatha
2026

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Diagramação: Nieli Blota Martins

Copyright: Pragmatha
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação
C763 Pausa & Prosa: narrativas insólitas para dias insignifi-
cantes / Sandra Veroneze, organizadora -- São
Paulo: Pragmatha, 2025.
163 p. ; 14 x 21 cm.
ISBN 978-85-8434-327-0
1.Contos brasileiros. 2.Prosa brasileira. 3.Literatura brasileira --
Coleções literárias. 4.Antologias. I.Veroneze, Sandra.

CDU 869.0(81)-34
869.0(81)-34(082.2)
CDD 869.987
869.908

Catalogação na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Sumário

Prefácio

08 *Sandra Veroneze*

Ana Pujol

11 *Sombras do silêncio*

14 *A última página*

17 *Entre destinos e a solidão*

Carlos Hahn

19 *A descoberta*

23 *Sextou*

26 *O Capão do Enforcado*

Edu Mussi

31 *E se não for a morte?*

Elsa Timm

39 *A flor de ipê*

41 *Biscoito de cacau*

France Gripp

46 *Correspondências com Sherazade, em vigília*

Lucas Lôbo

54 *Cabeça de peru*

Gilberto Broilo

68 *O som da boemia*

70 *As pegadas escarlates*

73 *Alegria do quase-morto*

76 *Vento distante*

78 *Sonho americano*

San Klein

80 *Um caso do acaso*

85 *Casamento cigano*

89 *Margarida despetalada*

Verena R. Becker

94 *Um dia ético*

97 *Aquele homem*

101 *Tomé*

Mara Carvalho Leite

104 *Conversa de boteco*

106 *Água de coco*

109 *Miss Brasil 2000*

112 *Praia do Rosa*

JAX

115 *A diva dividida na dúvida*

117 *A ponte entre dois mundos*

120 *Os tênis longevos de Oldair*

123 *Diminutos (para leitura de minutos)*

Mario Baggio

- 126 *No meu bairro*
- 128 *Sede de fé*
- 129 *O criador, a criatura e o crítico de arte*
- 130 *O velho piano*
- 132 *Os dias não estão para desperdício*
- 133 *O fruto daquele ventre*
- 134 *Carta ao filho*
- 136 *Instruções*

Rosalva Rocha

- 137 *A necessidade foi mais longe*
- 142 *O fim por si só*
- 146 *Sobre a dor*

Eva Crochemore

- 147 *A mensagem*
- 151 *Artistas sem nome*
- 152 *Muralhas*
- 154 *Saindo do esconderijo*

Prefácio

“Pausa & Prosa: Narrativas insólitas para dias insignificantes” é muitas coisas. A primeira delas, um descompromissado prazer literário. Por parte dos autores isso significa uma entrega que tem sentido e valor em si mesma, forjada pela vocação, pela inclinação, pelo pendor às letras que habita em cada um deles.

Sabe quando alguém pergunta “Por que você escreve?” E você procura argumentos mil e no fim se rende ao simples (porém nada simplório) “Porque gosto, porque sim”? É disso que estamos falando. Fizemos esse livro porque gostamos, porque sim, para leitores que leem também porque gostam, porque sim.

“Pausa & Prosa” é igualmente uma forma de mostrar a pujança da cena literária independente do país. “Independente”, aqui, não é só conceito, mas principalmente um jeito de se dar ao mundo. Sem amarras, preservando a liberdade criativa de cada autor, que pode se fazer protesto, indignação, desabafo ou um mero exercício ficcional.

E aqui entramos no cerne da publicação. A antologia que agora você tem a oportunidade de ler pode se também uma forma de manifesto contra um estilo de vida imposto a muitos de nós simplesmente pelas circunstâncias da vida. Vivemos uma cultura de hiperestimulação e ruído permanente. A todo

instante somos bombardeados com notícias, mensagens, notificações... Nossa atenção se tornou um bem disputado por produtos e marcas.

O próprio trabalho se tornou fonte de exaustão, como se chegar esgotado ao final do dia fosse sinônimo de importância. Compramos a ideia de que precisamos ser produtivos, conectados e obcecados por agendas lotadas. Até nosso lazer é ativo. “O que vamos fazer hoje”?

O contrabalanço disso tudo é a pausa, silêncio e quietude. A pausa não é fraqueza, mas uma necessidade. Nossa alma pede paz, tranquilidade. O que pode parecer tédio é, de fato, o estado natural das coisas. Observe a natureza de modo geral. Uma paisagem é um grandíssimo tédio na maior parte do tempo. A montanha está lá, no lugar dela, e lá permanecerá independentemente da fé de cada um. O próprio universo está na dele, cumprindo seus ciclos, e é neutro, não conspira a favor de ninguém.

Nem tudo precisa ser grandioso, no seu sentido externo. Existe farta literatura vendendo a ideia de que cada um pode fazer o tempo todo coisas extraordinárias, impactando milhões de pessoas. É mentira, e esse tipo de literatura tem produzido mentes estressadas e vidas permeadas de angústia em proporções nunca vistas na história da humanidade.

“Pausa & Prosa” é um convite, portanto, para celebrar o contraponto de tudo isso, manifestado nos pequenos prazeres cotidianos de um dia qualquer.

Boa leitura!

Sandra Veroneze
Pragmatha

Sombras do silêncio

Ana Pujol

Parece meu último momento, aqui sentado na sala de espera do aeroporto ao lado de Ana. Estamos em silêncio, lado a lado. Ela tenta tocar minha mão, eu não deixo. A espera está durando tempo demais.

Quando olho para o espelho, vejo um homem que parece ter tudo: um emprego estável, amigos leais e uma mulher que me ama. Mas, por trás desse reflexo, há um abismo. Dentro de mim, uma voz ecoa; não é uma voz que fala, mas um sussurro, uma sombra que molda cada pensamento e ação. Eu sou Carlos, e carrego um segredo que nunca tive coragem de compartilhar.

Aos dez anos, a inocência me foi arrancada como se eu fosse um brinquedo quebrado. Lembro-me da sensação de estar perdido em um labirinto sem saída. O que aconteceu naquele dia se tornou parte de mim, como uma tatuagem invisível que me acompanha a cada passo. Meu algoz era uma pessoa conhecida e me ameaçou se um dia eu contasse a alguém o que acontecera. Eu era apenas uma criança violada em sua inocência. Desde então, aprendi a construir paredes ao meu redor. Paredes que protegem, mas também isolam.

A mulher que amo, Ana, é a luz em minha vida, um farol em meio à tempestade. Ela me faz rir e sonhar; é meu refúgio. Mas quando se trata de nos conectarmos de verdade, algo dentro de mim se fecha. Às vezes, sinto como se estivesse segurando uma faca afiada entre os dedos, temendo o corte que poderia causar a ela.

Quando ela tenta me tocar, sinto o calor do seu amor se espalhar por mim; mas logo em seguida as sombras começam a sussurrar. “Você não merece isso”, elas dizem. “Se ela soubesse...” O medo se transforma em uma corrente invisível que me prende ao chão. A cada dia que passa, me pergunto quanto tempo mais consigo manter essa máscara.

Lembro-me das noites em que a observava dormir. Seu rosto sereno trazia paz ao meu coração atribulado, mas também dor. Como posso ser digno do amor dela quando carrego essa mácula? O silêncio se torna ensurdecedor e eu me afundo nele.

Finalmente, chegou o dia em que percebi: “Não posso continuar assim”. A decisão foi difícil e dolorosa; eu sabia que, ao deixar Ana partir, estava abrindo mão da única luz que iluminava minha escuridão. Mas, ao mesmo tempo, percebi que mantê-la ao meu lado significava condená-la a viver na sombra do meu segredo.

“Carlos”, ela disse com lágrimas nos olhos quando expliquei minha decisão. “Eu te amo! Não precisa carregar isso sozinho.” Mas as palavras dela foram como água escorrendo pelas minhas mãos; eu não conseguia segurar a verdade.

A voz começou a chamar para o embarque. E assim deixei Ana ir, não porque não a amava, mas porque amá-la significava libertá-la das correntes invisíveis que eu mesmo havia criado. O silêncio agora é ensurdecedor e as sombras dançam ao meu redor.

Agora sou apenas eu e minha voz interior, um homem quebrado tentando reconstruir-se em meio aos ecos do passado. Mas talvez um dia eu encontre coragem para falar. Por enquanto, vivo com essas sombras e espero que o tempo possa curar as feridas que nunca foram visíveis para ninguém.

A última página

Ana Pujol

Miguel estava na varanda de sua casa de campo, cercado pela tranquilidade da natureza. O sol se punha, e ele segurava um livro que prometia um suspense envolvente. O autor era desconhecido, mas estava junto a uma coletânea de contos de Julio Cortázar, o que despertou logo seu interesse. Ele acendeu seu cachimbo e uma doce fragrância de maçã começou a exalar. Abriu o livro de forma aleatória. O conto chamava-se “A Voz Silenciada”, e logo ele se viu imerso na história de Marília, uma mulher marcada por um passado sombrio.

À medida que ele avançava nas páginas, a dor de Marília se tornava palpável. Desde a infância, ela enfrentou abusos e solidão, cada linha revelando as feridas que nunca cicatrizaram. Miguel sentia a conexão com a protagonista, mas também uma inquietação crescente. Ele era apenas um leitor, mas as emoções dela pareciam ressoar dentro dele.

Marília decidiu confrontar seus demônios em um momento de desespero. Ela acabara de sofrer um estupro e encontrava-se agachada no box do banheiro, deixando a água quente escorrer sobre sua pele pálida. Enquanto chorava, num som mudo, esfregava o corpo com sofreguidão. Os hematomas

eram visíveis e uma réstia de sangue descia por suas pernas. Não lhe passava pela cabeça ir a uma delegacia e enfrentar um exame de corpo de delito; o seu algoz era alguém conhecido.

Colocou um pijama, tomou um chá quente e procurou dormir. Estremecia de dores e o horror ainda pairava nos seus lábios mordidos.

O dia amanheceu nublado e uma fina chuva tamborilava na janela do apartamento. Não saiu da cama, um torpor dominava todo o seu corpo.

Só à tarde conseguiu se levantar e trocar de roupa. Pensamentos confundiam-se com lágrimas. Mas não deixou de ir ao escritório de seu pai e pegar a arma dentro do cofre.

Ela estava sozinha; seus pais tinham ido viajar e ainda ficou algum tempo sentada na sala, observando a arma sobre a mesa. Percebeu que ainda sangrava e trocou de roupa. Pegou sua bolsa e desceu para a garagem. Quando entrou no carro, sentiu uma leve tontura, ainda não tinha se alimentado, nem tinha vontade.

Dirigiu por muito tempo como se não soubesse para onde estava indo, mas seu destino era certo. Largou o veículo na beira de uma estrada, não levando consigo a bolsa ou as chaves do automóvel. Começou uma caminhada lenta e seu coração estava em disparada; não havia mais lágrimas.

Em uma corrida frenética pelos campos, enfrentando o mato já crescido, desacelerou à medida que seu corpo doía. Ali, onde havia vivido tantos momentos difíceis, ela pegou apenas a arma que levava consigo e se dirigiu ao lugar que simbolizava toda a dor que havia sofrido.

Miguel sentiu que o clímax da história se aproximava: Marília finalmente se confrontou com a figura masculina que representava sua opressão. Ela ergueu a arma com determinação, não apenas pela vingança, mas pela necessidade de

recuperar sua voz perdida. E Miguel leu a frase que o deixou em choque: “E então ela disparou.”

Nesse momento, algo inexplicável aconteceu. O eco do disparo ressoou não apenas nas páginas do livro, mas na própria realidade de Miguel. Ele se virou abruptamente e viu Marília diante dele, sua expressão determinada e os olhos brilhando com uma mistura de dor e raiva.

“Você leu minha história, não é?”, ela disse com firmeza. “Agora você entende.”

Antes que Miguel pudesse reagir ou protestar, o brilho metálico da arma surgiu das mãos de Marília. Ele sentiu o peso de sua culpa e do sofrimento dela transbordar para sua vida. A linha tênue entre leitor e personagem se desfazia.

No instante seguinte, ela puxou o gatilho. Mas não foi apenas uma bala que saiu da arma; era todo o sofrimento acumulado de anos sendo liberado em um único disparo. Miguel caiu para trás enquanto a realidade se desvanecia ao seu redor.

O impacto não foi físico; foi emocional e psicológico. Ele percebeu que não era apenas um espectador da dor alheia; ele era parte do sistema opressor que havia silenciado tantas vozes.

Naquela varanda tranquila, Miguel compreendeu que o sofrimento de Marília não era apenas ficção; era um grito por justiça, agora reverberando diretamente em sua vida. E assim, com o eco do disparo ainda ressoando em seus ouvidos, ele se despediu não como um herói, mas como um homem consumido pela culpa e pelo entendimento tardio.

Entre destinos e a solidão

Ana Pujol

Sofia correu para alcançar o ônibus, que parou distante. Subiu e pagou a passagem; seus olhos ardiam de tanto chorar.

No interior de um ônibus que cortava a cidade ao anoitecer, seguia Sofia, uma mulher de olhar sereno, envolta em um manto de solidão que a acompanhava como uma sombra fiel. Seus olhos perdidos no horizonte refletiam a melancolia de quem carrega histórias não contadas e sonhos adormecidos. Não desceu mais nenhuma lágrima de seus olhos.

Sofia escolheu o assento mais distante, próximo à janela, onde podia observar as luzes da cidade dançando ao ritmo do movimento do ônibus. O barulho dos pneus contra o asfalto criava uma trilha sonora monótona para os pensamentos que ecoavam em sua mente inquieta.

Enquanto os passageiros ao redor conversavam e riam, Sofia permanecia em seu próprio mundo silencioso, onde a solidão era sua única companhia. Ela se tornara mestra em esconder suas emoções por trás de um semblante impassível, protegendo-se do mundo exterior, que parecia tão distante e indiferente.

A cada parada do ônibus, novos rostos entravam e saíam, mas nenhum deles parecia notar a presença discreta de Sofia no canto solitário. Ela era como uma espectadora da vida alheia, observando as interações efêmeras entre estranhos enquanto ela mesma permanecia à margem, invisível aos olhos apressados dos demais.

Mas, em meio à solidão que a envolvia como um manto gélido, Sofia encontrava pequenos momentos de beleza e paz. O balanço suave do ônibus se tornava quase reconfortante, embalando seus pensamentos em uma melodia silenciosa que só ela podia ouvir.

E assim, entre destinos desconhecidos e vultos fugazes, Sofia aprendeu a abraçar sua solidão como parte de quem ela era. Naquele ônibus que cruzava a cidade sob o manto da noite, ela descobriu a beleza da introspecção e a força que residia em sua própria companhia. Não sofreria mais por quem não a merecesse.

A descoberta

Carlos Hahn

Ajeitou o uniforme sobre a cama. Não faria a sua lição de casa. Voltar à mesma escola, sabia ser impossível também. Definitivamente não voltaria a um lugar onde não fora bem recebida, fora ridicularizada e vilipendiada pelos colegas.

Deitou-se na cama, ao lado de seu uniforme, que no seu primeiro dia ela exibiu com tamanho orgulho que sua boca fora pequena para tanto sorriso. Chegou na escola na charrete que seu Nicácio conduzia e era puxada pelo seu cavalo mais querido, que ela batizara de Temporal. Era um bragado que nasceu meio raquítico e foi dado como morto, pois a égua, sua mãe, o rejeitou. Iria ser mais um filho que se perde do seu direito de crescer, pelo abandono de uma mãe desnaturada.

Mas Alice, indignada com a má sorte do bichinho, pediu a uma preta velha, a escrava Donga, para que fizesse alguma reza, uma mandinga, qualquer coisa para que o potrinho recém-nascido pudesse viver. A velha, com um olhar absolutamente terno, lhe disse que a vida também era formada de muitas mortes. Disse à menina que alguns de seus filhos também não tiveram a sorte de continuar a vida que ela lhes dera, porque os senhores de engenho não tinham preocupa-

ção com quem nasce e não lhes dá qualquer promessa de lucro. Quem não pode lhes render dinheiro não merece estar no mundo. Alice, entre chorosa e desesperada, pediu que a velha a ajudasse a salvar o potrinho.

Alice tinha certeza que o potrinho optaria por seguir vivendo, por isso insistiu.

— Minha filha, eu não tenho este poder. Também gostaria de que o menino potro siga vivendo, mas eu não sei se ele prefere isso, ou não. A vida de um cavalo é muito sofrida. Talvez ele não queira.

— Mas eu lhe peço que me ajudes. Eu vou cuidar dele para sempre.

A anciã se comoveu e prometeu à menina que faria suas rezas aos orixás. Pediu que ela fosse até a senzala, onde havia um pequeno congá. A menina foi até lá e ficou encantada com as diversas imagens de orixás. A preta Donga pediu que ela se ajoelhasse ante seus deuses africanos. Fez algumas rezas, que Alice não entendeu, mas fez força para acreditar. Faria tudo pelo cavalinho. Donga pediu que no fim do dia fosse com ela para a estrada do Caminho do Meio, para levar uma oferenda a Exu, o orixá das encruzilhadas. Donga explicou que o potro estava em uma encruzilhada entre a vida e a morte, por isso, o pedido era para Exu.

Antes de saírem, a preta velha preparou um banho de uma erva chamada abre-caminho, que colocou em água morna junto com folhas de louro e manjerição. A menina teve que molhar um pano macio nessa infusão e passar no corpinho esquelético do potrinho. Depois, foram até uma encruzilhada da estrada levando um pouco de cachaça, caju e maçã para agradar ao orixá. Deixaram a oferenda ao lado da via, bem na bifurcação.

A preta fez algumas rezas e lembrou à menina que Exu se compadecia de todos os seres e, por uma razão ou outra, auxiliava aqueles que se encontravam num caminho em que se deparavam com uma encruzilhada, ou seja, entre a decisão de enveredar para um lado ou outro. No caso, se decidir entre morrer ou continuar a viver.

O potrinho acabou sobrevivendo. Alice foi sua tutora e fez de tudo para que ele tivesse alimentação e cuidados. O bichinho acabou se afeiçoando a Alice. Os animais sabem reconhecer a ajuda recebida.

A partir disso, Temporal era apenas uma bonança. Aceitava qualquer pedido de Alice. No seu primeiro dia na escola, o equino também estava jubilante com a primeira aula da menina e puxou a charrete com prazer.

Alice, deitada na cama, chorando de raiva, lembrou-se desses momentos anteriores à sua estreia na escola. Nunca pensou que alguém que só quer o bem de todos os seres não seria aceita como uma pessoa de bem. O primeiro dia de aula lhe disse que não seria assim.

Sua mãe, que fora obrigada à conjunção carnal com o filho, quase impúbere, do senhor de engenho, nunca contara à Alice quem era seu pai. Sempre mentiu dizendo que seu pai falecera. O rapaz, quando soube da gravidez, quis reconhecer a filha, mas seu pai não permitiu. As coisas funcionavam assim, naqueles tempos de escravidão. Mesmo assim, dava certas regalias à menina.

Alice cochilou um pouco depois do choro, que quase manchou de lágrimas seu uniforme. Acordou uns momentos depois e pensou sobre o que fazer. Não, não poderia mais voltar àquele ambiente em que era quase tão insignificante quanto seu potrinho Temporal fora para sua mãe. Não tinha mais como voltar.

Sabia que Temporal não a poderia ajudar. Ele nem podia entrar na sala de aula. Se pudesse, por certo, ela teria um protetor lá dentro para se impor aos zombeteiros.

Em seus choramingos nem percebeu sua mãe chegando no quarto. Dona Maria José estranhou que sua filha já tivesse voltado da escola.

— O que houve, Alice? A aula terminou mais cedo?

Entre um soluço e outro, soluçando, a filha revelou os abusos e ofensas que sofreu.

— Falaste pra professora?

— Falei, mas ela me disse que era para eu aceitar, pois meus colegas só estavam brincando.

— O que eles disseram pra ti?

— Me chamaram de pau de fumo, tição, cabelo de piaçava e nega fedida.

— Amanhã eu vou na escola exigir que te respeitem.

— Não, mãe. Não posso mais voltar lá. Aquela escola é só para os brancos. E hoje eu descobri que eu sou preta. Não posso voltar. É muito dolorido.

E desabou a chorar. Lá fora Temporal relinchou como se entendesse a sua dor e a consolasse.

Sextou

Carlos Hahn

Eduardo, depois de um banho bem quente e revigorante, com seu roupão felpudo, sentou-se no sofá de sua sala ampla e confortável, junto à sua esposa Mônica.

A lareira estava acesa por sua empregada Irene, que já fora dispensada para o final de semana, em troca por ter trabalhado num sábado pela manhã. Não era inverno, mas a chuva lá fora trazia, com sua umidade, uma temperatura mais baixa. E isso, por si só, sugeria um fogo aceso.

Nesse aconchego, Eduardo foi à adega e escolheu um vinho, um Chablis Vincent Damp. Mônica perguntou o porquê de um branco. Eduardo, que gostava quase que só de cerveja, disse que não se agradava dos tintos e acrescentou:

— Eu gosto dos brancos.

Mônica tomou um gole do vinho e gostou do seu perfume, mesmo que preferisse um bouquet de Sauvignon, de um Tannat ou de um Nebbiolo, que só conheceu na adega do marido. Resignou-se, afinal, em sua vida inteira nem sequer imaginava beber um bom vinho, nem sequer saber a diferença entre um perfume ou um bouquet de um vinho. Aconchegou-se ao marido e agradeceu por tê-lo conhecido na faculdade, facul-

dade a que teve acesso pelo Programa de Cotas do Governo Federal. Enquanto ela se formou em Pedagogia, Eduardo não terminou sua faculdade. Mônica ergueu as mãos para o céu por poder desfrutar desse conforto.

Com o controle remoto, ligou a recém-comprada TV Smart de sessenta e cinco polegadas para assistir a algum filme na Netflix. Não achando nada interessante, optaram por um vídeo do Legião Urbana no YouTube.

Depois de meia garrafa do chablis, que estava delicioso e embriagante, a fome começou a dar o ar da graça. Mônica sugeriu uma pizza. Eduardo adorava pizza e topou a ideia.

— Vamos pedir uma pela tele-entrega. Peça uma com três sabores e borda de catupiri. Quero de filé e portuguesa. E tu, queres o quê?

— Vou pedir alho e óleo — Mônica respondeu distraidamente.

Encomendaram a pizza, que seria entregue em quarenta e cinco minutos. Uma hora depois, tocou a campainha do condomínio. Eduardo pediu para Mônica descer e receber o jantar. Mônica se surpreendeu com o entregador, em sua bicicleta, completamente encharcado pela chuva que não dava trégua. Graças ao zelo do entregador, a pizza não tinha nem sequer um pinga de chuva.

Pagou com seu cartão de crédito Diners Club e entregou uma nota de R\$ 20,00 como gorjeta pro “bikeboy”. O rapaz agradeceu.

— Obrigado, dona Mônica.

— Como tu sabes o meu nome?

— Eu sou o Gabriel, filho da Elenita, lá da Vila Madalena. Nós éramos quase vizinhos, lembra? Depois, a senhora foi estudar na faculdade e conheceu um grã-fino e acabou se casando com ele. Depois que sua mãezinha faleceu, a senhora não

tinha mais motivos pra visitar a Vila, né? Eu não sabia que a senhora morava aqui.

Pegou sua bicicleta, agradeceu os vinte pilas e se foi, pedalando na chuva. Podia inspirar um filme “Biking in the rain”, pena que Fred Astaire já não dance.

Quando chegou com a pizza, Eduardo a recriminou por ter dado R\$ 20,00 ao entregador. Ele havia espiado lá da janela lateral.

— Mas, meu amor, coitado do rapaz, estava todo molhado e com frio.

— Azar o dele, por que não se esforçou como eu para ter uma vida melhor?

— Talvez não tivesse tido oportunidade ou não tivesse uma mãe ou pai que o incentivasse, como minha mãe fez comigo. Aliás, tu nem precisaste de um esforço, pois herdaste a empresa do teu pai.

— Mas eu dirijo a empresa que meu pai me legou e sei quanto é duro controlar tudo. Meu pro labore é muito bom. Mas acho que mereço. Um curso superior não me faz falta. Esse rapaz provavelmente não se esforçou como eu faço todos os dias. Ele que lute como eu. Eu nunca recebi gorjetas. Tudo o que ganho é graças ao meu esforço.

Mônica preferiu não contestar. Mentalmente, começou a lembrar de alguns amigos lá na Vila que não puderam estudar e vivem de biscates.

Saborearam a pizza e tomaram o resto do vinho. Depois, foram dormir.

Enquanto isso, lá no coração da Vila Madalena, uma senhora erguia as mãos para o céu e pedia a Deus que todos os jovens de lá tivessem um emprego. Nem que fosse para entregar pizza, de bicicleta, em dias de chuva.

O Capão do Enforcado

Carlos Hahn

Ele estava estaqueando couros no sol, quando viu levantar poeira na estrada. Terminou de estender tudo quando o viajante chegou.

— Buenos dias. O senhor é Januário Baptista, o guasqueiro?

— Sim, sou eu mesmo. Em que posso ajudá-lo?

— Sou Guadalupe Sosa, capataz da Estância do Arvoredo, do Coronel Cerqueira Ramos, que o senhor deve conhecer.

— Sim, já ouvi falar dele. É pessoa importante por estas paragens.

— Pois eu vim lhe fazer uma encomenda de trançados, que o Coronel precisa. Eis um adiantamento do serviço. E lhe atirou um saco de patações.

— Trabalho é sempre bem-vindo. Qual é a encomenda?

O capataz estendeu-lhe uma lista com várias peças do pedido do Coronel. Eram laços, rédeas, buçais, peiteiras, rabichos, cabrestos, e até alguns bocais, que já andam meio em desuso. Pensou que o coronel fosse meio saudosista. Não sabia. De qualquer forma, o patrão do emissário lhe dera pouco prazo para entrega. Melhor cumprir esse prazo, pois esses figurões,

por qualquer dá cá uma palha, gostam de não pagar, alegando o não cumprimento do trato. Trabalhou duro por semanas para produzir as peças de couro cru que iria entregar para cumprir o acordo feito com o Coronel Cerqueira Ramos, para ter um final de ano mais tranquilo. Quando faltavam dois dias para a entrega e ainda algumas peças para serem feitas, ele ficou preocupado. Mas, pensou consigo mesmo, “Não podemos froxá. Vou conseguir.”

Ele vinha trabalhando várias horas por dia. Já andava meio cansado, mas o serviço iria lhe render uns bons patações. Como vocês sabem, a lida do guasqueiro é demorada, cada peça demanda cuidados e caprichos na sua feitura. O trabalho é artesanal e requer conhecimento do ofício e muito esforço e paciência.

Com os pilas dessa encomenda, pretendia arrumar o telhado do seu rancho, avariado por telhas quebradas e caibro fendido, depois do último temporal; comprar algumas ferramentas e umas roupas, pois andava mal de indumentária, para não dizer maltrapilho. Talvez até fazer umas extravagâncias. Afinal, pensava estar merecendo.

Pelo fato de estar há semanas trabalhando com afinco na manufatura de tantas peças de couro cru, nem lhe passou pela cachola que em sua viagem até a cidade teria que passar pelo Capão do Enforcado. Lembrou-se na antevéspera do dia marcado para a entrega dos artefatos ao coronel. Muitas histórias, contadas ao pé do fogo, num fim de lida, falavam de causos assustadores. Relatos de pessoas que, ao passarem pelo local, sentiam arrepios e a presença de algum fantasma a apertar seu pescoço. Um dos peões contou, jurando por sua finada mãe, que um conhecido foi encontrado morto sobre o cavalo, depois de cruzar pelo lugar amaldiçoado. O médico local, com quase nenhuma tecnologia, afirmou, baseado ape-

nas na sua longa experiência que a *causa mortis* do finado fora por sufocamento. Ou seja, disse ao peão, ele foi enforcado.

Mas o guasqueiro não dava muita bola para essas lendas. Porém, no sono da antevéspera, sonhou estar passando no Capão, ao anoitecer, e que sentira calafrios e um ventinho gelado em seu pescoço. Acordou sobressaltado, suando muito. Ora foi só um sonho, pensou.

Na véspera, pensou várias vezes naquele sonho. Por via das dúvidas, decidiu levar as encomendas, saindo de madrugada. Calculou que se saísse lá pelas cinco da manhã entregaria o material ao coronel, receberia seus pilas e poderia, sem judiar de seu cavalo, na volta, cruzar pelo Capão do Enforcado, com o sol ainda ardendo no firmamento. Lembrou-se que não havia relatos da assombração atacar alguém em plena luz do dia.

Ele era um guasqueiro que sempre levantava cedo. Não teria problema em acordar um pouco antes das cinco e sair pra jornada. Ao final do dia, pensou que talvez, pelos vários dias de trabalho duro, com poucas horas de sono, poderia não acordar cedo, dormir nas palhas e, por isso, ter que, ao voltar da cidade, cruzar o Capão fantasmagórico já de noite. Assustou-se um pouco o destemido peão. Sua mente, a cada momento, lembrava de algum relato galponeiro sobre os fantasmas que habitavam o Capão.

Resolveu procurar um velho despertador que há muito já não tinha serventia. Mas que nunca negara fogo e sempre o despertava na hora certa. Procurou nos armários empoeirados do seu galpão e encontrou o despertador. Deu-lhe corda, e ele voltou a funcionar. Mesmo assim, não confiava plenamente no velhote, já meio enferrujado.

Foi deitar lá pela meia-noite, não sem antes arrumar todas as encomendas em alforjes. Sentiu que a carga seria bem pesada para seu cavalo, seu querido Relâmpago. Mas era o que

se tinha. Foi dormir confiando que sua mente o acordaria e que, se falhasse o despertador o acordaria e não perderia a hora. Dormiu serenamente.

Acordou assustado, praguejando: despertador filho da puta. Não tocou. Pela altura do sol, já deveriam ser mais de oito horas. Que diacho, pensou. É a primeira vez que meu velho amigo me falha. Vou ter que correr pra não voltar muito tarde e ter que cruzar pelo Capão, já de noite.

Carregou os alforjes, açulou o Relâmpago e ganhou muitos minutos. Chegou à estância do coronel depois do meio-dia. Calculou que ainda daria tempo de passar o Capão assombrado, ainda com a luz do dia.

O capataz o recebeu, mas disse que o coronel tinha saído e já voltaria. Pediu que ele verificasse todos os artefatos para ver se estavam a contento. Alegou que tinha pressa de voltar. O capataz examinou tudo e disse que seus trabalhos eram de truz. Que estavam aprovados.

Ele pediu então que providenciasse o pagamento. O capataz lhe disse que o pagamento só o patrão poderia fazer. Ele tinha permissão e dinheiro na escrivania só para pequenos gastos. Teria que esperar pela volta do coronel. O guasqueiro pensou com seus botões, ah, mas vou deixar minhas preocupações de lado. São apenas lendas urbanas, ou melhor, lendas rurais. São apenas mitos (embora mitos tenham causado muitos estragos ultimamente), não têm relação com a realidade. Fantasmas não existem.

O coronel voltou duas horas depois, desculpou-se pelo atraso, examinou os artefatos e elogiou os seus trabalhos guasqueiros. Dito isso, lhe entregou os pilas. Ele contou os patações e agradeceu. E se foi *à la cria*.

Já estava anoitecendo e ainda faltava muito pra chegar no Capão habitado por miasmas espectrais, para não dizer, simplesmente, fantasmas.

A noite já caíra há mais de meia hora e ele divisou, graças à luz que clareava o campo, o capão fatídico. Decidiu não pensar nem temer o pior. Contudo, a apenas alguns metros do local, seu bragado, Relâmpago começou a trocar orelhas e refugou.

O guasqueiro parou por uns instantes. Avaliou a situação, mas não viu qualquer folha se mexer. Acalmou seu cavalo e seguiu. O capão tinha cerca de cem, cento e cinquenta metros de largura. Andou por mais alguns metros e se acalmou, nada além de lendas. Quando estava mais ou menos no meio da travessia, seu cavalo, de novo, estaqueou. Esporeou seu bragado para ver se cruzava logo o matinho. Depois dos primeiros passos do cavalo, começou a notar um ar gelado vindo do meio do mato. Apressou o galope e sentiu alguém pular na sua garupa. E uma corda ou fio em seu pescoço. Tentou se desvencilhar, lutou com todas as forças, mas o agressor era mais forte. Relâmpago relinchava e se debatia. O guasqueiro sentiu perder suas forças. Desmaiou.

Acordou completamente encharcado de suor ao toque do velho despertador que não falhara. Eram cinco da manhã.

E se não for a morte?

Edu Mussi

Percebi que meu corpo estava todo paralisado. Tudo estava escuro e, com as pálpebras fechadas, sequer consigo mexê-las. Apesar de estar sem visão, sentia o cheiro gostoso do perfume de Sandra, minha esposa, quando se aproximou de mim e me deu um beijo na boca, deixando o sabor adocicado de seu batom. Me arrepiei todo quando ela faz carinho em meu rosto com suas mãos de pele aveludada. Ouvia o barulho dos carros passando na rua e vozes vindas de todas as direções. Mesmo assim, não conseguia expressar qualquer manifestação para mostrar que estava vivo.

Deduzi que Sandra não estava chorando, mas senti sua tensão e nervosismo. Por ser uma pessoa racional, não fez escândalo e nem se desesperou. Ouvi quando digitou no celular e fez uma ligação. Quando atenderam, ela disse:

— Oi Olavo, acho que deu certo. Evaristo já era.

Olavo foi padrinho de nosso casamento e melhor amigo.

— Ótimo. Fique calma. Estou indo aí agora.

Meu Deus! O que está acontecendo? Que fizeram comigo? Tentei gritar, mas não saiu nenhum som para chamar por socorro. Não conseguia, sequer, mover os lábios. Comecei a ficar angustiado com aquela situação. Enquanto ela esperava

por Olavo, afastou o lençol que cobria da minha cintura para baixo e vestiu-me um short, pois estava nu. Assim fiquei, não sentia calor, nem frio, apenas uma discreta brisa entrando pela janela.

Algum tempo depois, que pareceu uma eternidade, ouvi a porta de entrada do apartamento sendo aberta por Sandra e Olavo entrou correndo perguntando:

— Onde ele está?

— Está no nosso quarto deitado na cama.

Ouvi o som de passos aproximando-se e senti quando ele tocou no meu braço. Pegou minha mão e por fim segurou no meu tronco e me sacolejou. Em seguida, falou sem nenhuma alteração na voz:

— Nosso plano deu certo.

Percebi o som que fizeram ao se abraçarem e o estalar característico de um beijo.

— Deu certo mesmo, Olavo? Será que não vão descobrir?

— Sandra pergunta com a voz trêmula, demonstrando nervosismo.

— De jeito nenhum. Esse veneno é poderoso, nem com a necrópsia conseguirão detectar. — Olavo, com sua frieza e segurança, tenta acalmar sua amante. — Estamos livres desse cara, meu amor.

Ao ouvir aquelas palavras ditas por Olavo, fiquei, além de atormentado, revoltado e mais aflito por não conseguir reagir. Sandra postou-se ao lado da cama, pegou minha mão e ficou fazendo carinho.

— O que você está fazendo? Está com peninha? — Olavo fala aborrecido com a atitude de Sandra.

— Ah! Olavo, não seja grosso. Afinal, foi meu marido.

— Tudo bem. Precisamos tratar de alguns procedimentos necessários, Sandrinha. Primeiro vamos chamar o SAMU. De-

pois, registrar um boletim de ocorrência e por último chamar uma funerária.

Ao ouvir aquilo me deu um alento de esperança: Se Deus quiser o pessoal do SAMU vai descobrir a tramoia desses dois e constatarem que estou vivo.

A chegada do SAMU foi um estardalhaço; parecia que aquelas pessoas, não sei quantas, estavam chegando para um churrasco e não para verificar uma pessoa supostamente morta. Não sei quantas eram, porque todos falavam ao mesmo tempo, e isso me impedia de saber a quantidade. Tentei mexer-me. Mover as pernas, pelo menos um dedinho do pé, qualquer movimento ou som para chamar a atenção deles, avisando que eu estava vivo. Para minha angústia, não conseguia fazer nada. Uma delas aproximou-se de mim, pegou meu pulso, encostou o estetoscópio no meu peito e depois de um breve tempo disse:

— Está morto.

Pela voz, deduzi ser uma mulher. Fez algumas perguntas sobre mim e, por fim, ouvi um barulho de papel sendo destacado de algum lugar:

— Aqui está o atestado de óbito.

Meu desespero redobrou. A esperança que depositava no SAMU arruinou-se com aquele atestado. Após a saída deles, Olavo chamou Sandra e disse:

— Vamos até um posto policial registrar o boletim de ocorrência. Leve o atestado de óbito. De lá passaremos numa funerária.

Depois que aqueles criminosos saíram, o silêncio tornou-se sepulcral. Às vezes, pensava em várias formas de morrer. Imaginava morrer numa queda de avião; num atropelamento por carro; uma parada cardíaca repentina; acometido por câncer letal; até por bala vindo de um assaltante, mas nunca me veio

a ideia de ser enterrado vivo. Deve ser uma morte terrível e estou prestes a passar por essa situação. Fiquei aterrorizado. Lutei tanto para ficar ao lado de Sandra e agora ela está me deixando de um jeito inusitado. Me veio à lembrança do dia que nos encontramos. Foi numa praia. Eu e Olavo estávamos tomando cerveja num quiosque e ele, com sua malandragem, disse:

— Olha aquela gostosa ali — indicando-me a Sandra.

Ao virar o rosto, nossos olhares se cruzaram fiquei fascinado por aquela mulher. Tive a impressão de que já a conhecia há muito tempo.

— Vou lá falar com ela. É muito linda — disse Evaristo, entusiasmado.

— Nada disso! Eu vi primeiro. Sou eu quem vai. — Retrucou Olavo pulando na minha frente.

Fui mais rápido que ele, me aproximei dela e me recebeu com um lindo sorriso.

— Tudo bem? — Ela disse levantando-se e batendo a areia da bunda. — Será que já nos conhecemos?

— Acho que não, mas quando a vi tive essa impressão. Me chamo Evaristo e foi meu amigo quem me mostrou você.

— Chame-o para se juntar conosco.

— Sou Sandra, muito prazer, disse estendendo a mão para meu amigo.

— Muito prazer. Me chamo Olavo.

Daquele dia em diante, nos tornamos amigos. Olavo, por ser funcionário de uma transportadora, quase não tinha tempo para se divertir. Eu sou músico, toco na noite em bares, tinha o dia inteiro para bater perna. Sandra, dentista, com consultório próprio, ganhava muito bem, tinha uma vida financeira muito mais folgada. Durante alguns meses insisti em namorar Sandra, mas ela não aceitava. Dizia que eu não era a

pessoa certa. Sandra é uma pessoa que tudo dela tinha que estar no lugar certo, metódica, mas sabia o que queria. Eu, por outro lado, vivia à toa. Não vislumbrava nenhum futuro para mim. Vivia apenas o presente. Entretanto, eu era alto astral, sempre de bom humor, brincalhão, não havia monotonia comigo e percebia que a Sandra gostava de estar comigo, porque eu alegrava a vida tensa dela. Depois de muitos encontros e muitas conversas aconteceu o primeiro beijo. Foi um beijo tão intenso que nos deixou inebriados. Quando nos afastamos um pouco, com nossas testas encostadas, ela disse:

— Enganei-me a respeito de você. Te amo.

Colou novamente seus lábios nos meus e aconteceu mais um beijo ardente. Aquele dia foi o momento mais feliz da minha vida.

Namoramos durante seis meses e nos casamos logo em seguida, porque não queríamos mais esperar, afinal, estávamos com trinta anos.

Sempre fui apaixonado pela minha esposa. Minha paixão não permitia eu ver que não havia reciprocidade nesse relacionamento. Brigávamos por besteira.

— Evaristo, já lhe falei mil vezes para não colocar os pés sobre a mesinha do centro. Você continua fazendo isso, só para me provocar.

— Ah! Não enche o saco, Sandra. Estou cansado.

Ontem completamos um ano de matrimônio. À noite fomos jantar num restaurante luxuoso, pois entendemos ser um dia muito importante em nossa vida e por isso não deveríamos pensar em economizar. Saímos do restaurante às 23 horas e fomos direto para nosso apartamento continuar a comemoração na cama. Fizemos sexo a noite inteira e entramos pela madrugada. Estávamos muito excitados e nosso apetite sexual não se esgotava. Bebemos uma garrafa de vinho. Até

onde me lembro, fomos parar quase quatro horas da madrugada. Lembro disso, porque fui ao banheiro urinar e olhei a hora no meu relógio sobre a bancada da pia. Retornei para a cama e em seguida a Sandra foi ao banheiro, também. Só lembro até aí.

Escutei barulho de fechadura vindo da porta de entrada e vozes da Sandra e Olavo. Ao entrarem no quarto, ele falou:

— Providenciamos tudo. Logo mais chegará o rapaz da funerária para verificar o corpo e nos apresentar os modelos de caixões.

— Não vamos escolher caixão caro. Nada de gastar dinheiro com essas coisas — ela falou com determinação, e foi separar roupa para Evaristo à espera da funerária para vesti-lo.

— Será que precisaremos fazer algum velório?, — inquiriu Olavo.

— Não o levaremos para nenhum lugar. Ficaremos com ele aqui mesmo, até a hora de levá-lo para o cemitério. Não avisarei ninguém. Ele não tem nenhum parente.

Depois de algum tempo, chegou um homem com voz cavernosa. Apresentou-se como agente funerário e explicou todos os procedimentos. Disse que cuidaria de tudo, exatamente de acordo como a Sandra escolheu. Ficou acertado que o sepultamento seria no dia seguinte, às 10 horas da manhã.

Quando chegou o caixão, não pude ver seu formato, mas percebi movimentos no quarto, onde minha esposa arrastou duas banquetas para colocar o ataúde em cima. O agente funerário e Olavo carregaram e colocaram-me dentro daquela caixa de madeira. Senti que estava acolchoada e tinha até um pequeno travesseiro. E assim ficamos o resto do dia e entramos pela noite. Para meu desespero, meus movimentos não retornaram. Continuava paralisado, mas ouvindo todo e qualquer barulho. Às vezes o silêncio era prolongado, de vez em

quando Sandra e Olavo trocavam palavras carinhosas e percebia que estavam nos amassos. Desconfio que até fizeram sexo ali, porque escutava gemidos de Sandra.

Identifiquei o dia amanhecendo pela brisa, quando Sandra abriu a janela. Com o passar do tempo, ficava cada vez mais apavorado com o que estava prestes a acontecer comigo. Experimentava uma sensação de ser levado a um lugar onde seria executado de maneira sumária.

Algum tempo depois, chegaram três homens. Conclui pelas vozes. Eram da funerária e seriam responsáveis pelo transporte do caixão até o cemitério. Compreendi, então, que já estava se aproximando das dez horas.

Nem bem os homens chegaram, anunciaram para a Sandra que já estava na hora de saírem. Pegaram a tampa do caixão e prenderam-na com uns grampos nas laterais. Meu desespero chegou ao extremo. A claridade divisada, mesmo através das pálpebras fechadas, desapareceu por completo. Fiquei no escuro intenso. Em seguida senti o movimento do caixão sendo carregado. Alguém disse:

— Teremos que descer pela escada, pois ele não cabe no elevador.

Outro completou:

— Ainda bem que estamos no quinto andar.

Fui colocado no carro da funerária e meus assassinos foram junto comigo. Ao chegarmos, retiraram-me do carro e levaram até o interior do cemitério. O agente informou à Sandra:

— É na gaveta da terceira fileira e quarta coluna, de número 1102. Chegando ao local, sem mais delongas, fui colocado na gaveta. Senti que minha cabeça ficava para dentro e meus pés na direção de fora. Naquele momento já estava resignado e passei a esperar a morte. Logo depois que colocaram a

chapa de fechamento da gaveta, percebi meus braços se mexendo. Experimentei as pernas e consegui curvá-las. Naquele momento, o desespero veio com toda a intensidade. Passei a esmurrar a tampa do caixão e chutar com toda minha força a parede onde estavam meus pés, mas nada se mexia.

— Evaristo, o que está acontecendo?

Sandra largou a bandeja com o café da manhã, ao entrar no quarto, e debruçou-se sobre meu corpo gritando:

— Evaristo! Calma, Evaristo! Segurou nos meus braços e procurou desviar-se dos movimentos das pernas que chutavam o vazio com força.

Olhei para os lados espantado. Sandra continuava segurando nos meus braços, assustada. Virei em sua direção, mas fiquei calado por um breve momento e depois comecei a rir. O riso foi aumentando até se transformar numa gargalhada espalhafatosa. Eu gritava, ria e chorava ao mesmo tempo. Sandra não entendia nada. Quando me acalmei, peguei-a pelos braços e puxei-a para cima de mim. Ela, vendo minha excitação, entrou no clima, me abraçou com força e fizemos amor, naquela manhã ensolarada, como nunca tínhamos feito antes.

A flor de ipê

Elsa Timm

Pedro sorriu ao avistar a figueira ao longe, espalhando sombra larga sobre a areia branca. O cavalo suado diminuiu a marcha e parou agradecido perto de uma raiz grossa, saída da terra como jiboia. Pedro olhou para trás, quase medindo com os olhos as léguas vencidas. Não faltava muito para São Constantino.

Sentou-se no tronco, a raiz servindo de banco de galpão. O cavalo caminhou até lagoa e bebeu com pressa, respingando água, como se quisesse sorver o mar de dentro.

Do bolso, Pedro tirou o bilhete que lhe guiava a jornada. As letras borradas ainda diziam *“Venha me buscar”*. Só podia ser dela. Vira a morena duas vezes apenas. A primeira, um ano e meio atrás, quando fora buscar sementes no povoado. Enquanto carregavam a carroça, avistou-a na janela azul, tentando alcançar uma flor amarela do ipê. Pedro não pensou duas vezes, colheu uma caída e prendeu-a na trança da moça. O sorriso dela ficou morando em seus sonhos por um ano inteiro.

A segunda vez foi na festa do patrão, na semana farroupilha. Amigos pilchados, mate de mão em mão, carne de ovelha assando na brasa. Uma carroça chegou com o gaiteiro e pren-

das da cidade. Entre elas, a morena. Parecia que o sol tinha nascido dentro do galpão. Pedro a tirou para dançar. Vaneira, xote e na milonga ela encostou a cabeça no peito dele, onde um coração galopava descontrolado. Um velho soprou-lhe no ouvido:

— Cuidado, Pedro. Coração de chinoca bonita é mais disputado que carreira em cancha reta.

Ao clarear do dia, a carroça partiu, levando a moça e um pedaço dele. Desde então, Pedro andava com a cabeça nas nuvens, esquecendo porteiras abertas, e apartando o gado errado. Até que chegou o bilhete, entregue por um tropeiro de passagem.

Pedro lavou o rosto na lagoa e seguiu em trote firme.

Chegou a tempo de vê-la entrando na igreja, coroa de véu de noiva e vestido branco cobrindo o corpo magro. Ao lado de braço dado, um coronel de fatiota clara e bigode branco exagerado.

A pequena multidão aguardava o casório e o churrasco. Pedro avistou o tropeiro:

— Foi tu que me trouxeste o bilhete!?

— Foi sim, Tava esquecido há um ano no fundo da minha guaiaca.

Pedro se afastou cabisbaixo. O velho tinha razão. Ajustou o chapéu no pescoço e recolheu uma flor amarela caída. Solitário, voltou ao pago, embalado por um minuano que, gelado, soprava no peito a lembrança do amor perdido.

Biscoito de cacau

Elsa Timm

A cortina balançou levemente com a brisa do ventilador, deixando o sol tocar o meu rosto. Abri os olhos, ainda confusa sobre que dia era. Sábado, percebi logo depois. Meu dia de visitar a avó Maria. Levantei-me rapidamente da cama e, enquanto tomava um banho morno, fiquei imaginando o que poderia acontecer hoje. Afinal, com minha avó, sempre havia algo novo a descobrir.

O arranjo familiar funcionava bem: todo sábado, um de nós visitava a avó e passava a tarde fazendo algo escolhido por ela. Normalmente, ela gostava de ir até a praça próxima ao apartamento observar as crianças brincando.

Eu ainda tinha algum tempo antes de sair, então aproveitei para arrumar um pouco o apartamento. Durante a semana, o tempo era escasso. Se eu levasse a sério as conversas com minha terapeuta, entenderia que o que me faltava era planejamento. Passava horas vendo a felicidade (ou suposta felicidade) dos outros nas redes sociais. Aquilo era viciante, e a pilha de livros não lidos crescia a cada mês.

Na verdade, ainda estava encantada por morar sozinha e ter alcançado minha independência. O apartamento era pequeno, mas tinha sido o que consegui financiar. Não podia re-

clamar do meu emprego como designer: produzia muitas imagens e textos, e meu chefe parecia satisfeito com o resultado.

Dos amores antigos, restavam apenas algumas fotos no celular. Adia o momento de apagá-las, sem ter certeza se realmente faziam parte do passado. Minha mãe achava que casamento resolveria todos os meus problemas:

— Letícia, tu és muito exigente — dizia, enumerando as qualidades dos meus últimos três ex-namorados. — Olha a tua irmã! Feliz e bem-casada.

— Mãe, sou criteriosa. Escolho bem para não descartar logo em seguida. Estou avaliando os candidatos ou candidatas — respondia, encerrando a conversa.

Para ser sincera, até eu duvidava se encontraria alguém que preenchesse todos os meus critérios. Talvez faltasse emoção na minha vida, mas ela não precisava necessariamente vir do amor. Viajar poderia ser uma boa opção, mas minhas economias estavam comprometidas naquele momento. Gostava da minha vida como estava, ainda que os outros achassem que faltava cor.

Peguei o carro e, em meia hora, estava no condomínio onde a avó morava. Não tomei café antes de sair, pois sabia que ela sempre preparava um verdadeiro banquete para quem a visitava. Minha irmã garantia que a avó estava bem, embora estivesse um pouco mais silenciosa que de costume. Também mencionou que ela tinha pedido para ver a vitrine de uma loja infantil nas proximidades.

Ao chegar, o abraço apertado com cheiro de baunilha já me esperava, junto com café fresco, pão de milho e geleia de uva.

— Vou terminar de fritar as cuecas viradas — disse, sorrindo. — Vai te acomodando.

Enquanto comia o pão macio, perguntei como tinha sido sua semana.

— Tudo bem. Dei minha caminhada até a padaria e sempre encontro alguém para conversar. Tomei chá com a vizinha do 203, a Tereza. Ela fez aniversário e agora me alcançou na idade: 85 anos!

Observei-a admirada, pensando em quantas pessoas chegam a essa idade com tanta vitalidade.

— O que vamos fazer hoje, vó? Quer ir à praça ou prefere outro lugar?

— Queria que me ajudasses a fazer biscoitos. Achei uma receita bem gostosa no meu caderno — respondeu, mostrando um conjunto de folhas antigas.

Disse que seria um prazer e sugeri ouvirmos música enquanto preparávamos os biscoitos. Lavei a louça do café e ajudei-a a reunir os ingredientes cuidadosamente guardados nos potes coloridos. Coloquei tudo sobre a mesa, incluindo o velho cortador de massa com o qual brincávamos na infância.

A música da orquestra de Paul Mauriat preencheu a sala, trazendo um sorriso ao rosto da avó. Música sempre esteve presente na sua vida, fosse cantando no coral da igreja ou dançando nos bailes da terceira idade.

— Pega uma folha para copiares a receita — disse, enquanto colocava farinha numa vasilha.

— Vou anotar no celular, vó — respondi, já digitando. — Como se chamam esses biscoitos?

— Biscoito de cacau — explicou, misturando os ingredientes. — Vamos usar os cortadores em forma de coração.

Enquanto ela misturava a massa, peguei os cortadores e perguntei quais tamanhos usar.

Ela sorriu e disse:

— Se os corações forem como o amor, melhor fazê-los de vários tamanhos. O amor também muda com o tempo.

Fiquei em silêncio, reconhecendo que meu conhecimento no assunto era limitado. Ao abrir a lata de achocolatado, ela me interrompeu:

— Vou usar cacau puro, comprei na padaria — explicou, preenchendo a forma com corações.

O aroma de chocolate tomou conta da cozinha. Enquanto aguardávamos a primeira fornada, moldei mais biscoitos.

— Esse cheiro me lembra dele — sussurrou minha avó, retirando a forma do forno.

— De quem, vó? Do vô? — perguntei, surpresa.

Ela se virou lentamente, com um olhar distante:

— Não... do primeiro. A gente se encontrava perto do pé de cacau. O meu filho, ele e eu. Esse cheiro... é como se eu estivesse lá novamente.

O silêncio ocupou a sala e, após algum tempo, perguntei cautelosamente:

— Tu tiveste outro filho? Sempre achei que a mãe era filha única.

— Meus pais acharam melhor entregá-lo a outra família — respondeu calmamente. — Eu era muito jovem e não saberia cuidar.

Intrigada, perguntei:

— E esse pai, vó, quem era?

— Ele vem me visitar todos os dias — respondeu com tranquilidade. — Só pedi para não vir aos sábados, porque gosto de dar atenção a vocês. Mas ele não era o pai do meu filho.

Sua certeza me deixou inquieta. Perguntei delicadamente:

— Quem é teu namorado, vó?

Ela apenas sorriu e desviou o assunto:

— Cuida para que os biscoitos não fiquem mais de treze minutos no forno.

Ela não tocou mais no assunto e, por um momento, pensei em avisar minha mãe. Talvez a avó estivesse começando a delirar. O aroma delicioso dos biscoitos afastou minhas preocupações momentaneamente.

A avó, espirituosa, retornou:

— Quando te casares, arruma alguém que saiba a diferença entre manteiga e margarina. Esses biscoitos precisam continuar na família por várias gerações.

Após experimentarmos alguns biscoitos, lavamos a louça enquanto ela cantarolava uma música antiga. Em certo momento, parou e disse:

— Precisamos deixar lembranças do que vivemos, senão parece que elas nunca aconteceram.

Ajudei a guardar os potes, e, ao recolher o velho caderno de receitas, uma fotografia amarelada deslizou e caiu aos meus pés. Agachei-me e peguei com cuidado.

Na imagem, uma menina de tranças — minha avó, com certeza — sentada em um banco de madeira. No colo, um bebê sorria com os olhos semicerrados para a câmera. Não era minha mãe. Era outro, tinha os cabelos pretos e lisos.

Mas o que me fez congelar foi a expressão daquele bebê. Eu já tinha visto aquele rosto. Em outra foto. Em outro lugar. De alguém que eu conhecia.

Olhei para a minha avó, que me observava em silêncio. Ela não disse nada. Apenas pegou a forma com a última leva de biscoitos, colocou na bancada e, como se estivesse me ensinando algo mais do que uma receita, disse:

— Agora espera. O sabor se revela no tempo certo.

Correspondências com Sherazade, em vigília

France Gripp

Carta I

Caríssima Sherazade,

Há quanto tempo... São milênios de memórias de tuas encantadoras histórias entre nós. Centenas de gerações as nararam em numerosas línguas, e não há mais limites de alcance para elas, entre o Ocidente e o Oriente. Ecos, indícios, risos e odores de personagens, episódios impregnam a cultura nos tempos e espaços afora. Contas aventuras, ilusões, lendas, peripécias, povoadas sempre pelo vozerio de inúmeros narradores, em muitos tons e cores dos mundos orientais. Entre tantos nomes, somente à tua portentosa figura feminina coube conduzi-los como desejavas, e segundo o teu maravilhoso poder de imaginação e fala.

Admirável como fizeste o homem-rei, embebido em ódio cego ao feminino, sobrepujar os territórios íntimos, insulados de aridez e loucura, para aceder lentamente à amabilidade, todo ouvidos e olhos para ti.

Além das mil e muitas narrativas de excitação e encantamentos, deixaste-nos tua própria história de ousadia e cora-

gem, inteligência e astúcia, persistência e resiliência e, sobretudo, inesgotável crença no triunfo da humanidade sobre a barbárie.

Estimada Sherazade, deste vazão a um projeto inafiançável. Foste surda a todo apelo, pensamento que não fosse em favor do direito à vida de mulheres indefesas. Sobre o gume da navalha caminhaste todas as noites, a sofrer o terror iminente da própria morte. Ciente de que o insucesso em urdir e tramcar os fios faria cair o cutelo com maior sofreguidão sobre as demais mulheres.

Tua história é feita de dualidade penosa, irrespirável, e ainda de enredos saborosos e perigos, tecidos pela imaginação, enquanto a ameaça crua de um pátio de execuções estava, e ainda está, à espera.

Ao fim das milhares de noites junto ao sultão, porém, para grande felicidade do reino, todo o terror, toda bruteza e maldade se tornaram brumas esparsadas no horizonte de uma nova manhã sem medos. Assim afirmam todas as lendas. Curaste pelo amor, senhora Sherazade, e com o inexplicável poder do perdão, mas não compreendo como foi possível tal amor.

Vigília I

Uma vez mais, para Shariar, a noite de prazer se dissipou. Em seus aposentos, posso ver os adamascados esvoaçando nas janelas e balcões, testemunhas que mal encobrem o belo sol a nascer, impassível e tremendo. Sou um olho que vagueia e uma voz que murmura em surdina. O homem-rei finalmente adormeceu, entre almofadas de seda bordada e exuberantes tapetes reais. Em alguma dobra dos lençóis, também repousa uma adaga em lâmina de prata e nobre punho, ornado em pedrarias.

Deitada aos pés do leito, Sherazade tem mais um dia de vida. O que existe em um dia? O que permanece em qualquer uma das horas de jornada entre um dia e uma noite sobre o chão? Mais um dia.

Desses aposentos do sultão califa, de suas janelas e balcões, sigo vigilante os destinos de Sherazade. Posso aspirar com ela os humores de coito, impregnados na atmosfera abafada, densa ainda de aromas de incenso e óleos. Daqui também se tem visão das rosas vermelhas e dos galhos de ciprestes que vivem lá adiante, nos jardins. Eles ofertam seus perfumes quando o calor lhes aquece o verde coração, e muito alentam a quem espera um dia mais para viver.

A jovem que conta histórias está só, nesta manhã de sobrevivência. Seus olhos estão nublados pela insônia fatigante. Seus lábios não desejam se abrir, a voz está exausta da prolongada ação de narrar; sua mente necessita de repouso, ao mesmo tempo em que deve se concentrar em devaneios que lhe tragam novos episódios de aventuras e intrigas, para contá-los ao sultão na próxima noite. Sherazade está orgulhosa do triunfo. Estar viva é mérito de seu projeto tão arrojado quanto um salto noturno sobre o abismo.

A mulher das noites está viva e deseja mais viver; assim como eu, deste lado da história. Sherazade estende a mão por uma tâmara, que mordisca com ar distraído, mas sua fabulação não tem descanso. Agora sentimos outros aromas. Alimentos estão sendo preparados na cozinha, de onde parecem vir também os sons discretos de passos dos criados atravessando o pátio, e os murmúrios de vozes a despertar, aos poucos, o vai e vem nos corredores, nas varandas, nas salas e outras dependências do palácio.

Destas janelas e balcões, ouvem-se também os cães que ladram nos canis, ainda presos nas correntes. Em breve esta-

rão a correr em liberdade pelas alamedas, onde já transitam os fornecedores de provisões, os pequenos feirantes das aldeias, vindos de longe. Ouvimos ainda o ranger de carros e de patas de cavalos; talvez eles conduzam os distintos encarregados de negócios do reino. Retornam de países distantes e agora vão prestar contas ao vizir.

É uma bela paisagem, um belo reino. Quisera fosse animado dessa mesma vitalidade o espírito de Shariar; mas não. E são muitos os homens sombrios como ele.

Membros da guarda palaciana se apresentam agora para a troca de turno. Eles são olhos e punhos do califa, estão à espreita em toda parte. Nada pode ser diverso do que ordena a sua lei. No pátio, sempre estão o algóz e o cutelo; brilha o fio aguçado do alfange.

Estamos nos domínios de Shariar. Sherazade e eu temos mais um dia para contar.

Carta II

Estimada Sherazade,

Fizeste um trabalho inacreditável, senhora Sultana, mas para isso te subjugaste à lei e ao leito do sanguinário. Sem outra esperança de sucesso que não a crença em teus saberes e potência de imaginação, negociaste com a própria vida. Assim, fizeste concessões – não somente de tuas noites, mas de teus mil e um dias na contraluz da história.

É admirável como a cultura em que vives, cujas origens se confundem na ancestralidade de tempos e povos milenares, te erigiu – uma mulher – como figura superior de sabedorias e conhecimentos. Tua experiência, porém, jamais deveria ser repetida. Nunca mais.

No entanto, vivemos entre ameaças que parecem perpétuas, cara Sherazade. Por toda parte há quem queira alijar-nos de nossos lugares e de nossas cabeças. As garras cruéis, os

braços maciços e a língua farpada continuam nos perseguindo, afligindo, aterrorizando, destruindo. Muitíssimas mulheres andam curvadas sob a própria impotência e desolação; os rostos vincados pelo medo e brutalidade com que são tratadas. Muitas vezes trazem os olhos vazados para não verem o destino cruel de suas filhas e filhos.

Nada parece contentar a esses que rejeitam a existência das mulheres. Assim rejeitam também a tudo que se povoa como cuidados, alegrias, futuro. Na era da inteligência, recrudescer a crueldade, enquanto a bondade se torna vã. Os homens que odeiam contaminam a terra toda com seu ódio; matam as possibilidades de trânsito da palavra. E seguem matando-se uns aos outros, pois que têm a guerra como prerrogativa da virilidade. A destruição total emerge como o final desejo. A memória de tempos de paz está apagada. Teria essa existido um dia?

Vigília II

Outra noite se passou, embalada pelas ondas sonoras dos contos de Sherazade. Fascinado pela voz narradora, ao final, adormeceu Shariar no seio da mulher.

A se olhar sobre o leito este corpo de máscula beleza, os pelos cobrindo a pele acobreada, a face ainda jovem a ressonar levemente com lábios úmidos entreabertos, não se adivinha o aviltamento e a inclemência de seus atos; ali mora o mal.

O ar da nova madrugada afinal entra pelas janelas e balcões e refresca. Como é belo o amanhecer! A natureza oferta vida e beleza sem medir-se. No jardim, garças brancas e vermelhas estendem as pernas e os bicos no lago a apanhar os peixes, e abrem as asas ao sol nascente.

O corpo feminino é um pássaro aprisionado. Sherazade-pássaro traz penas fustigadas pela noite de refrega na cama do estranho que detém pleno poder de morte sobre si e todas as mulheres.

Sigo os olhos de Sherazade a buscar a paisagem que se mira das janelas; ponto de suavidade e inspiração para cada manhã. Das aléias enfolhadas, ainda úmidas da aragem noturna, agora ouvimos o cíciar de cigarras, o zunir de besouros. Mesmo o zumbido de abelhas que vem da encosta da colina, onde as miúdas trabalhadoras visitam os narcisos amarelos. Os bem-te-vis chamam no arvoredo. Os beija-flores bicam as bromélias, enquanto as araras grasnam, e as águias de olho arguto sobrevoam o campo onde cabras estão balindo à espera do pastor. Os domínios de Shariar são belos; mas ele não os merece.

Lá fora são abundantes os seguidores do sanguinário, em grotesco cortejo de absurdos. Por toda parte as mulheres seguem assaltadas por flagelos e o terror de ter a vida por um fio.

Em breve o poderoso Shariar se levantará para as governanças do dia. À noite, desejará o rei ouvir outra longa e interessante história? A incerteza aflige e exaspera a contadora de histórias. Ainda assim, no palácio do sultão, Sherazade e eu temos mais um dia.

Carta III

Sherazade, nobilíssima,

As mulheres necessitamos de teu destemor, persistência, resiliência e mesmo de tua criadora eloquência, mas não da submissão de nossos corpos e mentes. O enredo da sedução feminina trouxe mais desalentos que energias, precisamos dizer-te. O direito à vida nunca pertenceu a homem algum; e

o lugar de reféns da sorte serve bem somente aos homens. É preciso reafirmar isso todos os dias, porque a convivência harmoniosa está tão distante quanto um sonho que nos faz sorrir ao amanhecer.

Na verdade, pesadelos nos assaltam enquanto acordadas; estão povoados de figuras pérfidas que se multiplicam à solta, muito reais. A tirania do macho causou danos a todos os seres e ainda se estende como erva daninha por toda parte, geração após geração.

Precisamos de esperanças; talvez de uma Sherazade feliz e de outras provocações que nos levem adiante. Necessitamos sonhar que, um dia, aqueles que se alinham a Shariar saberão sorrir com doçura para as mulheres e para si mesmos. Assim sorrindo, quem sabe sorrirão para os demais, quem sabe assim se entenderão, e nós nos entenderemos também.

Querida Sherazade, enquanto esse dia da fraternidade não chega, que Alá e todos os deuses nos concedam boas histórias! Que elas possam ser refrigério no deserto, abrigos nas tempestades, aconchego entre a multidão indiferente e solidiedade quando a hostilidade e o abandono afligirem.

Vigília III

Um dia e uma noite; Sherazade ainda vive! Na alcova magnífica, a narradora do sem-fim vela o sono do verdugo, uma vez satisfeita sua sede de histórias e de sexo. Shariar é o mais poderoso sultão do mais poderoso Império entre a Índia e a Pérsia, entre os mais poderosos impérios sobre a terra. Nesta manhã, é somente o corpo nu de um homem na cama.

Shariar e sua onipotência sangrenta julgam possuir esta que está a tecer com afinco e minúcias a libertação das mulheres de seu jugo monstruoso. Sherazade é esta inteligência que também é um corpo enredado em seu leito.

Vejo mais uma vez a mulher narradora se desvencilhar dos lençóis e se levantar nua. Ainda há sombras para a luz do sol que desponta. Com leveza, ela atravessa o grande quarto até as janelas e balcões, que entreabre em busca de ar fresco. Ao mirar o céu, o olhar vagueia como nuvem deslizante ao vento. Reinam as luzes do azul e do amarelo, e tudo se ilumina e se espelha em outras janelas e balcões que se abrem na paisagem, que também se abrem para outras janelas e balcões.

Sherazade se encanta, surpreendida. A visão se lança adiante, em busca de mais – aberturas, frestas, orifícios. O desejo de sentir, vibrar com a vastidão, ir ao mais além. Uma cadeia de alegorias nos enlaça, Sherazade e eu, neste alvorecer de despertares: a liberdade.

Sherazade se desloca pelos aposentos do homem-rei adormecido. Deixa exalar um suspiro longo e imerge em banho de sais, óleos e ervas. Seu corpo assim ficará acalentado por mais este dia, e a mente terá um breve repouso.

O dia se ergue, e sabemos que há olhos que nos olham sem serem vistos; vozes que nos falam sem nada nos dizerem. Também miradas e sussurros sibilantes atravessam distâncias entre janelas e balcões.

É preciso mais um dia para que a narradora possa urdir e tramar os fios das histórias e enfrentar a noite intensa junto a Shariar. Depois, deverá se preparar para o dia seguinte, e o próximo dia, e o dia depois desse, e mais outro, mais outro, e outro, se quiser viver. Até quando?

Em algum lugar existe um talismã da vida, disseram-nos. O tempo, porém, parece soprar a sorte de viver para quando e onde quiser, tamanho é o mistério.

Lá fora, centenas, milhares, milhões de cabeças aguardam em suspense. Temos mais um dia, Sherazade e eu. A felicidade, enfim, está adiada.

Cabeça de peru

Lucas Lôbo

Enfim, dezoito meses depois, J.J. terminou o romance (hora de sair do claustro). Era o tipo de escritor que os professores universitários adoravam ignorar em simpósios acadêmicos. Os mais gentis simplesmente se recusavam a comentar, alegando que a produção dele era “matéria de mercado, não de estudo”. Ele não se importava. Nunca se importou. Sequer fazia parte de panelinhas maconheiro-literárias.

Agora, vagava outra vez por uma de suas lojas favoritas de livros e vinis — esses redutos culturais que, por mais pobres que se tornassem com o tempo, ainda teimavam em oferecer, entre barricadas de lixo fraudulento, uma ou outra obra de algum mestre.

Um ano se passou se passou sem novidades. Já estava seu editor berrando ao telefone: “Vai ser um recorde de vendas!”

Mas essas palavras não surtiavam qualquer efeito diante de sua apatia. E essa apatia era um vislumbre do buraco de dentro. Não esqueçamos da falta de fome, insônia, tédio e irritação sem motivo aparente. Era o quarto romance. Enquanto cada livro era lançado, ele via-se mergulhado nesse poço.

— Por que você não fala com alguém?, — perguntou a irmã.

Ela tateava seu queixo, sua fronte e seu braço, não antes de meter a mão por sob sua camisa de linho e dedilhar os ossos pronunciados de suas costelas. Dessa vez, com certeza, estavam mais altos. A pele parecia fina, enrugada. Os movimentos impressos pela irmã o deixavam sonolento. Era uma inspeção que ela fazia sempre que passavam uma temporada sem se ver.

— Voltou a emagrecer. Que merda é essa, Jota?

— Acho que quero morrer.

A irmã, sem responder, passou uns segundos distraída cavocando algo na bolsa, antes de tirar uma coisa lá de dentro.

— Antes que você morra, faz uma visita a esse local aqui, — falou, sem levantar os olhos, entregando um papel colorido, meio abarrotado.

Virou e pegou o papel. Leu “Liturgia Diária — 19ª Semana do Tempo Comum — Paróquia São Benedito José Labre”. Apenas virou para o lado, olhando para o nada. Deixou uma marola arrastar a liturgia diária para longe. A sua magreza quixotesca dava-lhe a aparência de uma celebridade soro positiva. A irmã engoliu a piedade com um copo de uísque.

— Um padre, um médico, u-um delegado.... sei lá! Só fale com alguém. — Insistiu pela última vez.

Sozinho, naquela mesma mesa com vista para a lagoa, tomava seu último uísque, sem aroma, sem sabor, como os uísques ou qualquer coisa que colocava na boca desde o lançamento do livro. Uma borrasca passou ao seu lado o arrancando do meio-transe.

Dessa vez, não foi o vento. Era um homem, trajado em um terno cinza abarrotado, andando em passos firmes e longos. Sem pedir licença, despejou um cartão sobre a mesa, ao lado do copo, e seguiu adiante, rumo ignorado.

Jota fitou o cartão antes de pegar com um certo cuidado. Era um retângulo leve, áspero, quase clínico. Letras cinzas sobre uma tinta fosca anunciavam: *Dr. Rátz / Psiquiatria / Transição Integrativa*. Logo abaixo, um endereço e um número de ramal.

“Transição Integrativa? Ah, só pode ser a nova moda desses ricos desocupados... ou então coisa de viado gourmet, né?”, pensou, rindo no último gole.

J.J. ainda demorou algumas semanas para conseguir marcar sua sessão.

— Olha, o doutor só vai ter horário livre a partir do dia vinte e... vinte e..., — arrastou a telefonista, deixando o som áspero de páginas sendo viradas preencher o vácuo da espera.

— Vinte e...?, — insistiu Jota com certa impaciência.

Até o dia 23 foi uma travessia no calendário.

Foi numa dessas noites, ouvindo *Die tote Stadt*, que se sentiu mal. Quando acordou, ao som da agulha da vitrola, já era madrugada. A agulha, esquecida no disco, arranhava os sulcos finais num tic-tic clínico, como um relógio desesperado. Desligou a geringonça só para ouvir passos abafados vindos lá de algum lugar. Não conseguiu mais dormir.

Na outra noite, acordou ensopado. Seu corpo suava gelado e tremia numa embriagante convulsão. Jota se rasgava em calafrios, os dentes batendo e batendo, feito castanholas. Logo, começou a ter visões, ouvir suspiros e sentir uma presença em seu apartamento.

Já era a terceira noite seguida de assombro e J.J. acordou de um pesadelo. Era uma sequência rápida de imagens pitorescas e, no meio delas, uma cena de crime lúgubre, uma figura desconhecida vindo em sua direção. Sentado na cama, enquanto se lembrava do sonho, teve a nítida certeza de que o perseguidor estava ali, no quarto. Quando acendeu a luz,

não havia nada de errado. O relógio na parede, os livros na estante, a vitrola, tudo parecia normal.

O Doutor Rátz, a quem consultara, foi direto ao ouvir seu relato: o diagnóstico era de depressão pós-criativa (uma espécie de luto que escritores e artistas sentem após terminar um grande projeto).

— Qualquer produto cultural bem elaborado vai te causar isso.

— Huum... Isso explica por que as visões pararam depois que desliguei a vitrola.

O médico escreveu uma receita. Entregou dobrada.

— Vai tomar uma cápsula por noite, sempre antes de dormir. Natural, não tem contraindicação. Vai ajudar a esvaziar e dar espaço para o real.

— Só isso?, — questionou, enquanto o médico arrastava o papel sobre a mesa.

— Por enquanto, sim. Volte em duas semanas.

Em duas semanas, voltou. As noites já não eram tão alvo-voçadas. Até conseguia dormir as tais “oito horas diárias de sono ininterrupto” que as revistas de saúde marretavam, mas ainda estava inapetente e pouco interessado em outras atividades.

— Há um lugar, — disse ele, sem olhar para J.J., — onde um antigo paciente meu encontrou algum alívio. Um tipo peculiar, Tobias o nome dele. Tinha as mesmas fissuras que você. Um cansaço do mundo, uma repulsa de tudo que vibra demais. Acabou indo morar longe, afastado o suficiente para silenciar as mil vozes da cabeça.

Jota havia se lembrado de uma certa ética paciente-terapeuta que não aprovaria esse tipo de conversa, mas estava mais interessado no que Rátz iria falar.

— Se quiser, posso lhe passar o contato; — pontuou. — vai ser bom sair da cidade, respirar outro ar. Sem livros, sem

peças, sem rastilhos de sabedoria clássica.

O escritor não assentiu de imediato. Teimoso, passou por mais duas semanas saboreando a impoluta sensação de vazio. Os dias eram de tédio e desesperança. Quando percebeu que precisava dar um passo a mais na recuperação, decidiu ir.

Ainda sem maior entusiasmo, mandou uma mensagem para o tal Tobias. Ele respondeu em minutos, parecia bem empolgado com a visita do estranho. E assim, com uma mala pequena, J.J. partiu para a chácara.

A placa na entrada eliminava qualquer dúvida sobre estar a par das coordenadas: *Recanto Tobias. Aqui, silêncio é ouro.*

A cena, que num primeiro olhar parecia uma propaganda panfletária de um idealismo campesino, aos poucos começaria a levantar questionamentos.

Tobias, o dono do recanto, estava lá. Barba por fazer, músculos possantes, feição tranquila. Segurava um pequeno machado, encostado contra a coxa, como quem apenas se habituara a andar com ele. A esposa apareceu atrás dele, vestido quadriculado, cabelos amarrados. As crianças brincavam no chão, sujas de barro. O menino tentava enterrar alguma coisa. A menina observava séria.

A família fora apresentada. Noêmia era sua esposa, uma jovem senhora com feições de uma dona de casa. A filha, a mais velha, era Sáfrica, muito parecida com o pai, mas introspectiva, costumava observar antes de falar. O filho, Luigi, talvez fosse o mais peralta.

— Venha, Herbert! Só falta você!, — gritou o anfitrião para alguém lá dentro. — Venha receber nosso hóspede!

Ninguém respondeu. Tobias assobiou em direção à choupana, rompendo a quietude. Imediatamente, veio de dentro uma resposta abafada e rouca, quase cacarejante.

O pescoço de Jota se inclinou na direção do som, curioso. Por um instante, pensou se não haveria ali um terceiro filho,

talvez trancado, doente ou só um jovem arredio. Imaginou que Herbert estivesse arrastando algo ou tivesse esbarrado em um móvel ao se deslocar para atender ao chamado.

Lá estava o quinto membro. Ele não era o que se esperava de um membro de uma família. Era um peru. De proporções generosas, plumagem alva, olhar soturno e peito retraído. Andava feito um bípede, um guardião da propriedade.

J.J. usou toda a dissimulação acumulada em anos de meio literário para disfarçar o pasmo. Ao menos, tentaria, mesmo que inerte diante da cena. A imagem da ave, agora brincando com os meninos, exalava uma excentricidade própria. Não suportou tão bem. Um baque seco no chão gritou seu espanto: no susto, deixou sua mala cair, junto com qualquer princípio de realidade que ainda julgasse possuir.

— Aqui é sossego, J.J. Venha, entre. Não tem nada de livro, nada de filme. Deixa que eu te ajudo com essa mala.

Ele assentiu, reflexivo.

Por dentro, a cabana não era grande. Ao fundo, uma porta dava acesso a um corredor; perto dela, mais à esquerda, havia uma mesa de madeira com cinco cadeiras iguais. Viu também um fogão de seis bocas, armários todos pintados de rosa, uma geladeira pequena e um congelador. À direita da porta, um modesto sofá coberto por uma colcha também rosa, um tapete e prateleiras na parede, de todos os tamanhos. Não havia telefone, nem televisão.

Diante da mesa de jantar, o visitante, ainda incrédulo e esforçando-se para disfarçar o constrangimento, logo iniciou um assunto. A tarefa se tornava mais difícil pois ele estava sentado de frente para Herbert. Seu ritmo de fala acelerava sempre que, mesmo por acidente, encontrava os olhos negros e vagarosos daquele peru.

— Vocês... é... vocês plantam mandioquinha por aqui? Sempre me perguntei como é o ciclo dela, se demora muito

para colher..., — perguntou, tropeçando nas palavras.

— Mandioquinha é sensível. Se planta fundo, apodrece. Se planta raso, seca. Tem que sentir a terra. E só dá para sentir pegando. — Comentou a mulher, com um sorriso jocosos, enquanto servia o purê.

J.J. provou e confirmou que estava delicioso. Assim como a sobremesa, um doce de marmelo, comeu convicto da preciosidade daquele sabor, uma doçura maior que a do açúcar, mais genuína que a do mel, um frescor que entregava uma sensação de gozo singular.

— É tubérculo. Tem raiz profunda. Bom pra selar o estômago. — Comentou Tobias orgulhoso, notando a reação do visitante.

O mascote tinha sua dieta especial. Ele se deliciava com migalhas de um milho tamanho família, comendo com modos, mas as bicadas eram firmes. De vez em quando, soltava seu clássico *glu-glu-glu*. Era alto e estridente. Os ouvidos dos demais deviam estar anestesiados. Todos entendiam e respondiam como se a ave falasse uma língua compreensível.

— Esse é o meu garoto!, — Tobias animado batia no ombro de Herbert. — Acredita que daqui a três dias ele faz aniversário?

— Ah?... Sério?, — respondeu J.J., desviando o olhar sempre que possível.

— Sim!, — confirmou Tobias entusiasmado.

— Vai ser o décimo segundo aniversário! — Intrometeu-se a menina.

Ao término do jantar, os três, Tobias, J.J. e Herbert, sentaram-se ao fogo da lareira. O anfitrião terminava seu cachimbo, enquanto Jota experimentava um licor de laranja. O sabor marcante da bebida ajudava a ignorar a estranheza que aquela ave sentada ao lado ensejava. Talvez devesse não julgar as

particularidades daquela família, afinal, cada uma tinha seu jeito. Quem sabe até se acostumasse, ponderou.

Os dias passaram devagar no retiro. Não havia muito o que fazer, o que era intencional. O escritor passava as manhãs sentado no banco de madeira sob a árvore maior da chácara. Às vezes, Tobias aparecia com uma enxada, fingia capinar alguma coisa e ia embora sem falar. Os irmãos corriam atrás das próprias sombras e afundavam as mãos na terra. Ninguém usava sapatos.

— Já falei que aí não!, — ralhou certa vez a mãe, surgindo de repente com uma vassoura de galhos na mão.

Ela não costumava agir dessa forma, mas ver os rebentos brincando com terra lá no limite norte da propriedade pareceu uma ofensa pessoal. As crianças se entreolharam e correram para longe, com a cara suja de terra, mas lavada de culpa. Dias depois, lá estavam elas de novo, atraídas por aquele mesmo pedaço de terra. E lá vinha a mãe, incansável, vassoura em punho.

Herbert era presença constante. Às vezes surgia na janela, parado, olhando. Outras vezes, caminhava no quintal com uma lentidão ensaiada, como se observasse a lógica do mundo. Seu pescoço, vibrando em tons azulados e vermelhos, parecia pulsar quando o olhavam por demasiado.

— Glu-glu-glu, — dizia Herbert, parado diante de J.J., que ainda se constrangia ao tentar reagir.

— É verdade... a terra aqui parece... viva, né?, — arriscou, meio sem saber por quê. As crianças riram. Tobias, ao longe, fez um aceno.

Na terceira manhã, J.J. acordou com leve rigidez nos joelhos, mas sentia a jovem surpresa do bem-estar. Tobias invadiu seu campo de visão, estava suado e carregava o machado de sempre. Apontou o queixo para o fundo do terreno:

— Vem.

Jota vacilou, era seu momento de contemplação diário. Por educação, seguiu. Seguiram para dentro do cercado, passaram pelo galinheiro e chegaram a um pomar. Não havia barulho. Mangas, sapotis, jabuticabas... todas de tamanho incomum e cores vibrantes. O cheiro era mais vivo do que o doce que era saboreado nas sobremesas. Colheu uma carambola, que se encaixou em perfeição em sua boca e deu uma mordida.

— Minha família, meu pedacinho de chão, meu trabalho.

— divagava Tobias. — Às vezes, me acho o homem mais rico da Terra.

Jota lembrou-se da vida que estava levando na cidade e como, agora, sentia-se mais disposto, mais feliz. Meneou a cabeça em concordância.

Já era noite. A cena passou-se na varanda. Noite trilhada de grilos, umidade da mata, com muitas estrelas no céu e muita paz até onde a vista chegava. Refastelado numa cadeira preguiçosa, o hóspede transmutou o peso da digestão em vigor literário.

Este cri-cri de grilos, como é sublime! Eu adoro as noites no Recanto Tobias, o bucólico refúgio dos problemas, o fim do agouro, aqui silêncio é ouro.

Herbert apareceu na varanda. Passos calculados como se desafiasse o tempo. J.J. observou a figura da ave por alguns minutos, encantado. Já não lhe vinha mais o estranhamento de antes. Algo na respiração do peru, uma cadência perfeita, um padrão de som quase familiar.

Glu-glu-glu... glu-glu-glu...

Herbert parou em sua frente, aquelas pupilas profundas, mas tinha um quê de serenidade naquela fisionomia.

Glu-glu-glu, glu-glu-glu.

A frase, se é que se podia chamar assim, irradiou dentro de sua cabeça com um significado instintivo. Algo como “estou feliz com você aqui”. Em resposta, acariciou a cabeça da ave.

À noite, após a cápsula, a rigidez voltou rápido, agora concentrada na base do pescoço. Ele coçou devagar. Havia uma marca ali, lisa e quente, como pele esticada demais. Não deu muita importância. Deitou-se mais cedo, e, dormiu um sono anil, sem sonhos. Acordou com uma disposição incomum, como se algo antigo dentro dele tivesse sido reorganizado.

No quinto dia, o aniversário do bicho. A mesa foi posta com pães de milho, sucos escuros, um bolo imenso com cobertura rosada e doze velas acesas. Tobias, num paletó de brim e gravata amarela, bateu palmas:

— É hora dos parabéns!

Luigi e Sáfira gritavam, a esposa trouxe o bolo, o peru Herbert girava pela sala, feito um maestro do seu próprio show. Todos começaram a cantar, mas em vez do clássico “parabéns pra você”, entoavam em uníssono: “Glu glu glu glu, glu glu glu glu...”. Batiam as mãos nas coxas, sincronizados, como um culto doméstico.

O hóspede entoou no mesmo canto e se divertia. O aniversariante, exasperado, recebeu uma caixa de presente. Coisa grande vinha aí.

— Nosso presente, — entregou Tobias, sorrindo.

Quando se abaixou para pegá-la, veio o golpe: uma marretada seca no alto da cabeça do peru. Atrás dele, a autora do crime, a filha mais velha de Tobias, empunhava a besta de torrar lenha. Golpeado por trás, antes de fazer o pedido, Herbert caiu desfalecido. A caixa, esta, não continha presente algum, só terra.

Teria sido um golpe limpo, não fosse a fina linha de sangue que cruzava o chão da sala. Um silêncio denso e incomum

tomou conta da casa e permaneceu até que Tobias, calado, retirasse a arma das mãos da menina.

Por incontáveis segundos, todos os olhares se direcionavam a menina, até que...

— Parabéns, minha filha!! — gritou a mãe, lacrimejando de orgulho.

A frase quebrou o transe da sala como um estalo de lenha seca. Os adultos riram. Todos foram ao encontro da garota num abraço familiar coroadando uma celebração absurda.

— Hoje você entrou pra história do Recanto. A gente nunca esquece a primeira vez. — brincou Tobias.

— Na próxima sou eu, né pai? — perguntou o mais novo.

— Tobias, pegá-la o licor de tamarindo. — Pediu a mulher.
— Hoje merece!

Quando Tobias ia buscar a garrafa, sabe lá onde dentro de cabana, a figura de Herbert se ergueu em espasmos, um dos olhos desorbitado, a boca espumando sons que não se entendiam.

— Socorro! — gritou Herbert em pleno português.

Engolindo um seco, Jota viu a ave correndo pela casa, trombando nas paredes, esmagando copos, até derrubar a mesa com o bolo. Sua expressão de espanto intercalava pedidos de ajuda em linguagem humana e o seu glu-glu-lejar de ave.

Tobias deixou a garrafa de licor de despedaçar no chão. A menina gritava “Era pra ter morrido!”, enquanto a mãe tentava contê-lo, agarrando pelo pescoço. Herbert berrava, epilético. Suas as penas voando para todos os lados. As crianças se esconderam.

J.J. deteve-se, assaltado pelo pânico. No meio daquele sal-seiro, não encontrou forças para reagir. O visitante tentou se mover para os lados, como se fazendo pudesse sair da parali-

sia, mas sentiu-se pregado ao chão e só conseguiu esticar-se, completamente perplexo.

Foi quando, de relance, avistou seu reflexo no espelho trincado da parede. Por uma fração de segundo, não se reconheceu. Seu rosto parecia disputado entre duas espécies. A pele enrugava-se, os olhos salientes matizavam e, no lugar do nariz, parecia surgir um bico carnudo. Suas feições humanas estavam sufocadas por uma excrescência fibrosa que ia do rosto ao pescoço. J.J. viu-se metamorfoseado num grotesco peru.

Somente defronte da dadaísta imagem que Jota acordou da inércia profunda. Algo em seu instinto mais animal gritou para fugir. Então, esticou o braço e tocou a maçaneta da porta. Ao abrir, jogou-se para fora da cabana e correu deixando tudo para trás.

Daí que ele encontrou forças para escapar pelos limites da propriedade. Correu no sentido da cerca leste, a proibida cerca leste. Ao se aproximar do cercado divisou, entre alguns brinquedos deixados, formas ovóides de crânios que o mato não conseguia esconder. Ainda pôde ver eram bicudos, não exatamente humanos. Não ousou olhar de novo.

— Mata! Mata! Mata!, — ouviu lá de longe a mãe se esgoelando, ainda com os sons surdos dos golpes de marreta intercalados com o de pratos e copos se despedaçando.

Jota cruzou a cerca, continuando sua fuga por um bosque fechado, até terminar numa estrada de terra, já no meio do mato cerrado. Na correria, rasgara a calça e arruinara o tênis. Depois de muito correr e trotar, confuso, na escuridão que tão breve caiu sobre a estrada, sendo fustigado nos pés por britas e sentindo a respiração doer nos pulmões, Jota encontrou um vilarejo. Lá, entrou num bar acanhado, dois homens bebiam e fumavam cigarros.

— Meus senhores, preciso de ajuda, — falou como um mendigo, quase faltando a voz.

Os homens se entreolharam desorientados com o pedinte.

— Preciso de ajuda... — repetiu.

Um deles, o maior, o rosto severo e castigado pelo tempo o fitou sério.

— Que ave você é? A galinha da sua mãe? — Perguntou, fazendo o parceiro quase se engasgar com a bebida de tanto rir.

J.J. não teve fôlego para teimar. Num último olhar, antes de perder a consciência, viu as linhas e contornos se confundirem num único borrão. Depois que acordou, com a ajuda dos homens, estes, agora sérios, lhe deram água e um pedaço de pão. Ainda cambaleante, o escritor procurou a delegacia mais próxima e fez a denúncia.

Quando as autoridades chegaram à chácara, encontraram apenas ruínas: a casa vazia, portas rangendo, o fogão enferrujado e um punhado de penas espalhadas pelo chão, as paredes esburacadas, como se tivessem tomado fortes golpes. Nenhum sinal de Tobias, da mulher, das crianças, do peru Herbert. Nada.

Com o corpo longe daquelas cápsulas viscosas, a mente voltou ao lugar. Em dois dias, as unhas pararam de engrossar, a pele perdeu o tom acinzentado e os soluços noturnos em forma de glu-glu cessaram.

De volta à capital, ainda desorientado, decidiu procurar o Dr. Rátz. Queria respostas, laudos, justificativas. Mas o consultório, num prédio comercial do centro, estava fechado com tábuas e poeira. O porteiro disse que o doutor havia encerrado os atendimentos.

— Foi participar de um congresso em outra cidade e não voltou — explicou, com a certeza de quem já havia decorado a desculpa. Ele agradeceu e virou as costas.

Sim, a maior parte dos sintomas iniciais cessaram. Não sentia mais qualquer apatia ou desejo de morte; pelo contrário, o episódio lhe dera uma sede forte de vida. Queria escrever sobre o ocorrido, para que o mundo soubesse. Mas sabia que, por mais verídica que fosse sua caneta, aquele relato não seria lido como verdade, e sim, como mais um romance.

Apenas um sintoma persistiu. Sozinho em seu apartamento, reviveu a fixação de antes. Agora o medo vinha como um eco que ressoava pelas paredes. Quando procurava a origem do som, ouvia passos abafados se afastarem ou uma porta batendo. Jurou, certa noite, ter ouvido um glu-glu esvair-se pelo corredor.

O som da boemia

Gilberto Broilo

Às 21 horas das segundas-feiras, a família Torres se encontrava na sala após o jantar para saborear licor e ouvir samba — era o momento predileto dela; jamais deixava de acompanhar o programa Curiosidades Musicais, da Rádio Nacional. O ano de 1938 sinalizava um tempo incomum — o autogolpe de Getúlio Vargas e o início do Estado Novo, o atentado ao Palácio Guanabara, a morte de Lampião — e a capital carioca passava por constantes mudanças após o manifesto patriótico. O carnaval se expandia, e intérpretes nacionais já brilhavam no exterior, impulsionados pela Tropicália. Com Cointreau nos copos e o fogo crepitando na lareira, aquela noite teve início com: “acreditei nessa conversa mole. Pensei que o mundo ia se acabar. E fui tratando de me despedir. E, sem demora, fui tratando de aproveitar...”. Todos já entoavam os versos. A bebida começava a agir. Sorrisos e gargalhadas preenchiam o ambiente. Ainda havia fé em um universo gentil, harmonioso e generoso. Era o auge da sofisticação, fartura e elegância para os Torres.

Apesar de astuto e ágil, Pé de Cabra — ou simplesmente PC — fora dispensado da Fazenda Paraíso recentemente. Atuava apenas na colheita do café. Nunca soube o motivo ver-

dadeiro da demissão; contudo, com a lucidez abalada, viu-se tomado por teorias que ultrapassaram os limites de sua razão. O rapaz caiu em uma cilada, sem recursos nem abrigo. A metrópole carioca podia ser impiedosa com os desfavorecidos. O eco metálico de “sou vítima de um plano maligno” reverberava insistentemente em sua cabeça e lhe roubava o sono.

Em uma de suas andanças errantes e mal-sucedidas pelo Leblon, encontrou um panfleto anunciando uma roda de conversa sobre uma técnica terapêutica europeia usada havia décadas para tratar traumas. Fascinado, na data agendada, sentou-se entre as cadeiras, aguardando o início do curso. Havia poucos curiosos presentes, o que o tranquilizou. Um orador barbudo, vestido com terno escuro, cartola e anéis reluzentes, aproximou-se sem se identificar; sua aparência era estrangeira, mas falava em português fluente. Sem rodeios, escolheu o primeiro que viu para uma demonstração — tocou sua testa e pediu que repetisse sons até que, inesperadamente, ele adormeceu.

Ao despertar, acreditava ser um pato e, até que o homem estalasse os dedos, cacarejava e arranhava o chão. Retornou à consciência com o estalo e, confuso, voltou a seu lugar. O espanto foi geral, inclusive de Pé de Cabra. A noite seguiu instigante, e PC, rápido, absorveu o conteúdo com destreza. O plano nasceu: semanas após o seminário, foi admitido na Rádio Nacional e, gradualmente, conquistou a confiança dos colegas. Em menos de um ano, estava integrado aos bastidores radiofônicos e, em breve, seria convidado para atuar na sala de transmissão. Na noite de 5 de fevereiro de 2007, Pé de Cabra acessou o sistema da emissora e, enfim, realizou a hipnose em massa.

As pegadas escarlates

Gilberto Broilo

O trio se encontrava todas as tardes para explorar o mundo sobre duas rodas. Sempre havia um plano definido e uma recompensa em jogo. Esses amigos inseparáveis também eram extremamente competitivos. Apesar de ser o mais forte, João, o mais novo, acabara de completar 13 anos; alto, esguio e de pele morena, todos o admiravam por sua valentia e generosidade. Excelente nos esportes, sonhava em se tornar jogador algum dia. Santiago, da mesma idade, era mais baixo, já ostentava barba e deixara o cabelo crescer por meses, o que o fazia aparentar mais idade. Era rápido, mas impulsivo, e sempre carregava no bolso um pingente de Guadalupe, herança da avó. O mais velho, Shun, que faria 14 anos na semana seguinte, planejava a comemoração na garagem jogando videogame. Usava óculos, e sua franja preta e lisa ocultava seus olhos orientais. Embora calmo e reservado, intimidava na escola por sua constituição física robusta, o que lhe rendia mais biscoitos dos colegas na hora do recreio.

Naquela manhã primaveril de domingo, reuniram-se na praça central para mais uma aventura ousada: pedalar até a antiga represa — cerca de 20 km — e, após amarrarem as bicicletas às árvores, explorar o prédio abandonado, algo que

jamais haviam tentado. Depois do café na padaria da esquina, partiram às 10 horas.

A estrada, tão deserta, parecia quase um caminho de terra; as bicicletas precisariam de reparos para a volta. Chegaram ao local às 11h30, beberam água, recuperaram o fôlego e contornaram a construção. Não havia portas ou janelas abertas. Santiago ficou de vigia enquanto os outros procuravam uma entrada. Após alguns minutos, Shun localizou uma janela de vidro trincado, provavelmente dando acesso ao porão. Com um chute, quebrou os cacos e os três entraram. Apenas as lanternas trazidas iluminavam o interior. O único ruído eram os passos sobre algo úmido e avermelhado. Ignorando o sinal, avançaram até os escritórios, onde tudo aparentava intocado: canecas sujas nas mesas, papéis amarelados nas gavetas, máquinas de escrever antigas.

Pegadas vermelhas no chão os levaram à sala de controle da represa — circular, com painéis repletos de botões plásticos desbotados, típicos dos anos 70. Tentaram ligar os aparelhos, mas estavam danificados. As manchas rubras não estavam só no chão, mas também nos painéis, como se alguém tivesse passado as mãos sujas de tinta. “Será que aqui ocorreu algum crime?”, questionaram-se. O ar ficou denso e decidiram sair.

Ao errar uma porta no labirinto de corredores, encontraram uma enfermaria inundada da mesma cor das pegadas. Uma das portas do armário estava manchada; movidos pela curiosidade, ao abrirem, descobriram potes de vidro de laboratório com um líquido vermelho e translúcido. O que ignoravam era que se tratava de cinábrio — sulfeto de mercúrio altamente venenoso — e, ao tocarem as maçanetas dos armários, foram rapidamente contaminados por esse elixir, cuja lenda o associa ao veneno do morcego-vampiro ou à substância

usada para preservar faraós, presente também em lâmpadas fluorescentes e até em armas nucleares. Fugiram apressadamente do prédio e, ao serem expostos à luz solar, começaram a se sentir estranhos, zonzos. Vomitaram, caíram no chão e desmaiaram próximos à entrada principal da represa. Horas depois, foram levados ao hospital mais próximo, receberam um antídoto e recuperariam a saúde em breve. Ao despertar, prometeram jamais se aventurar daquela maneira novamente. Na próxima, usariam luvas.

Alegria do quase-morto

Gilberto Broilo

Apesar de morar sozinho há muitos anos naquela vila mineira, o senhor Francisco Alfarroba estava sempre cercado de ouvintes, famoso pelos relatos das inúmeras aventuras que vivera. Hoje, com 87 anos e meio, sentava-se à mesa, servia um café coado e começava a contar histórias por horas; sendo comunicativo, encantava os visitantes, prendendo-os com milhares de detalhes vívidos de suas experiências próximas da morte. A existência sempre fora difícil para Alfarroba: nascera prematuro, com sete meses de gestação, filho de dona Leonilda e, apesar das limitações motoras iniciais, aprendera a falar cedo. Ao nascer, em novembro, contraíra uma infecção que o fez emagrecer rapidamente e definhar, mas os médicos se espantaram quando finalmente recebeu alta.

Destacava-se nas práticas de oratória, participava de debates políticos e tirava boas notas em Latim e Francês, embora nunca tenha se adaptado bem a esportes ou brincadeiras ao ar livre. Desenvolveu um laço forte com a leitura solitária sob a cama, tendo como companhia apenas uma lanterna tão enferrujada que manchava as mãos, mas ainda iluminava; assim, aprimorou sua habilidade excepcional de interpretar pessoas a partir de Dostoiévski, Kafka e Bukowski, de quem era fã.

Por volta dos dez anos, enquanto lia um Cortázar, Chiquito teve a infelicidade de ser picado por uma lacraia tão venenosa que acelerou seu coração, sendo salvo pela vizinha enfermeira, que ouviu seus fracos gritos. Aos 18, como tantos outros, foi convocado pelo Serviço Militar de Juiz de Fora e, incapaz de engatinhar na lama, escalar árvores ou mirar corretamente com a arma, foi colocado, de forma dura, na cozinha, onde trabalhou por quase cinco anos ganhando quase nada.

Lavando pratos, sua mente vagava pela fantasia enquanto as mãos seguiam o trabalho, e Chicão, como era chamado no quartel, era mais rápido que os demais, conseguindo até cochilar entre as tarefas, até que um dia escorregou no sabão, bateu as mãos no secador de louças e tudo desabou sobre ele, inclusive um martelo de bife que pousou ao lado da cabeça após um estrondo; porém estava vivo e, portanto, feliz.

Aos 23, abandonou o emprego de organizador de cozinha e buscou um trabalho de verdade, tornando-se peão numa fazenda de maçãs em São Tiago, onde, por sua agilidade, fazia o serviço de dois, separando as frutas boas das estragadas e ainda recebia sacolas de maçãs para levar para casa. Naquela época, dividia um apartamento com outras sete pessoas, dormindo num quarto minúsculo, pela metade do preço dos quartos comuns, conseguindo ao menos guardar os sapatos e o saco de frutas ao lado da cama, com seu livro favorito sob o travesseiro. O único pêssego que comeu — vindo de uma árvore vizinha — estava contaminado por uma nova toxina em teste, que lhe provocou tantas úlceras bucais que ficou internado por 12 dias sem conseguir se alimentar ou respirar direito, mas superou mais essa.

Em São Tomé das Letras, perto dos 30 anos, converteu-se à cientologia sem saber exatamente do que se tratava, pois se apaixonara por Eleonor, que participava religiosamente

das reuniões na montanha; ele nunca viu nada, mas jurava que outros ali tiveram encontros peculiares com seres extraterrestres, afinal, eram tão inusitados. Por quase 20 anos viveu com a moça e encontraram felicidade até o dia em que decidiram beber um chá de ervas “extraplanetárias” — como chamavam — e dona Alfarroba faleceu por intoxicação alimentar. Após longo luto, aos 50 e poucos anos, Francisco mudou-se para Caxambu, onde vive até hoje, e todos os dias sente falta de Eleonina, como a chamava — ela era de agosto, eram paraíso um para o outro. A vida é celebrada diariamente por Alfarroba e seus amigos, lembrando que, apesar de nem sempre ser doce como chocolate, pode também ser feliz e saborosa.

Vento distante

Gilberto Broilo

Ao sentir a gota fria escorrer pela testa, aliviado, Mark Schuster suspirou fundo — fazia várias semanas que não chovia, e as lavouras de milho estavam quase arruinadas. Seria uma perda imensa para as propriedades do sul, afinal, o investimento fora considerável naquele ano. Embora a pouca precipitação já houvesse parado, o jovem agricultor mantinha a confiança.

Ao entrar em casa trazendo a boa notícia, sentiu-se levemente tonto, mas não deu importância e seguiu sorridente até a cozinha. Todos os presentes à mesa se voltaram rapidamente ao ouvir o impacto do corpo pesado do filho caindo no chão. Levantaram-se imediatamente para socorrer Mark, porém ele já não apresentava batimentos e sua pele estava pálida. Foi levado às pressas ao hospital na tentativa de reanimação e, ao passarem pela entrada da emergência, seus parentes avistaram muitas outras famílias que, entre lágrimas, tentavam salvar homens que também trabalhavam no campo naquela tarde.

Desesperados, cogitaram o possível uso de algum novo pesticida, porém, há semanas, as práticas agrícolas não haviam sido modificadas, não havendo, portanto, qualquer sinal

de contaminação epidêmica. “Não devem ter transcorrido mais de vinte minutos entre o começo do serviço no campo após o almoço e as primeiras fatalidades”, relatava o delegado do condado de Orange; “seriam os cavaleiros do apocalipse trazendo destruição?”, perguntava-se dona Edith; “devem ser invasões alienígenas”, ironizava o pequeno John; “até agora, somam quinze vítimas”, comunicava a enfermeira ao telefone para a imprensa local, descrevendo a tragédia.

Enquanto a equipe médica tentava acalmar os presentes, o senhor Schuster, ao sair em prantos do hospital, olhou para longe e viu os tons quentes do céu, que lhe deram um impulso de esperança. Apesar de nem os médicos entenderem a origem daquele inexplicável falecimento coletivo por parada cardíaca, inconformados, os Schuster decidiram investigar. Conversaram com vários amigos que também sofreram perdas e, dias depois, sem dados concretos, com olheiras profundas e semblantes abatidos, optaram por respirar fundo.

Durante uma de suas caminhadas matinais, a senhora Olive James adentrou a floresta próxima ao condado para colher margaridas para um jantar com as amigas, quando encontrou, despedaçado no chão, um objeto desconhecido: parecia uma miniatura de helicóptero, vermelho e adornado com símbolos estranhos. Na parte inferior da aeronave, havia um reservatório líquido com o símbolo de uma caveira; reconhecendo o perigo, a senhora sequer tocou no artefato e, ao retornar para casa, notificou as autoridades, que recolheram o objeto para análise rapidamente. Tratava-se de um drone agrícola equipado com uma variante de ácido fluorídrico extremamente tóxico que, de modo imperceptível — até para exames laboratoriais —, cumpria facilmente seu propósito letal.

“Obtivemos êxito, capitão, nem uma gota desperdiçada...”, relatava o cientista oriental.

Sonho americano

Gilberto Broilo

Daryl Johnson Forbes Jr era um garoto silencioso, de poucas palavras. Um sujeito desajustado. Dissonante. Tremia os lábios ao se expressar e jamais sustentava o olhar de alguém. Os cabelos escuros e lisos cobriam-lhe toda a testa, e seu corpo franzino o afastava dos padrões esculturais estampados nas revistas.

Aos 13 anos, DJ se achava tão desprovido de atrativos que acreditava que Mary Lou jamais lhe daria um beijo, tampouco a vizinha, ex-miss-alguma-coisa. Não realizaria o “sonho americano”. Imaginava-se aos 30 sem jamais ter dançado na festa de formatura por falta de par e, quem sabe, alcançando êxito profissional graças à notável inteligência que cultivava nas madrugadas jogando xadrez online.

Contudo, sua trajetória tomou outro rumo: aos 20, Daryl Jr. já havia descoberto um modo de cativar as pessoas — tinha senso de humor. Contador de causos, conquistava todos com gargalhadas intensas. Passou a ser chamado para inúmeros eventos e tornou-se conhecido. Por fim, superou a timidez e virou aquele por quem todos nutriam estima. Adotara o penteado de Elvis e os olhos azuis eram destacados por sobranceiras marcantes. Logo esculpiu o corpo na academia.

Aos 25, conheceu Amanda durante um coquetel de lança-

mento da nova coleção da Miu Miu. Após longas conversas, semanas de encontros e meses de relacionamento, casaram-se. Tiveram Joana e Matthew. Foram à Disney. Embora morassem em Nova York, adquiriram um chalé nas montanhas de New Hampshire e, mais tarde, uma casa à beira-mar em Miami. Dirigiam uma Lamborghini. Ofereciam coquetéis aos amigos... O Sr. Johnson, atualmente, já falava com entonação confiante, embora preservasse o bom humor. Recuperado o silêncio da juventude retraída, mantinha conversas constantes: com estranhos na rua, na fila do supermercado, na padaria... Alcançara a existência idealizada, era realizado.

Naquela quinta-feira comum, DJ sequer saiu do quarto; ouvia Talking Heads sem parar enquanto a neve repousava suavemente sobre o mundo lá fora. Fazia semanas que não trocava uma palavra sequer, nem com colegas — vinha faltando às aulas — nem com os pais, que há tempos se angustiam com a situação. Era tão introspectivo que jamais levava amigos em casa, talvez nem tivesse um (quem dirá uma namorada). Tudo indicava que os medicamentos já não surtiam mais o efeito esperado; a insônia vinha deixando dona Leopolda e o senhor Mike com olheiras profundas — ambos decidiram intensificar a terapia individual para compreender melhor tudo aquilo. O antigo campeão de torneios de xadrez, porém, mal percebia que murchava a cada dia... “Talvez o menino tenha criado um universo imaginário, onde se sente acolhido, compreendido e valorizado, numa tentativa de minimizar a dor de enfrentar a realidade”, repetia Leopolda para si mesma, após ler um livro sobre psicose. “Nesse espaço simbólico que inventou, ele encara obstáculos que sempre supera. Entretanto, ainda não consegue transpor essa construção para a vida concreta. Mas vai conseguir...”, murmurava, quase como uma prece.

Um caso do acaso

San Klein

Rebeca era uma jornalista muito respeitada e colunista de um famoso jornal, cujo nome era “Pauta Viva”, na cidade de Rolândia. Ela era astuta que só, e usava um pseudônimo: Ferônio, uma junção dos nomes Fera e Antônio. Este, por sua vez, era traulitreado todos os dias e macetado por Ferônio, que não dava um dia de paz, sequer, para o maior trambiqueiro da cidade de Rolândia.

Por isso, ela, que era considerada a “fera” do jornalismo e, para ficar mais à vontade e meter a lenha em Antônio, simplesmente criou o seu pseudônimo. Apesar de ela não conhecê-lo pessoalmente, ele sempre foi o seu alvo, devido às malandragens cometidas com o povo da pequena cidade.

Antônio dava nó até em pingo d’água. Ele, por ser um grande pecuarista e ter grana a dar com pau, se achava o dono do mundo: explorava os funcionários em sua fazenda, além de ser um conquistador barato. Tudo que envolvia o nome de Antônio ela denunciava, o que o deixava possesso de ódio, principalmente pelo fato de ele não descobrir quem era o autor(a) daquela parafernália toda.

Certa vez, Rebeca foi contemplada, devido às suas matérias jornalísticas, e iria receber na capital o troféu mais importante do jornalismo, o prêmio “Ballan Sá Rolla”. Esse evento juntaria todos os poderosos da cidade.

Ela, por sua vez, preparou-se divinamente para o evento e abusou na indumentária sensual que contornava as suas curvas.

Rebeca chegou ao evento arrastando a cauda enorme do vestido vermelho tomara que caia, confeccionado em tafetá de seda. O adorno do pescoço, bem como os brincos de esmeraldas em formato de gota, realçava ainda mais a beleza e exuberância, exibidas em seus 1,75 m de altura e na morenidade de parar o trânsito.

Um tapete vermelho, tipo o do Oscar, serviu de passarela para os premiados, bem como para os abastados da pequena Rolândia.

Rebeca aguardava ansiosa, sem perceber que se sentara ao lado de Antônio, que não conseguia disfarçar o frenesi que sentia naquele momento, sem saber que estava diante da sua arqui-inimiga.

De repente, os olhares se cruzaram e um sentimento avassalador perpassou como um envoltório da alma, deixando ambos sem reação por alguns segundos. Foi amor à primeira vista!

Antônio estava alinhadíssimo, com um terno slim azul-marinho, ajustado ao seu corpo másculo e sedutor, e gravata borboleta sobre uma camisa branca de linho; barba bem aparada e um olhar “quarenta e quatro”, de pura sedução.

Os cerimonialistas anunciaram os ganhadores do Troféu Imprensa e as matérias que ganharam destaque e repercussão na sociedade; dentre eles, Rebeca se destacou e, para surpresa de todos, ao ser anunciada, instigou em muitos que ali

estavam a curiosidade: seria ela Ferônio? Ou Rebeca assinava as matérias de Ferônio?

Aquela mulher segura de si não conseguia ficar de pé em cima de seu salto Luís XV e, sem conseguir disfarçar aquele sentimento louco, levantou-se para receber o prêmio de melhor jornalista do ano.

Antônio fitava cada curva daquele corpo, com um misto de paixão e ódio, ao perceber que a mulher que o atraía loucamente poderia ser a sua maior inimiga.

Rebeca agradeceu a todos e em seguida se retirou daquele lugar, sem conseguir disfarçar o que estava sentindo. Antônio, por sua vez, a seguiu até o estacionamento e gritou:

— Ferônio? Então é você que me ataca todo esse tempo.

Rebeca estava de costas para ele e virou-se lentamente, tentando disfarçar o nervosismo.

— Não sei o que o senhor está dizendo. Não o conheço e, tampouco, quem é esse tal de Ferônio!

Com a voz trêmula e meio embargada, ela fixou o olhar no de Antônio e, por um momento, a paz pareceu reinar. Ledo engano: ela se impôs e retoma a mulher forte que sempre foi, e diz, olhando fixamente:

— Quem é você, afinal? Como pode afirmar sobre mim, sem ao menos me conhecer?

Na verdade, ela já havia percebido que aquele homem era o mesmo a quem ela descia o sarrafo quase que diariamente.

— Pois é! Você sabe muito bem quem sou eu, Dona Raquel... Ferônio... ou quem quer que seja.

Ele também sentia as suas pernas tremerem e tentava a todo custo esconder o nervosismo que perpassava o seu ser.

Saíram dali com pensamentos libidinosos. Cada qual ao seu destino. Na verdade, ele estava louco para tomá-la em seus braços e sufocá-la com um beijo.

Ela, por sua vez, se contorcia de desejos e pensamentos voluptuosos, contudo, precisava tirar aquele homem da mente e continuar com o seu propósito no trabalho: denunciar todas as falcatuas da cidade de Rolândia.

Os dias foram passando e Antônio, cada vez, mais obcecado por Rebeca, bem como por querer saber quem era Ferônio. Procurou o dono do Jornal “Pauta Viva” e ofereceu o dobro do valor de mercado pelo Jornal e pediu absoluto sigilo em relação à negociação.

Rebeca, vulgo Ferônio, continuou macetando Antônio e usando o seu pseudônimo. Daí em diante, o caldo engrossou e não teve jeito: Antônio chegou de surpresa na redação do jornal e se apresentou como sendo o novo dono da empresa. Nesse momento, Rebeca gelou dos pés à cabeça e teve a certeza de que fora descoberta.

Antônio seguiu até a sua sala e pediu que a secretária a chamasse e que fosse até lá. Ele ficou de costas para a porta e, assim que ela adentrou, ele disse:

— Sente-se, senhora Rebeca! Ou seria... senhor Ferônio.

Rebeca sentiu um frio descendo em sua espinha e emudeceu diante daquele homem. Ela não conseguia encontrar palavras para se defender e ficou hipnotizada diante do perfume “Le Male”, que por acaso era o seu preferido.

— Vamos lá? Qual dos dois nomes a senhora prefere?

Ele chegou bem perto de Rebeca para dizer que ela estava demitida, mas o coração gritou mais alto. A tomou em seus braços e a beijou compulsivamente, deixando-a atônita e sem nenhuma reação.

Voltando a si, ela se desprende dos braços de Antônio e, com rigidez na voz, inquiriu:

— Agora que o senhor já sabe quem disse todas as verdades, durante esse tempo todo, não vou esperar que me demi-

ta, eu mesma faço isso. Passe bem, senhor Antônio!

Ela juntou todas as suas coisas e saiu da redação do jornal, chorando sem conseguir conter as lágrimas. Estava decidida a partir para bem longe dali e nunca mais ter que cruzar os caminhos de Antônio quando, de repente, a campainha toca e ela, vestida de camisola, sai às pressas e abre a porta e se depara com aquele homem másculo e sedutor. Ele a toma em seus braços e os dois se amam apaixonadamente.

— Seria impossível viver sem você, Rebeca! Eu nunca senti o que estou sentindo por você. Volte para o jornal, estou implorando.

Rebeca fica atordoada, mas corresponde com um olhar apaixonado...

— Você é o grande amor da minha vida, Rebeca! Eu prometo ser uma pessoa melhor, se você me ajudar estou disposto a mudar. Faço o que você pedir, meu amor. Você aceita ser a mãe dos meus filhos?

Rebeca ficou com os olhos marejados pelas lágrimas e, com um beijo, eles selaram aquele grande amor, porque sabem que só o amor transforma, principalmente quando é “Um Caso do Acaso”.

Casamento cigano

San Klein

Naquele dia, o acampamento cigano estava em polvorosa. Os bordados em dourado, que enfeitavam os vestidos rodados das ciganas, sobressaíam-se ao vermelho e preto dessa indumentária, além dos adornos exagerados sobre a cabeça e os braços.

Tinha mais penduricalhos que uma árvore de Natal. Para mim, Soraia, que nunca havia presenciado um casamento com tantos rituais e pompas, foi surpreendente.

Os homens ciganos, com seus trajes elegantes, com chapéus adornando a cabeça e botas coloridas, emanavam todo o charme sobre as donzelas ciganas.

Esmeralda chamava a atenção de todos por onde passava, dona de uma beleza estonteante e um corpo escultural que enlouquecia os homens, pela tamanha exuberância.

Sua dança esbanjava sensualidade e, com seus sete véus atrelados em seu corpo, cada um com uma cor correspondente aos sete chacras, ela liberava toda a sua volúpia, além da beleza e magia encantadora que saltavam do seu olhar.

Manolo, um cigano de pele morena, também esbanjava charme e beleza; ele a contemplava, sobrepujando os seus de-

sejos mais íntimos pela futura esposa. Eles eram prometidos desde pequenos, quando as famílias de ambos firmaram um acordo de casamento. Ele, na presença de todos, consolidou a promessa, cobrindo o pescoço de sua amada com um colar de esmeraldas que, propositalmente, sabia que se contrastava com os seus olhos; é assim na cultura cigana, a ostentação de quem tem posses.

Esmeralda esperava o grande dia com ansiedade; afinal, iria conhecer o marido com mais intimidade. Ela era uma jovem fogosa e já estava pronta para o grande momento de sua vida.

A cerimônia marcou os três dias de festa dentro do acampamento. Escolheram o dia da padroeira dos ciganos: Santa Sara Kali. Chuva de ervas, preparadas com cravo, canela, louro e manjerição, os cobria como forma de bênçãos e prosperidade e, também, para celebrar a nova família que estava nascendo nos acampamentos ciganos: isso é sagrado para eles.

Já era madrugada, e Esmeralda continuou dançando com entusiasmo ao redor da fogueira. A felicidade dos noivos era explícita. As famílias se regozijavam em vê-los felizes. As noites eram contempladas ao redor da fogueira com muita dança e regadas à bebida. A dança e a sensualidade são inerentes nesse seu povo e eu não poderia ficar ali parada, vendo todos rodopiarem e a poeira levantando; afinal, fui convidada de honra e caí na dança também, porque “comer e coçar é só começar”!

Bem perto dali, olhos de lince a observavam, embevecidos, a beleza e sensualidade da cigana. O perigo permeava o acampamento. Fiquei estática diante daqueles olhos de ardósia que emanavam faíscas de desejo. Aquele olhar proeminente tinha a certeza do seu poder de sedução.

Alberto, a certa distância, a observava com frenesi. Foi uma paixão esfuziante e avassaladora, desde o primeiro dia em que pôs os olhos na bela cigana.

O dia estava amanhecendo, e Alberto havia ingerido bebida em excesso e não conseguia disfarçar a fissura que permeava o seu corpo. Ele se aproximou da cigana, a tomou em seus braços, beijando-a com tamanha lascívia, deixando todos atônitos com tamanha audácia e coragem.

A aurora já apontava nas montanhas da fazenda, e algo tenebroso estava prestes a acontecer e totalmente fora do controle dos ciganos, além da tensão que invadiu o acampamento. Senti o clima esquentar só em pensar no que poderia acontecer; certamente uma tragédia estaria anunciada ali.

Uma fúria mordaz tomou conta do cigano Manolo, e a ira o cegou de uma forma que acabou avançando sobre Alberto, desferindo uma punhalada, deixando-o caindo sobre uma poça de sangue que jorrava do seu corpo inerte.

Naquele momento, o mundo parou diante de mim, e caí em prantos: chorei copiosamente diante da cena macabra e de desespero.

Em seguida, meu celular tocou, e meu coração parecia saltar pela boca, de tanto susto. Era Marina, me convidando para um evento inusitado:

— Amiga, acorde! Tome um banho, se arrume bem maravilhosa, que vamos a uma festa com comida e bebida a dar com pau.

Ainda sonolenta e assustada por causa do pesadelo, perguntei:

— Festa? Que festa?

Ela, toda desarvorada e falando descompensadamente, respondeu:

— Num acampamento cigano, na fazenda do Senhor Alberto. Um casamento com três dias de festa e...

Só senti o chão saindo dos meus pés, as minhas vistas escurecendo e, quase tendo uma síncope, desliguei o celular e olhei para o relógio que, há algumas horas, havia anunciado o despertar da aurora.

Margarida despetalada

San Klein

Era a década de sessenta e no interior da cidade de Rio das Conchas as moçoilas se casavam bem cedo; na verdade, as famílias eram muito conservadoras e morriam de medo que as suas filhas ficassem faladas, forçando o casamento quando ainda eram bem jovens.

E assim era o coronel Firmino: um homem de posses e bravo que só; sua fala era uma ordem, e aí daquele que questionasse. Ele tinha sete filhas que morriam de medo do pai, com exceção de Margarida, que fingia ter medo e que era fogosa que só; não podia ver um par de calças que se assanhava todinha.

Na pequena cidade, tinham as festas tradicionais, além da festa do santo padroeiro: Santo Antônio. Isso mesmo, o santo casamenteiro fazia jus à quantidade de casamentos que aconteciam na paróquia da cidade, além das pessoas de outras localidades que escolhiam a capela para se casarem, pois diziam que casando ali teriam sorte na união.

As mulheres da pequena vila tinham o costume de lavar as roupas no rio e usarem as pedras repletas de conchas para quorar as roupas. Margarida gostava de executar essa tarefa

e sempre ficava por último e aproveitava para tomar banho do jeito que veio ao mundo: peladona!

Agostinho era um jovem que morava distante daquele lugar e sempre ia fazer negócios na cidadezinha. Era um paquerador que só e não podia ver um rabo de saia que partia para cima, usando todo o seu charme; ele era muito cobiçado e a mulherada arrastava um bonde por ele. Também pudera: loiro, alto, musculoso e com olhos de ardósia que enlouqueciam as donzelas daquele lugarejo.

Um belo dia, Margarida, após fazer a sua tarefa diária, entrou no rio para tomar banho e deixou as suas roupas sobre as pedras; mal sabia ela que Agostinho a observava, com olhos de lince, doido para devorar a sua presa.

De repente, ele deu um assobio, e Margarida mirou em sua direção, quase tendo uma síncope.

Ele gargalhava e dizia:

— Moça! Se quiser as suas roupas de volta, terá que vir buscá-las!

Ela ficou sem saber o que fazer e insistia para que o rapaz devolvesse as suas vestes, o que não surtiu efeito.

Ela, então, começou a esbravejar e dizer que era filha do coronel Firmino e que a coisa iria ficar preta para o lado dele.

Nesse instante, ele repensou e acabou devolvendo as roupas no lugar que estavam. Margarida chegou em casa, e já estava escurecendo. O seu pai estava bufando feito uma fera e exigia explicações. Ela, porém, não contou a verdade e inventou uma desculpa que convenceu o pai.

Margarida não parava de pensar em Agostinho e fazia questão de ir todos os dias lavar as roupas no rio, na esperança de que a cena se repetisse.

Um belo dia, à espreita, aquele olhar de lince a observava com desejo de uma fera no cio. Porém, ele não quis repetir

aquela artimanha novamente, mas a assanhadinha da Margarida percebeu que ele estava ali e saiu da água, sem as roupas, provocante que só; ela sabia que seria uma presa fácil nas garras daquele homem.

Ficou se exibindo, até que Agostinho deu um salto. Nesse instante, corpos entrelaçaram-se sobre as pedras do rio e o inevitável aconteceu: a fogosa da Margarida se rendeu ao seu predador.

O tempo passou, e a moça não teve notícias de Agostinho, que sumiu do mapa. A essa altura do campeonato, Margarida estava com os quatro pneus arriados e completamente apaixonada. De repente, o seu corpo começou a sofrer mudanças que ficaram cada vez mais evidentes. Daí em diante, começou o murmurinho das futriqueiras de plantão:

— Vocês notaram o quanto a filha do coronel Firmino está engordando? — Disse uma senhorinha que tinha a língua mais comprida do que a sua altura de um metro e meio.

Outra futriqueira não perdeu a oportunidade para descer a lenha em Margarida.

— Como pode uma menina tão nova, já embuchada! — Exclamou com toda a convicção.

Fofoca vai, fofoca vem, até que bateu nos ouvidos do tal coronel. Foi aí que a casa caiu de vez. Apesar de toda a brabeza, ele não havia percebido que Margarida estava engordando e, somente depois da fofocaiada, foi que ele notou a verdade: Margarida estava “prenhe” de uns três meses, aproximadamente. Era essa a forma de se dirigir às mulheres grávidas.

O coronel surtou e exigiu que ela dissesse o nome do infeliz que tinha desonrado a sua filha, uma vez que ele tinha um nome a zelar e que era muito respeitado na cidadezinha.

Foi até a delegacia de polícia e exigiu que o delegado intimasse o traste que fizera mal a sua filha.

O delegado passou um chamado ao homem e intimou-o a comparecer na delegacia para responder sobre as acusações que estava recebendo. Como o infeliz não se importou com a intimação, o delegado destacou um policiamento para que trouxesse o meliante algemado, pois ele teria que reparar o erro e assumir um casamento perante a lei, já que tinha deflorado uma moça, o que era uma aberração naquela cidade.

O coronel comprou vestido e sapato para a filha, e ambos ficaram aguardando Agostinho chegar. Todos estavam a postos na delegacia quando a viatura chegou com o suposto noivo.

Margarida tinha a face ruborizada e cabisbaixa, não dizia uma só palavra. Assim que Agostinho adentrou a delegacia, o coronel partiu para cima dele, dizendo:

— Seu mau-caráter de uma figa, você sujou o nome da minha família e terá que reparar esse erro, casando-se com minha filha Margarida.

O rapaz, que não tinha papas na língua, soltou um berro estridente:

— Não caso, não caso e não caso!

Nesse instante, o coronel estava com sangue no “zóio” e uma fúria mordaz tomou conta daquele lugar, enquanto ele insistia em dizer que o rapaz se casaria de qualquer jeito. A coisa estava cada vez mais feia e incontrollável, que nem o delegado e os policiais conseguiam conter a fúria do “véio”.

Foi então que Agostinho criou coragem e bradou para todo mundo ouvir:

— Eu não fui o primeiro que deitou com a sua filha, entendeu? Ela já estava deflorada, e eu já sabia, porque ela anda com todos os rapazes aqui da Vila.

O silêncio pairou no ar, e os olhos do coronel foram escurecendo e ficando turvos e, aos poucos, ele foi esfalecendo ali

mesmo, dentro da delegacia, e fez a passagem para a cidade dos “pés juntos”. No seu obituário, ficou registrada a curiosidade e o murmurinho daquele povo.

Margarida chorou copiosamente, e, diante do imbróglio e furdunço todo, Agostinho aproveitou para “picar mula” daquele lugar. Ele evaporou feito fumaça e nunca mais foi visto naquela região.

Margarida, desde então, abriu um bordel no lugarejo, para desespero das beatas, e virou cafetina. Isso depois de conferir todos os homens da cidade, inclusive os maridos das ratazanas de sacristia.

Um dia ético?

Verena R. Becker

Suspirou aliviado ao fechar a porta do apartamento, encostou-se na parede e deslizou até sentar-se no chão. Segurava com força um livro e ficou pensando naquele título. Teriam sido corretos em esconder os fatos reais, ele e o motorista? Que mundo louco! Como poderia ser um bom jornalista depois de tudo?

Não sabia responder a seus questionamentos, aquele episódio e a sua vida profissional não fechavam em termos profissionais corretos ou mesmo com sua filosofia de vida. Quando embarcara no transporte para casa, sempre o mesmo na mesma hora, nunca imaginara mudar tão de repente o conceito sobre a vida.

Pagou a passagem, sentou-se, acomodando sua mochila entre as pernas. O professor indicara o livro que levava na mão para o próximo trabalho; havia lido apenas o título: “Ética no Jornalismo”. Ergueu os olhos para observar e pensou: “O que seria ético num mundo tão evoluído, mas com tantas diferenças na maneira de ser, pensar e viver?”

O motorista dirigia atento ao trânsito. À sua frente sentara uma mulher com uma criança no colo e, ao lado, um senhor

muito gordo. No primeiro banco, logo atrás do motorista, uma senhora de meia-idade segurava um cano de PVC com um diâmetro considerável. Para Hector, parecia um daqueles tubos em que os arquitetos levam seus projetos. Um senhor barbudo e de cabelos compridos, despenteado, segurava com muito cuidado uma caixa preta. Tudo normal e tranquilo, como qualquer dia naquele trajeto.

Num piscar de olhos, o normal e tranquilo mudou. A doce senhora de meia-idade ficara em pé e tirara de dentro do cano uma arma bem antiga, dois enormes canos, e lhe pareceu bem perigosa; sentiu instintivamente que poderia matar ou machucar várias pessoas com somente um ou dois tiros.

A doce senhora, que lhe parecera doce, apontou para o motorista e ordenou que a levasse para o primeiro banco que houvesse naquele trajeto, pois iria fazer um assalto e roubar muito dinheiro. Apesar das argumentações do motorista sobre a impossibilidade de fazê-lo, ela estava com o rosto muito contraído. Parecia falar sério e, de um momento para o outro, começaria a atirar, pois ele conhecia bem a arma pela forma como ela a posicionara.

O homem gordo suava, e a mulher baixou a cabeça, protegendo a criança. O homem com a caixa preta ergueu-a, tentando de certa forma se resguardar. Hector pensou em falar com ela, perguntar o que realmente queria, quando a doce senhora deu uma gargalhada, baixou a arma e continuou a rir até passar do riso ao choro, falando entre lágrimas:

— Preciso de dinheiro, meu neto está no hospital e ninguém quer operá-lo, pois não temos o suficiente, preciso desse assalto.

O motorista estacionou com cuidado e, enquanto Hector se aproximava dela, todos saíram correndo. Ficaram somente a senhora, Hector, que foi e segurou a doce infeliz, retirando-

-lhe a arma das mãos, pois soluçava sem parar, e o condutor, ligando para a emergência de um hospital.

Ele e Hector se olharam, não sabiam como consolá-la. Disfarçadamente, o motorista colocou a arma atrás do seu banco, escondendo-a por baixo de um tapete preto. Quando os policiais e socorristas chegaram com a ambulância, os dois falaram que ela passara mal e, mesmo que as pessoas falassem que havia uma arma, havia sido só o pavor, pois era simplesmente um cano enrolado num pano.

As pessoas apavoradas que ficaram por perto não contestaram; outras haviam sumido. Como não havia outra prova, os policiais deixaram a senhora nas mãos dos socorristas, que a levaram para o hospital.

Hector voltou para casa no mesmo ônibus e, quando desceu, o motorista piscou para ele. Certo ou errado, o que fizera já não importava, queria chegar em casa.

Aquele homem

Verena R. Becker

Na véspera da formatura, Melissa descobriu quem havia pago seus estudos na universidade particular. Fora ele, logo aquela pessoa detestada, um ser sem sentimentos e do qual não aceitaria nada na vida.

Muito antes da sua entrada na Universidade, conhecera aquele homem. Lembrava-se de sua mãe chorando muito e o pai abalado com o desemprego; sempre o culpara pela cena que presenciara num natal em família, nunca esquecera aquele olhar. Ninguém podia ter noção do que aquilo significava. O estágio no exterior, as viagens, tudo uma farsa?

— Uma bolsa de estudo de um dos nossos patrocinadores — essa fora a informação que recebera do diretor de curso, no início, quando recebera o chamado da universidade.

— E agora o senhor me conta que foi esse homem que patrocinou todos os meus estudos?

— Assim como de outros estudantes, deveria estar feliz; nem todos conseguem.

Saiu da sala do reitor com o rosto vermelho. Sua mãe e irmãos não poderiam vir à formatura; pretendia arrumar logo um emprego para sustentar a mãe. Os irmãos já tinham seus

empregos, se viravam, e, de certa forma, aquele homem a ajudara, mas devolveria tostão por tostão, mesmo trabalhando uma vida inteira.

Fora um ano particularmente feliz: o estágio de arquitetura na Delft University of Technology, na Holanda. Amara Amsterdam, seus canais, suas flores, os tamancos, os museus, o povo, seus amigos e colegas. Tudo era perto, e nos dias de folga visitara vários países europeus de trem e mochila, com colegas. Passara com notas excepcionais; já haviam tirado até as fotos com as roupas para a formatura.

E agora ele. Por trás de tudo, a pessoa que nunca quisera ver novamente, um ser detestável. Cheio de si, senhor poderoso, qualquer mulher lhe caía de joelhos, mas ela não. Por que teria feito aquilo? Seria culpa por aquela cena que lembrava tão nitidamente? Ficou questionando enquanto pensava se iria à formatura ou não. Pensou em ligar para a mãe e saber se ela tinha aquele conhecimento sobre o dito cujo homem.

Renata a convenceu a pensar no canudo, no momento pelo qual tinham estudado e esperado tanto. Depois poderia pensar em tomar satisfação daquele homem que tanto ela detestava. Poderia estar enganada de alguma forma, mas Melissa foi categórica: ele e o pai nunca prestaram.

Durante a cerimônia, ela o viu sentado na terceira fila reservada aos parentes. Não era possível. Tivera coragem para vir naquele momento tão importante para ela. Estava confusa; na verdade, ele tinha todo o direito de estar ali, pois era o motivo de ela estar se formando.

Junto ao canudo, recebeu um envelope azul lacrado. Não deu muita importância, até esquecera aquele homem e fazia festa com os colegas. Colocou o envelope na bolsa e foi como todos os outros para o jantar programado.

Sentado numa mesa, num canto da festa, estava ele.

Como? Além da desilusão de ter sido enganada, queria estragar sua alegria? Quando sentou depois de dançar até cansar, lembrou do envelope que recebera. Poderia ser uma oferta de emprego. Abriu e leu:

“Melissa,

Deves estar assustada e talvez revoltada com a notícia dada pelo reitor hoje. Mas tenho satisfações a lhe dar nesse momento em que vais iniciar um novo caminho na sua vida. Deves ter muitas perguntas; só vou esclarecer por que fiz tudo por ti.

Alguns meses antes da fábrica do meu pai falir, há seis anos, o teu pai avisou o meu de que nada ia bem na contabilidade; o gerente estava roubando meu pai de tamanha forma que a fábrica não iria sobreviver.

Foi o Natal mais triste de nossas vidas e de todos que trabalhavam conosco. Não tínhamos condições de ajudar ninguém naquele momento. Com poucas economias, mas sem o tanto para ajudar duzentos empregados, então resolvemos sair da cidade e entrar com uma ação judicial contra o gerente.

Estive uma vez na casa de vocês com meu pai antes do ocorrido, não sei se lembras, e te achei uma garota muito decidida e linda, mas, sendo mais velho, não tive coragem de falar contigo. Reuni todas as minhas economias e paguei tua entrada na tão almejada faculdade; era a única forma de ajudar. Depois de dois anos, com o testemunho insistente do teu pai e outros empregados, parte do dinheiro foi recuperado, mas meu pai faleceu.

Investi em outros negócios e, aos poucos, fui pagando o que meu pai devia a todos os empregados e seus estudos. Sei que tu perdeste o teu pai enquanto estava na Holanda e não teve tempo de se despedir dele, mas eu pude e prometi que cuidaria de ti enquanto pudesse, mas pedi segredo para tua mãe; não queria que abandonasses os projetos que tinhas feito.

Tua mãe e seus irmãos estão esperando na entrada do salão; vieram para a formatura e a festa, e esta mesa é para vocês. Desculpe ter me omitido desta forma, mas eu sei que no fundo ainda amo aquela garota da casa 45 do nosso bairro.

*Adeus,
André.”*

Quando ergueu os olhos, não o viu; correu para a entrada e abraçou sua mãe e seus dois irmãos que esperavam por ela. Depois de muitas explicações, a mãe confirmou tudo que aquele homem, Henrique, havia feito em prol das pessoas da fábrica que haviam perdido o emprego naquele natal.

Depois de abraços e beijos, procurou-o no salão, mas não o encontrou; seu ódio acalmara. Sua vida recomeçava; teria tempo para achá-lo, já que o procurara somente na véspera da formatura. Algumas horas a mais ou alguns dias não fariam diferença; agora poderia retribuir de alguma forma. Melhor, ele a amava; mesmo odiando tudo que lia sobre ele, o coração ficou mais calmo.

Encontrou-o dois anos depois, em uma viagem para a Holanda, numa das ruas mais frequentadas pelos estudantes. Sentado, tomando um drinque no pub mais querido e frequentado por ela.

Tomé

Verena R. Becker

Um pouco clichê iniciar com uma frase da qual não sei o autor, mas é muito verdadeira: “A sua estrada é somente sua. Outros podem acompanhá-lo, mas ninguém pode andar por você.” É a vida.

Tânia me convidou para uma corrida matinal, tudo de bom para um sábado ensolarado. Estava à sua espera na varanda, quando veio pelo portão dos fundos, bela, toda equipada com capacete e de bicicleta.

Esse não era bem o plano, mas decidi competir de qualquer forma. É claro, quando ela mudou a marcha e pegou velocidade, fiquei para trás, alguns metros, mas não deixei aquele sorriso de campeã me intimidar. Aumentei meu ritmo, mais do que o normal, e a alcancei com muita satisfação.

Cheguei em casa esbaforido. Enquanto fui tomar água, ela guardou a bike e foi tomar banho com aquele sorriso maroto no rosto, piscou para mim, aprovando o meu esforço na corrida.

Nossa família sempre foi competitiva. Sentei no sofá e adormeci. Acordei quando ela se atirou no sofá com uma bacia cheia de salgadinhos, ligou a TV e ficou olhando seu programa

favorito. Com certeza, meu banho ficaria para outra hora; não perderia a oportunidade de dividir os quitutes com ela.

Tenho dois anos a mais e me sinto responsável por Tânia. Roberto, o mais velho da família, vive brigando com ela, e normalmente fico entre os dois, mas tudo sempre é por uma bobagem ou outra; logo passa. Nunca tive que enfrentá-lo realmente.

Normalmente, nossa família é muito unida, principalmente nas festas, churrascos de domingo ou jogos de futebol do time da família. Todos torcemos pelo Grêmio, cada um com sua camiseta; a minha sempre acho que tem um toque especial.

A confiança é uma regra na família, aprendi com o tempo; isso nos mantém unidos. Cada um no seu quadrado, às vezes a mãe mexe e arruma nossas coisas; é direito dela como dona da casa, chama nossa atenção por não colaborar.

O pai já é mais tranquilo, fica na dele; poucas vezes o vi alterar a voz com um de nós. A mãe, para ele, é uma rainha; vive lhe trazendo flores. Ainda não entendo bem isso, mas deve ser o que chamam de amor. Um dia quero sentir também, do jeito que eles se enrolam em abraços e beijos, parecem longas lambidas, principalmente quando ninguém está por perto. Eu fico espiando às vezes.

Apesar de tranquilo, uma vez achei que ia me matar a pau. Foi no natal passado, quando todos estavam envolvidos em arrumar os enfeites da casa e da árvore, minha ajuda preferida. Adoro bolas de natal e seu brilho, sempre fico alcançando-as para Tânia, com cuidado para não quebrar, e ela as pendura até o topo.

Não tenho vergonha de dizer que sou o mais baixinho da família; às vezes me incomoda, mas ninguém nunca toca no assunto, então fico na minha.

Naquele dia de natal, extrapolei minhas vontades. Enquanto todos se vestiam para o jantar, o presente da caixa vermelha me chamava a atenção quando o pai o colocou embaixo da árvore. Não resisti e puxei-o para trás de uma poltrona; queria abri-lo, ver o que continha. Era grande a minha ansiedade.

Ouvi passos fortes descendo a escada, me atrapalhei todo, empurrei o pacote de volta e fui sentar no sofá, bem quietinho, como se nada houvesse acontecido. Nesse meio tempo, os outros também desceram, e a mãe já foi para a cozinha buscar os pratos suculentos, colocando-os na mesa de jantar.

Foi quando o pai viu o pacote com um rasgão e, aos gritos, perguntou quem havia tentado abrir o pacote da mãe.

Fiquei quieto, cruzei as pernas e fiz de conta que nada do que ele estava perguntando ou xingando era comigo. Mas todos olharam para mim; fora o primeiro a descer, acredito que nem lembravam que eu nem subira para o segundo andar.

A pressão foi tão grande que baixeí minha cabeça no meio das pernas, segurando as orelhas, o que revelava quem fizera a feiçanha e comprovando que o rasgão no papel do pacote realmente tinha a minha marca.

O pai me pegou pelo cangote e me levou para a porta dos fundos. Foram momentos de terror; achei que ele ia me bater quando pegou no cabo de vassoura, mas fui salvo por Tânia, que veio correndo em minha defesa, dizendo:

— Pai, Tomé é apenas um cachorro, é normal sua curiosidade, deixa para lá.

É grande verdade os nossos atos terem consequência própria. Tânia tentou me ajudar, porém o castigo foi só meu: ficar quietinho na casa de cachorro, do lado de fora da casa, até o final daquela noite, quando a mãe veio me dar comida e permitiu que novamente fizesse parte da família, na cama quente dentro de casa.

Conversa de boteco

Mara Carvalho Leite

Geraldinho era um baiano descarado, metido a galo, um cabra arretado! Tinha uns trinta e poucos anos e era muito mulherengo. Costumava dizer que um homem prevenido valia por dois.

Vivia em Salvador, no bairro do Rio Vermelho, trabalhando como pescador. Dizia que a ociosidade era a mãe de todos os vícios, por isso gostava de se ocupar com artesanato quando não estava pescando. Era chegado a um ditado popular, e tudo que falava incluía os ditos populares.

Volta e meia ele dizia: “A necessidade é a mãe das invenções”, ou “A ocasião faz o ladrão”, se referindo a alguém que não trabalhava. Quando via uma mulher bonita, ficava louco. Chegava junto e logo dizia: “Alô beleza, você sabe que uma andorinha só não faz verão? Posso te acompanhar?”. O cara era o maior 171 da região. Estava sempre xavecando alguém.

Um dia, um amigo dele falou: “Qual é a tua? A corda sempre arrebenta do lado mais fraco, vai sobrar pra você!”

Ele nem deu bola, e dizia: “Devagar se vai ao longe e devagar eu chegar lá”.

— Cuidado!” — falavam outros, — Onde há fumaça, há fogo.

— Se apoquente, não, — respondia. — Eu sei quando atacar e tenho uma regra básica: falar é prata, calar é ouro. Sei quando dar o golpe certo. Além do mais, quem não chora, não mama. Quero mais é que o mar pegue fogo pra comer peixe assado, ha, ha, ha. Êta disgrama! Lá vem a vizinha, a mulher do Nestor, ela é muito gostosa!

— Rapaz, tome tento! Não te mete com mulher dos outros, isso dá rolo! Sempre acaba mal, olhe lá o que cê vai fazer!

— Que nada! Tô só apreciando o material. Vassoura nova é que varre bem! Ela tem uma cara de safada... Garanto que eu ia me dar bem.

— Diacho, vai se enrolar com mulher casada?

— Ela é séria, não dá conversa a ninguém. Você sabe, touro em pasto alheio é vaca!

— Não existe mulher difícil, ela só não foi bem cantada, e além do mais, cê sabe, água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

— Pela boca morre o peixe, você que sabe da sua vida. Não vá chorar depois. Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a ninguém. Não quero levar flores no seu túmulo.

— Não há rosas sem espinhos, eu tenho que arriscar. Sabe que não se faz omelete sem quebrar os ovos?

— Cuidado! Quando a esmola é grande, o pobre desconfia.

— Se apoquente não, meu rei! A vida é assim. Deixa comigo! Vou agir devagarzinho, cê sabe que de grão em grão a galinha enche o papo, né?

— Rapaz, olha o que cê vai fazer. Deus dá a farinha e o diabo fura o saco. Cuidado!

— Vai ser moleza! Depois te conto!

Água de coco

Mara Carvalho Leite

Sentadas na beira da praia, as amigas, Susy e Carmen colocam os assuntos em dia e aproveitam o sol maravilhoso tomando uma água de coco geladinha.

Essa é a bebida oficial do verão baiano. Natural e saudável, rica em vitaminas e minerais, além de ser barata, é a favorita entre cariocas e nordestinos em geral. Ela pode ser consumida por bebês, crianças, adultos e idosos. Em caso de desidratação, pode ser usada no lugar do soro caseiro. É light e diet por natureza, diurética e digestiva. Sempre há um bom motivo para consumir essa deliciosa bebida, sozinho ou acompanhado.

As duas estavam tão distraídas conversando sobre as coisas do cotidiano, que nem repararam no garçom perguntando se elas desejavam mais alguma coisa.

— Querem que eu abra o coco? — perguntou o rapaz.

— Sim, — responderam elas ao mesmo tempo. Quando olharam para ele ficaram pasmas. O cara tinha um belo sorriso no rosto e era só gentileza. Além de tudo, bonito, moreno da cor de jambo e um corpo escultural, pernas torneadas e uma bunda perfeita. Uma simpatia em forma de tesão.

— Já trago pra vocês. A polpa deve estar suculenta e deliciosa.

“Exatamente como você”, pensaram elas.

Estavam em Santa Cruz Cabralia, na Bahia, na praia de Arakakaí, um lugar lindo cheio de coqueiros, amendoeiras, muita sombra e grama verdinha. Havia pouca gente na praia, era final do veraneio, um sossego total. Local ideal para relaxar e aproveitar a vida.

Uma olhou para a outra e comentou:

— Você viu o que eu vi?

— Nossa, o que é que é isso, amiga? Wow! De onde saiu esse tesouro?

— Não sei, — falou Carmen, — mas queria levar este troféu pra casa.

— Você não tem jeito, — respondeu Susy. — Mas tenho que concordar com você, o cara é demais.

Logo ele trouxe os cocos abertos, prontos para serem degustados. A polpa realmente estava carnuda e muito saborosa. Agradeceram ao rapaz com muitos sorrisos.

Começaram a rir sozinhas ao comerem a polpa. Cada mordida era motivo pra uma piadinha.

— Vamos ter que voltar amanhã de novo pra este quiosque e pedir mais água de coco — falou a Carmen.

— Concordo com você, amiga. Vamos fazer uma aposta e ver quem ganha o troféu?” — provocou Susy. — Quem vencer ganha três meses de água de coco paga pela outra.

— Combinado, — respondeu a Carmen.

Papo vem e papo vai, a tarde ia terminando e o sol já estava se pondo, quando resolveram ir embora. Foi um dia lindo aquele na beira da praia.

Durante o caminho pra casa, a conversa girou em torno do moreno. As duas ficaram muito excitadas com a ideia da disputa. Mulher adora uma competição.

No dia seguinte, voltaram ao mesmo quiosque e pediram duas águas de coco no balcão. Iam esperar na areia pelo pedi-

do. Estavam ansiosas para verem o rapaz de novo. Se produziram com esmero pra chamar sua atenção.

Mas o cara não apareceu. Quem surgiu em seu lugar foi o dono do quiosque trazendo os cocos na mão. Um coroa gordo, careca e barrigudo, um tanto desastrado e suado. Que diferença!

— E o rapaz que atendia aqui não veio hoje? — perguntou a Susy.

— Infelizmente foi embora, ontem foi seu último dia. Voltou pra Salvador hoje pela manhã. As aulas na Faculdade iam recomeçar. Ele é meu sobrinho, só trabalha aqui no verão. — disse.

Agradeceram e ficaram caladas por um bom tempo. Olharam uma pra outra com um misto de tristeza e decepção.

Que disputa, que nada! Agora só restava esperar o próximo verão!

Miss Brasil 2000

Mara Carvalho Leite

Renata entra no consultório médico mais uma vez. Esta vai ser a vigésima terceira cirurgia plástica à qual se submeterá para tentar preservar a sua beleza e juventude.

Todo o dinheiro que ganha vai para o seu cirurgião plástico, que ao longo de sua vida se tornou o seu sócio indesejado, mas ao mesmo tempo não consegue viver sem ele.

O procedimento que vai se submeter neste dia é implante capilar, pois começou a ficar careca. Depois de tanto alisar e pintar os cabelos durante toda a sua vida, os preciosos fios começaram a cair.

Na próxima semana, já tem um horário agendado para fazer um preenchimento no rosto com ácido hialurônico e botox. Apesar de ter somente 45 anos, já se acha velha e acabada. A busca pela beleza perfeita virou uma neurose para ela.

No próximo mês, pretende colocar silicone na bunda, pois a dita cuja já está ficando mole e caída. É a única saída, pois não pratica nenhum esporte, nem se exercita.

E assim ela passa o ano inteiro. Trabalha à noite, junta uma grana e gasta tudo com cirurgias e procedimentos estéticos. Há anos que a sua vida se resume a essa rotina.

Tudo começou quando ela era criança, quando ouvia que ela era a menina mais linda do mundo. Desde bebê sempre foi muito elogiada por toda a família e considerada a princesinha

da beleza. Os pais costumavam dizer que ela seria a Miss Brasil 2000. Nascida em 1980, teria 20 anos no ano 2000, idade ideal para concorrer ao famoso concurso.

Aos seis anos, quando entrou no colégio, ela se deparou com outra realidade. Havia crianças muito mais lindas do que ela, com cara e jeito de princesas. Começou a sofrer bullying por conta das orelhas de abano, que a mãe tentava esconder, deixando o cabelo dela crescer e penteando para frente, procurando disfarçar esse pequeno defeito. Nunca usava rabo de cavalo ou trança, como as outras meninas, para não deixar as orelhas saltadas visíveis.

Aos 10 anos, fez sua primeira cirurgia plástica para corrigir esse probleminha estético. Ao completar 12 anos, teve que colocar aparelho ortodôntico para alinhar os dentes, que teimavam em se apinhar. Afinal de contas, toda garota que se preza tem que ter um sorriso perfeito.

Quando fez 15 anos, decidiu alisar os cabelos, pois na escola que frequentava as meninas tinham cabelos lisos e sedosos e ela não poderia ficar para trás.

No seu aniversário de 18 anos, decidiu colocar silicone nos seios, já que os seus peitos naturais não cresceram o suficiente para ser considerada uma jovem sexy.

Ao completar 19 anos, fez uma rinoplastia para afinar e arrebatar o nariz. Quanto mais se aproximava dos 20 anos, mais ansiosa ia ficando.

Acabou engordando, engrossou a cintura e arrumou uma barriga indesejada, sem falar nos culotes, que eram seu pesadelo constante. Não teve dúvida, pediu à mãe como presente de aniversário uma lipoaspiração completa para resolver esse terrível problema.

Ao chegar a época de se inscrever no concurso, constatou que existiam jovens muito mais bonitas que ela. Não desistiu

da ideia, fez implante de cílios, micro pigmentação nas sobrancelhas e colocou mega hair e unhas postiças de porcelana. Achou que isso seria suficiente para competir com aquelas deusas da beleza. Mas não foi. Ela não ficou nem entre as 10 finalistas. Voltou para casa desolada. Sempre iriam existir mulheres mais lindas do que ela.

Nunca foi miss, nem modelo. Sua carreira baseada na beleza não deslanchou. Como não estudou muito, não teve muitas opções como profissão e acabou na prostituição. Afinal de contas, a beleza que possuía dava para o gasto e para se manter na ativa como garota de programa por um bom tempo.

Hoje ela não se satisfaz com sua aparência, não quer envelhecer, ter rugas ou cabelos brancos. Atualmente, ela pode ser considerada uma mulher biônica fabricada pelo seu cirurgião plástico, que a vai esculpindo através do seu bisturi enquanto cresce a sua conta bancária.

E assim caminha a humanidade, se transformando numa coisa estranha, quase industrial, uma beleza fabricada, pasteurizada, tudo meio igual. Parece que viver muito passou a ter um sentido pejorativo. Vai entender o ser humano nesta busca incessante pela beleza e juventude eterna.

Pobre Renata! Passou a vida inteira tentando agradar aos outros sem conseguir satisfazer a si mesma.

Praia do Rosa

Mara Carvalho Leite

Quando ela desceu do carro mascando chiclete e ouvindo funk, logo senti o drama: era indício de incomodação. Era uma moça estranha, um tipo de mulher meio bagaça, passada por poucas e boas, com umas olheiras profundas e uma idade indefinida. Em seguida, chegaram mais dois carros com os amigos, quatro rapazes e uma falsa loira. Os caras eram uns guizotes bem babacas, meio que zoneados, no estilo das duas.

As meninas vão à caça... Vestidas de ninja, prontas para matar. As garotas estão no comando. São bandos delas, todas sozinhas, dispostas a transarem a qualquer custo. Já chegam cantando funk e na vibe do “toma, toma, toma”. O público-alvo é jovem e irreverente, pouco chegado as convenções e que gosta de curtir uma “vibe” diferente, isto é, gostam de fumar um baseado, os mais moderados, enquanto outros mais afoitos tomam “doce” ou “bala” (leia-se ecstasy e ácido). Os que preferem mais adrenalina vão à procura de cocaína, sem contar os inúmeros coquetéis de energético com vodka ou cachaça.

Existem inúmeras casas noturnas, as famosas baladas, onde o pessoal solta a franga literalmente. O Rosa é uma praia famosa por ser um lugar de azaração.

Uma dessas hóspedes foi a Maria Eduarda, uma moça de Camboriú que reservou um chalé para seis pessoas na pousada onde eu trabalhava. Ela queria comemorar o aniversário com uns amigos durante o fim de semana. Entrariam na sexta-feira e sairiam no domingo. A primeira noite já foi tumultuada. Som alto, gritaria e bebedeira. Não deixavam ninguém dormir. Tivemos que interferir e mandar desligar o som.

No dia seguinte, a bagunça continuou. Não foram para a praia, ficaram na piscina o tempo todo, bebendo, gritando e ouvindo som a toda altura, sem contar o repertório funk pornográfico. Fomos reclamar de novo e explicar que havia família na pousada, com crianças menores de idade, e que tal atitude não cabia naquele contexto. Mas a gurizada era medonha, quanto mais a gente reclamava, mais eles extrapolavam.

Naquela noite demos um ultimato: “Quem quiser fazer bagunça vai pra praia e só volta de manhã.” Às 10 da noite fechamos o portão e fomos dormir. Foi um alívio. Puro silêncio.

Na manhã seguinte, abrimos o portão às 7 horas, quando eles voltaram da festa. Mal dormiram um pouco e começaram com o funk de novo. Chegou uma hora que eu me irritei e dei um ultimato: “Desliga esse maldito som!”

Daí, para me irritarem, toda vez que eu passava por eles as moças cantavam: “Ohh, puta, vai ter que me aturar até amanhã, tô pagando...” Tive que me controlar pra não sair dando porrada naquelas vadias.

Parece que acabou a fase em que a mulher era cortejada e endeusada. Agora, elas são só “as cachorras”, “as preparadas”, “as vagabas”.

No domingo, dia de fazer o check-out às 12 horas, eles simplesmente não queriam ir embora, só queriam ficar na piscina bebendo, gritando e ouvindo funk a toda altura.

Tivemos que chamar a polícia e colocar todo mundo para fora na marra.

Depois desse episódio, quero distância de lá.

A diva dividida na dúvida

JAX

Diva não é seu nome, mas sua condição, ou sua perene vocação.

Lá está ela, à beira de sua janela, no quarto de dormir, em seu jeito de existir. Pronta para a contemplação alheia, para despertar a curiosidade de quem ali passeia. Para provocar indagações, paixões, divagações, um sem fim de reações...

Ela permanece indiferente, pelo que aparente, a essa curiosidade, dos passantes, dos possíveis amantes, de toda a humanidade.

Diva, dádiva da vida, que envida esforços para dividir, sem pensar em reinar. Seu universo se divide em sonhos diversos, à espera de versos que a façam sorrir, ou, quem sabe, seu destino definir.

O cotidiano é como rima, que ocorre a todo instante, mas não a anima a variar seu semblante. Expressão a um só tempo doce e fria, a moldar-lhe o rosto e a ativar o gosto de quem almeja sua companhia.

Por trás da meiga serenidade, esconde-se a ansiedade de quem duvida dos pretendentes, alvo de olhares descrentes. Na dúvida, pensa que estão sempre a dever e que sua dívida perante a diva põe sua relação à deriva, vagando, vagando, até se perder.

Haverá tanta vaidade nessa doce beldade que a faça indifferente ao amor que se apresente? Não, vaidosa não se mostra a diva, temerosa apenas, algo esquiva, na difícil decisão de ceder à paixão. Ela procura o par ideal e prossegue, bem ou mal, a oferecer seu amável perfil, da janela, perto do peitoril.

Sons devem combinar-se, espalhar-se, multiplicar-se, em favor da narrativa que reflita o sentir da diva. Desafiante dever! Dever de ver, de descrever, de prever e avaliar o porvir dessa diva, cuja divisa poderia ser: decifre-me ou devore-se.

Divisar sua face, para quem passe, convida à poesia, com ou sem maestria. Alguns pela beleza, outros, com certeza, pelo simples prazer de olhar, julgar, entender.

Por seu lado, o rosto contemplado também quer contemplar, inquirir, estimar. Essencial, o mútuo conhecimento, para que não sobrevenha o lamento. Na dúvida, não se corre o risco, mais vale mesmo esperar, pois a vida não é petisco, tão fácil de saborear.

Prossegue a diva, em sua janela, como alma cativa, cada vez mais bela. Cativa de quantos cantos se fazem ouvir noite e dia, sem que possam, no entanto, despertar do amor a magia.

A toda diva, o devido amante. Este é iniciante, cronista amador, em situação desconfortante, na árdua empreitada de decifrar sua amada. Amador tanto nas letras quanto nos mistérios do amor. Que pouco entende de rima ou do arrimo que sustente a estima.

Tal qual sua diva, dividido ao duvidar de amor assim divino. Divagando sem cessar, na dúvida se seus dias são bem vividos ou se fica a dever a essa vida, ávida por inovadores e inovações, mas avessa a vãos devaneios, sem fim...

Brasília, fevereiro 2024/Recanto das Letras, novembro 2024.

A ponte entre dois mundos

JAX

A distância entre Pirapetinga e Ibitinema era mínima, quase inexistente. O rio xará da cidade mineira corre em leito de largura limitada. Duas pessoas, uma em cada margem, não terão dificuldade em manter prosa fluida na maior parte do curso fluvial. De pequeno caudal, mas, mesmo assim, ai de quem vacilar e deixar-se agarrar pela correnteza! Sabedor dessa realidade, o pai de Tiago não queria saber do filho pequeno a meter-se nas doces águas traiçoeiras. Dina que tratasse de vigiá-lo!

De toda forma, se existe rio, não pode faltar ponte de ligação entre as localidades e seus respectivos estados. Como sinal do progresso nos transportes e na integração interestadual, entre os anos 50 e 60, à velha ponte existente somou-se uma segunda, que deixou o sítio da tia Chiquinha, em Ibitinema, ainda mais próximo de Pirapetinga.

Para Tiago, essas pontes não significavam a travessia entre Minas e Rio somente, mas a passagem do ambiente urbano para o campo, então mágico como universo infantil. Pirapetinga, conquanto bem menor que a Cidade Maravilhosa do menino, mantinha ares de urbe, pouco importava a coexistência

entre veículos automotores e carroças puxadas por bois ou cavalos.

Na cidade mineira, havia hospital, farmácia, consultórios de médico e dentista, bem como “farto” comércio, especialmente do ponto-de-vista de um guri carioca. Não faltavam bolas e carrinhos para pedir à mãe, que nem sempre podia ser generosa, ou mesmo a alguma tia, em geral mais condescendente. Balas, doces e picolés também se vendiam em abundância. Gêneros de primeira necessidade ao alcance da traquinice e da glodice insaciáveis do peralta em férias.

Tiago conserva a lembrança de parte dessa área urbana por onde transitou mais amiúde. Como acontece em muitas cidades brasileiras, a estrada que sai da Rio-Bahia, na altura de Além Paraíba, e envereda pelo território mineiro, emenda com rua de Pirapetinga, para desconforto do trânsito e dos moradores. Tal artéria, além das moradas de parentes, apresentava a curiosidade de ser a sede do hospital e do meretrício locais, afastados um do outro, todavia, já que cada entidade respondia a distintas necessidades de cura.

Movimento maior de veículos e pedestres também se verificava na Rua do Comércio, ponto emblemático da História da cidade. Ali sempre se concentraram as lojas mais conhecidas de todos.

De Pirapetinga, o ponto favorito de Tiago consistia na praça principal, próxima da antiga ponte. Sob as bênçãos da igreja situada em uma de suas extremidades, a pracinha agradava ao garoto por suas muitas árvores, pássaros e outros animais que via por ali, ademais do inescapável coreto, para as exposições musicais da “furiosa”, como o povo costuma chamar as animadas bandas do interior. Em uma das laterais da praça, ficava a casa da avó Genoveva, que nela ainda viveu alguns anos após a morte do marido. A longa mesa de jantar, velhos

ferros de carvão para passar roupa, bonecas de pano remanescentes das tias ou primas e uma terrível prisão de ventre que o acometeu certa vez, muito criança, permanecem entre as poucas recordações que Tiago ainda guarda de tal residência.

O melhor recordatório, contudo, é o de atravessar a ponte e ingressar nos campos dos seus sonhos, naquela roça de que tanto gostava, ainda que de forma bem acrítica. Ali, o tempo – contra cuja brevidade o futuro cronista tenderia a investir, inconformado – parecia demorar para passar, permitindo ao “imperador” usufruir de seus prazeres por períodos mais extensos, que só lamentava não serem intermináveis. As férias, um dia, chegavam ao fim e lá se ia o guri de volta à sua realidade urbana (a qual, no fundo, também apreciava, embora ocasionalmente o negasse).

O mundo da sonhada magia interiorana veio a deixar de existir, tanto na conscientização trazida pela maturidade quanto na prática. A partir da segunda ponte, a cidade invadiu a roça do menino Tiago: borracharias, panificadoras, escola e toda sorte de construção urbana acabou com os velhos campos em torno da antiga propriedade da tia Chiquinha.

Ibitinema virou outro bicho, talvez não de sete cabeças, nem indecifrável, apenas outro exemplo da marcha meio desenfreada do chamado “progresso”. Questão de habituar-se e de resignar-se, possivelmente. Sem jamais se esquecer, no entanto, do que houve de mágico no passado, entre dois mundos.

Capítulo do conto “Ibitinema” em JAX, De Volta a Ibitinema (com novas histórias na bagagem), ed. Astrolábio, SP, 2022.

Os tênis longevos de Oldair

JAX

Em uma (triste) época em que a ampla maioria dos artigos manufaturados é produzida para logo ser descartada e substituída, torna-se surpreendente esta história de um par de tênis.

Oldair, o adquirente de tais calçados, foi o primeiro a surpreender-se. Ele viajava numa excursão quando se deu conta, ao chegar ao hotel da primeira localidade visitada, de que se esquecera de colocar seus tênis na mala.

Esquecimentos parecem inevitáveis, até mesmo numa simples ida à esquina para a compra do pão ou do jornal. Em meio a uma viagem na qual teria de literalmente gastar as solas dos sapatos, o turista desconsolado não pode, em sã consciência, dispensar o necessário conforto para as múltiplas caminhadas em ruas, museus e diferentes pontos programados no roteiro. Tratou de sair do hotel e buscar um par de tênis na loja mais próxima que lhe recomendaram.

A marca era minimamente conhecida, mas lhe passou a impressão de robustez e, ao mesmo tempo, da maciez exigida pelos pés. Comprou e dedicou vários minutos de teste no quarto antes de acompanhar o grupo na primeira visita.

Passados vinte anos, Oldair olha seus velhos tênis ainda com ar de surpresa. Das mais agradáveis, diga-se de passagem. Não consegue crer como duraram tanto. A cor pouco se alterou, os cadarços continuam os originais e apenas um ou outro pormenor revela, a seu juízo, que seus velhos companheiros de mil caminhadas são tão antigos.

O solado conserva notável profundidade em suas estrias em formato de S e de X. No calcanhar, a ligeira camada de borracha desfez-se, mas o pano outrora por ela coberto não apresenta sinal de desgaste e dá a impressão de que foi sempre assim, sem a cobertura de proteção original. Em outras partes de tecido, as tonalidades de castanho e de cinza esmaeceram suavemente e de forma homogênea, permitindo a suposição de que os tênis saíram da loja há bem menos tempo.

O único conserto dos valentes calçados limitou-se à cola-gem dos solados em pontos que começavam a abrir, mas essa falha somente se verificou no ano retrasado. Embora o sapateiro oferecesse meros três meses de garantia, lá se iam dois anos que o serviço fora feito. Admirável!

É, pois, com relativa tristeza que Oldair acredita chegado o tempo de descartar seus velhos tênis, usados cada vez menos em função da inescapável vaidade do ser humano em ostentar indumentárias novas. Há alguns meses ele vem privilegiando o uso dos pares recentes que comprou ou ganhou. Pouco tem recorrido aos fiéis escudeiros de memoráveis passeios aqui e acolá.

Decide, à guisa de homenagem, recolhê-los ao lixo no exato mês em que completam vinte anos de existência. Toma o cuidado adicional de limpá-los pela última vez, colocar talco desodorante em seu interior e deixá-los por cima do saco de resíduos secos, de modo a facilitar sua pronta localização. Raciocina que eventual catador de papel ou outro tipo necessi-

tado poderá ainda vir a utilizar o longo produto. Procura tomar tais providências com certa celeridade, a fim de evitar hesitações motivadas pelo apego a objetos que caracteriza boa parte da humanidade, inclusive ele.

Meses depois, ao sair de outra noite no bar, na companhia de amigos diletos, Oldair caminha só quando sente que uma pedrinha entrou em seus sapatos e, ao retirá-la, lembra-se dos velhos tênis e de quantas pedras, gravetos e outros intrusos não sacou de dentro deles nas caminhadas pelo campo.

Imerso nessas recordações, nem pressente a aproximação de um trio de pivetes que o ataca e prostra ao solo com violentas pancadas, para poder apoderar-se de seus sapatos, dinheiro, cartões e do que mais de valor houver para eles.

Incapaz de mover-se ou esboçar qualquer reação, Oldair percebe que um dos bandidos estaria usando tênis que lhe parecem familiares. Apesar da visão meio turva, identifica que se trata de seu antigo par. Pelo menos, serviram a outrem, como era sua intenção.

Tenta consolar-se com a conclusão de que a longevidade dos tênis poderia vir a ser maior do que a dele.

Diminutos (para leitura de minutos)

JAX

O cheiro do Jaborandi

Na infância, o cabelo era lavado com xampu de jaborandi. Que cheiro agradável! Sentia-se importante e ficava a imaginar que todos percebessem aquele perfume. Cresceu e mudou. Conheceu outros xampus. Outras pessoas. Ora prazerosas, ora desprezíveis. Nos momentos mais difíceis, vem-lhe à mente o saudoso cheiro do jaborandi. A vida requer alegrias e perfumes. Não encontra o xampu d'outrora, porém. Dizem-lhe que a planta ficou rara. Quanta decepção! Como é duro recuperar o passado!...

Estar em seu lugar

Vibrar com um bom espetáculo esportivo leva o espectador a imaginar-se como integrante da equipe. Mete a bola na rede, desarma o adversário, faz passes sensacionais. Ao ver um belo espetáculo musical, ocorre metamorfose similar. Coloca-se no lugar do compositor ou do intérprete e colhe, eufórico, o aplauso da audiência. Idólatra que vive seu momento de ídolo. Comedido, reconhece estar na profissão certa, no

entanto, pois o risco de perder a bola ou desafinar lhe parece muito maior. Para que mais preocupação?

A psicologia salva

Após dez anos de sessões com sua psicóloga, o homem que pensava ser um queijo Minas verde saiu do consultório radiante: “Tô curado! Tô curado!”

Consolo de quem quase nunca se classifica em concursos de microcontos de humor

A gente ganha pouco, mas se diverte.

A última do sabiá

O velho sabiá sentiu seu fim próximo. Guardou forças para a última cantoria, que deveria ser a mais linda de quantas entoara. Verdadeira apoteose de um artista! Chegado o momento, cantou como nunca, em perfeita mescla de emoções. A nota derradeira foi encerrada pelo suspiro final do talentoso pássaro. Pobre sabiá! Nenhum animal humano prestara atenção ao belo canto. Se acaso o fizesse, tampouco entenderia o significado, pois ninguém sequer suspeitava que a avezinha estivesse para morrer.

Brinquedo perdido

Passarinho amarelo de plástico, dotado de assovio banal. Com um pouco de água, contudo, quem diria? Soava como autêntico canário, pelo menos aos ouvidos da criança que com ele tanto brincou. Melodia agradável, saudoso brinquedo que já não existe, perdido no tempo. Deixaram de fabricar. Pelo menos, nunca mais se viu. Cedeu seu lugar a um monte de invencionices, pródigas em tecnologia sofisticada que logo se

acaba ou perde o interesse. Custava ainda arremedar a natureza daquela forma tão simples?

Epitáfio para um humorista

Viveu de graça, mor-riu em paz.

Bicho de estima-inven-ção

O menino via outros a passear com seus animais de estimação. Não quis ficar pra trás. Inovou: nada de cãezinhos, canários ou porquinhos-da-índia! Tratou de arrumar um ornitorrinco, que leva pela coleira, orgulhoso. Bico de pato, rabo de castor e perfil extremo de mamífero que põe ovos! Todos se admiram do seu bichinho. Ninguém sabe como ele fez para trazer algo tão exótico da distante Austrália. Criança que se preza dá asas à imaginação ante o desafio. Se bem que asas ornitorrinco não tem...

*Revista LiteraLivre n. 32, março/abril 2022.
Outros textos do gênero em JAX, Microcontos, Mini-Poemas,
Curtas Reflexões para uma Vida Breve, ed. Assis, MG, 2020.*

No meu bairro

Mário Baggio

A carta na minha mão. Nela, escrita com todas as letras, a notícia devastadora. A cafeteria da esquina. A dona sorridente da banca de flores. O malabarista do sinal vermelho. O carro de luxo que não para no farol porque acha que não precisa. O cabelo pintado de azul da estudante que toma o ônibus. O cartaz da banda funk, convidando para o show de sábado. Os bancários que roubam minutos de trabalho e descem em grupos para o cafezinho das dez horas. As cestas cheias de flores na entrada do restaurante francês. O teto avariado da pizzeria. O cheiro de cigarro e graxa que vem da oficina do seu Edmundo. De lá vem também parte da fumaça que torna o ar duro como chumbo. As pessoas bonitas do escritório do 3º andar. As pessoas feias do escritório do 3º andar. As pessoas de merda do escritório do 3º andar. A carta na minha mão. Os filhos do mágico de rua, que esperam que o pai termine o número para passar o chapéu no meio da audiência. O gato branco da dona da floricultura. A tatuagem do entregador de fast-food, com quem a florista conversa. A varanda do meu apartamento. O vento que sopra forte aqui no 7º andar. As flores, frescas de orvalho, que brilham nos vasos da minha va-

randa. A carta na minha mão. O semáforo do cruzamento, que não se cansa de mudar as cores. Os meus pés no parapeito da minha varanda. Os pedestres que param de caminhar e olham para cima. Olham para mim. O grito do mágico de rua e o barulho da freada dos automóveis. A cara de terror da vendedora ambulante, que olha para mim pela primeira vez. As pessoas de merda do escritório do 3º andar, que saem correndo da cafeteria para me verem também. O parapeito da minha varanda. A carta na minha mão. As pedaladas no ar. A caída até o asfalto. A carta na minha mão. O baque do corpo no asfalto. O baque. O corpo. O meu.

Sede de fé

Mário Baggio

Há sete anos não chove na cidade. Já não olhamos para o céu, exceto para amaldiçoá-lo por tanto azul e pelo sol que nos fustiga. Hoje em dia nossa comida é temperada por poeira e o único rio que temos, enquanto o tivermos, trata de nos dar de beber. Nesses anos de estio, a cada vez que víamos aparecer nuvens no horizonte, erguíamos nossa cara e abríamos a boca para abocanhar alguma gota de água caída do alto; ninguém nunca engoliu um pingo sequer. Agora, quando aparecem algumas nuvens, nós as afugentamos para longe, que não venham nos dar falsas esperanças. Não acreditamos mais nelas, nossa fé acabou. Só abrem a boca na direção das nuvens uns poucos ingênuos que ainda restam na cidade. São uma minoria, um reduzido grupo de infelizes que, como nós éramos alguns anos atrás, ainda têm sonhos de beber água apenas olhando para cima e abrindo a boca.

O criador, a criatura e o crítico de arte

Mário Baggio

— Criei uma pessoa! — vibrou o doutor Frankenstein, dando pulos de satisfação.

Havia anos ele brincava de ser Deus e agora contemplava, eufórico, o resultado de seu esforço. Apresentou sua criatura num rega-bofe da alta sociedade, concorrido e inesquecível. A alegria, porém, durou só até a manhã seguinte, quando chegaram os jornais. Lá estava a opinião do crítico de arte:

“A peça está muito mal acabada e cheia de defeitos de fabricação. De longe dá para ver as costuras na pele opaca e sem viço da criatura. Os olhos não têm expressão e os movimentos do corpo carecem de um mínimo de harmonia. Os pés resultaram grandes demais, as unhas estão encardidas, os dentes já amarelaram. E a voz, o que era aquilo? O som dos trovões numa noite de tormenta é muito mais agradável. Não nos enganemos: trata-se de um trabalho amador, sem dúvida. Um verdadeiro engodo. Espero que o distinto público não perca tempo com isso. Faltou talento ao criador. E a criatura, tão desprovida de graça, será logo esquecida.”

O velho piano

Mário Baggio

Com as costas curvadas e as mãos apoiadas nos joelhos, o velho Amadeu contabilizou o produto de sua semeadura: recolheu duas cenouras que tinham brotado no meio das alfaces e das couves. Gostou da surpresa. Analisou e viu que as cenouras eram boas. Preparou e comeu uma salada fresca no almoço. No mesmo dia, resolveu experimentar: plantou no meio das abobrinhas uma flauta, um violino, duas partituras de Bach e um Dó Maior. Cobriu tudo com muito cuidado, apalpou com força a terra, regou e foi descansar. Sentou-se na varanda e contemplou o bom trabalho que fizera. Cuidou da plantação por dias, semanas. Arrancou as ervas daninhas e nunca deixou que faltasse água. Uma manhã, quando abriu a janela, gritou de alegria. Chamou os vizinhos e apontou sua horta, onde reluzia um majestoso piano de cauda.

Tinha brotado ali, por sua dedicação e cuidado, o mais belo piano de cauda que todos jamais viram. A notícia correu a cidade e virou assunto de todas as conversas. Logo a multidão chegou para ver e passar os dedos sobre a madeira cintilante. Discutiram sobre a excelência da marca, a qualidade das teclas, o branco tão branco e o negro tão retinto que até

doía nos olhos. Que instrumento imponente! Não tardou para organizarem concertos, aulas de música a preços camaradas, concursos para descobrir novos talentos musicais em toda a redondeza. O velho Amadeu não cabia em si de contentamento. Quando perguntavam, dizia que o segredo daquilo tudo era... um segredo. E mais não contava.

Numa tarde de abril, o velho Amadeu levou as mãos ao peito e fechou lentamente os olhos. Estava sentado na varanda olhando o piano no meio de sua horta. Pensava nas belezas sonoras que brotariam daquela madeira reluzente. Quem o encontrou disse que ele sorria.

O tempo e sua crueldade se encarregaram de diminuir o viço daquela novidade extraordinária. Uma manhã, quando somente os passarinhos visitavam o piano e o limo cobria quase todo o teclado, veio uma máquina e levou o velho instrumento para o depósito municipal de sucatas. E lá ele permanece até hoje, silencioso e coberto de poeira, ao lado do projetor de filmes, dos aparelhos de som, do foguete espacial e de outros objetos que já não têm mais nenhuma importância ou serventia nos dias de hoje.

Os dias não estão para desperdício

Mário Baggio

Desde menino, ouvi de meu pai que, quando aquele líquido estranho saísse dos meus olhos, eu deveria cobrir o rosto com as mãos e correr para lavar a cara e me esconder. “Homem que é homem não fica com esse aguaceiro nos olhos”, ele tinha dito. Só aos vinte anos tive curiosidade de provar o sabor daquela água e descobri que passei parte de minha vida chorando chá verde sem saber. Hoje estou mais velho e mais esperto: quando sinto que o líquido vai começar a jorrar, ponho uma xícara com um pouco de açúcar sob os olhos. Tomo o chá. Nos dias de hoje, não se pode desperdiçar nada.

O fruto daquele ventre

Mário Baggio

Yerma tenta se manter calma e respirar de maneira compassada. Põe as mãos sobre o peito pra sentir o coração. Não abre os olhos, não precisa. Está sozinha. Acaricia a barriga e sorri: ele ainda está dentro dela, e suas entranhas ardem como lava de vulcão. Percebe que chegou a hora. Estrebucha, abre as pernas, empina o quadril e expelle o inchaço de seu ventre. Sente que seu corpo se rompe em mil pedaços, mas não se importa. Está feliz. “Consegui, não estou seca”, pensa. O menino nasceu morto, mas ela ainda não sabe.

Carta ao filho

Mário Baggio

Querido Cassiano, querido filho meu,

Hoje é seu aniversário e quero te dar meus parabéns. Ontem sonhei com você e foi como se estivesse vendo um filme. O filme da nossa vida juntos: o seu nascimento, você com cinco anos, você adolescente e rebelde, o seu temperamento explosivo. Senti saudade, sabe? Por isso pedi que me trouxessem um papel e uma caneta, queria te enviar umas palavras e perguntar se está tudo bem. Não sei por onde você anda, mas você sabe onde estou.

Pouco me importa se você vai ler esta carta ou se vai jogar no lixo sem abrir o envelope. O fato é que sonhei com você, hoje é seu aniversário e tive vontade de te escrever. Pronto, aqui estou. Penso muito em você, como tem se virado, o que faz para viver, se está casado, se tem filhos. Se puder, e quiser, dê notícias para seu pai. Há tanto tempo não nos falamos, não é? Desde aquela noite, está lembrado?

Não consigo pensar direito no que aconteceu naquela noite, mas uma coisa posso te dizer com segurança: não fui eu. O delegado escreveu no laudo criminal alguma coisa sobre uso de drogas ou uma substância estranha qualquer encontrada

no meu organismo, que teria motivado tudo aquilo. No jornal saiu que eu estava desvairado, fora de mim. Mentira. Mas eu posso dizer com sinceridade, e espero que você acredite em mim, que eu nunca usei nenhuma droga. Queria que seus grandes olhos castanhos estivessem aqui agora para eu olhar para eles e repetir: não fui eu.

Ainda tenho muitas nuvens na minha cabeça sobre aquela noite, que confundem meus pensamentos, mas confesso que tenho pelo menos duas imagens muito reais na memória, e sobre isso não tenho nenhuma dúvida: o sorriso largo que você mantinha no seu rosto de adolescente e a forma frenética como lavava as mãos na pia da cozinha, esfregando com força para se livrar de todo aquele sangue, enquanto sua mãe parava devagarinho de respirar, deitada no chão. Cheguei atrasado e não pude fazer nada para ajudá-la. Disso eu me lembro com clareza.

Hoje você completa vinte e oito anos, já é homem feito. Eu vou continuar aqui onde estou, cumprindo a minha pena. A pena é minha, Cassiano, mas a culpa... ah, meu filho, essa eu deixo para você. É o seu presente de aniversário.

Seu pai.

Instruções

Mário Baggio

Ladislau, menino,
não grite no corredor do shopping.

Ladislau, guri,
não corra no corredor do shopping.

Ladislau, pirralho,
não brinque, não ria, não olhe pra ninguém no corredor do
shopping.

Ladislau, moleque,
não desafie os seguranças no corredor do shopping.

Ladislau, rapazinho,
não pule, não salte, ande devagar no corredor do shopping.

Ladislau, piá, cuidado,
os seguranças estão armados no corredor do shopping.

Ladislau, pretinho,
não caia, não sangre no corredor do shopping.

Ladislau, filho,
não morra no corredor do shopping.

A necessidade foi mais longe

Rosalva Rocha

Com grande inteligência, Lika galgou altos postos em empresas de desenvolvimento de projetos, inclusive gerenciando a área comercial de uma das maiores empresas no Vale do Silício. Mas não era feliz. Vivia tomando antidepressivos e não raras vezes bebia além da conta. Seu mundo era sem graça, sem afetos, sem norte.

A sua vida profissional a consumiu tanto que ela só conseguia enxergar-se no trabalho, em reuniões profissionais ou dentro de aviões. Sentia o cheiro dos sucos servidos nas reuniões, com doses cavaleares de conservantes, misturados com os números que apresentava constantemente em relatórios, para comprovar o andamento de seus projetos.

À noite tinha dificuldade para dormir e não conseguia concentrar-se em qualquer leitura. Acabava sempre acessando o computador e buscando subsídios para acrescentar nos seus trabalhos. Sentia-se entediada na maior parte do tempo. A vida que levava não era vida.

Em uma das vindas ao Brasil, ao seu lado no avião sentou-se um homem um tanto diferente, usando uma burca vermelha e alguns colares coloridos. Iniciaram uma doce conversa e,

em pouco tempo, já estavam olhando um no olho do outro. Lika sentiu uma boa energia no companheiro de viagem, justo o que ela estava buscando, sem saber, há um longo tempo.

Em meio à conversa, ela tomou conhecimento de que ele era soteropolitano, mas havia passado três anos na Flórida junto a um grupo americano que estudava a cultura da sua região e as inúmeras manifestações religiosas que dão conta da grandiosidade dos cultos, seja aos santos católicos, aos orixás ou aos caboclos. Lika lembrou-se de uma semana que havia passado na Bahia, na sua adolescência, e no seu retorno encantada com essa miscigenação. Pensou no quanto a vida daquele homem era diferente da sua, no quanto ele teria tempo para espiritualizar-se e entender o mundo de uma forma mais concreta.

Aquietou-se e encolheu-se no assento. Subitamente foi questionada se não gostaria de conhecer a Colônia para a qual estava se dirigindo no Sul. Segundo ele, uma colônia naturalista, fincada no alto de um morro no distrito de Monjolo, na cidade de Santo Antônio da Patrulha, que contava com estudos constantes e muito trabalho para salvaguardar a subsistência dos envolvidos. Lika fitou-o e, apesar da sua formação, sentiu-se pequena frente aquele homem que parecia ser a melhor companhia para abrandar a sua vida naquele momento.

De pronto recusou o convite, mas sentiu-se segura em passar o seu contato para ele. No dia posterior, recebeu a sua ligação argumentando com mais ênfase o quanto seria bom para ela conhecer o lugar. Foi então que cedeu e resolveu viajar com ele.

Lá chegando, encantou-se com o ambiente. Um riacho desaguava no meio da Colônia e o som das águas transmitia uma tranquilidade há muito não sentida por ela. Tentou entender o que faziam realmente aquelas pessoas isoladas naquele lugar.

Olhares eram trocados e Lika fazia o maior esforço para sentir-se bem, já que aceitara o que poderia ser uma das maiores loucuras da sua vida. Aceitara o convite pela energia que recebeu daquele homem e não por desejo a ele. Sentou-se em uma rede após o almoço, no intuito de aguardar um encontro que aconteceria à tarde na colônia.

Sem querer adormeceu e ali ficou até ser tocada levemente na cabeça, de forma tão delicada pelo companheiro de viagem, que nem sobressaltada ficou. Olhou-o profundamente e do seu olhar brotou um pedido de socorro. O homem apanhou-a pela mão e, como se entendesse, levou-a mansamente ao encontro sem murmurar uma só palavra. Lika não resistiu em momento algum.

No local, percebeu que o ambiente era um tanto formal, as pessoas concentradas, espaços tomados por homens e mulheres de todos os tipos. Num pequeno palco, em andar superior, discursava, em tom altivo, um homem de barba branca e vestes exageradamente coloridas. Falava num Deus diferente, num propósito que ela desconhecia. Começou a ficar com medo. Nunca estivera em local parecido, nem mesmo estudara qualquer coisa sobre religiosidade. O encontro durou uma hora.

Na saída, ainda assustada, foi procurada pelo companheiro que a levou para beberem água de uma fonte próxima à Colônia. Sua voz era branda, bem mais branda do que antes. Parecia ter incorporado aquelas palavras e mudado até mesmo o semblante.

Lika, ao entardecer, tomou a decisão de que, mesmo sem ter um conhecimento básico do que se passava por ali, iria embora. Apesar da serenidade que estava sentindo, não era o seu lugar, não tinha a sua cara, não a traria nada de diferente. Sentiu-se impaciente, mas era o seu jeito e, àquelas alturas,

não mais mudaria. Buscaria novos caminhos, pois nunca apreciou rituais. Tinha consciência de que o trabalho, a princípio era sério mas, para ela que não buscava qualquer explicação para a sua crença, aquilo era perda de tempo.

Chegando em seu apartamento em Porto Alegre, encontrou-o empoeirado e com cheiro de mofo. Pensou no quanto estava ligada no trabalho e pouco ligada nela própria, nas coisas de que gostava, no seu mundo. Nem mesmo uma faxineira ela havia contratado para cuidar do seu canto enquanto estivesse fora. Sem dúvida, o trabalho a absorvera por completo nos últimos anos, a ponto de ela perder a própria referência e perceber-se vulnerável e carente. Como chegar no Brasil e aceitar um convite daqueles? Pensou se não seria um imenso perigo para uma mulher na sua situação de vida.

De tanto pensar, caiu na cama em sono profundo. No dia seguinte, acordou tarde, tomou café e saiu para comprar um jornal. Estava com saudades do Jornal Zero Hora, empresa na qual trabalhara como estagiária no início da carreira. Na quarta página, em letras garrafais a seguinte manchete: “Colônia no interior de Santo Antônio da Patrulha está sob investigação após ter sido denunciada como ponto de drogas. O seu suposto mentor chegou ao Brasil há dois dias e encontra-se preso”.

Sentou-se na sarjeta em frente à banca para continuar a leitura: (...) com um certo disfarce de seita, o grupo busca pessoas vulneráveis e situação financeira definida para adentrarem no crime. Lá, tais pessoas são levadas à conversão, se não forem detidas antes (...). Assustada, Lika fechou o jornal e decidiu retornar ao apartamento para decidir se ligaria para a polícia ou não.

Um tanto zonha, não mais hesitou. Assustada e ao mesmo tempo aliviada, trocou de roupa, desceu e chamou um taxi.

Pedi ao motorista que a deixasse na delegacia mais próxima. Depôs detalhadamente sobre o que aconteceu, recebeu agradecimento do delegado, enfatizando a sua coragem e, ao chamar outro taxi para retornar para casa, decidiu que descansaria uns bons dias na casa de praia de uma tia, literalmente isolada do mundo e, a seguir, retornaria ao Vale, certamente de forma menos obcecada e, na primeira oportunidade, procuraria um psiquiatra.

O fim por si só

Rosalva Rocha

Tania, no seu apartamento no Morumbi, em São Paulo, naquele final de tarde cinzento, tomando o seu café na enorme varanda e vislumbrando a grande favela logo abaixo, repensou sua vida. Afora os anos fora do país, quantas e quantas vezes esteve naquela varanda, no mesmo horário, tomando o seu café e olhando a mesma favela?

O telefone tocou. Custou a encontrá-lo, já que a tarde fora de muita bagunça naquela sala onde de tudo tinha um pouco. Encontrou-o embaixo de uma almofada trazida da Tailândia. No outro lado da linha identificou a voz de José Paulo. Pensou: “Como ele soube do meu retorno?”

Com a voz embargada, atendeu-o, tentando mostrar-se o mais natural possível. Foram companheiros de vida por anos. Viviam bem, eram bons parceiros e, na cabeça de Tania, ficariam juntos pelo resto de suas vidas, pois se amavam. Certo dia, através de um telefonema anônimo, ela tomou conhecimento de que ele tinha uma amante. Não precisou muito para confirmar o fato e jogar no lixo as suas expectativas e as roupas do parceiro. Nunca mais se viram. Questionado sobre como ele havia descoberto o seu retorno para o Brasil,

ele falou que nunca a perdera de vista e que queria naquele momento reencontrá-la. E mais: que não admitiria recusa. Um misto de lembrança e emoções tomaram conta de Tania. Ele a tinha traído da forma mais sórdida possível – com a sua melhor amiga - mas, mesmo assim, ainda permanecia nos seus devaneios.

Transtornada e ainda não adaptada ao retorno, Tania recusou o convite e imediatamente ligou para Vera, sua terapeuta dos tempos de pós-adolescência, uma das melhores pessoas que conheceu a e que a auxiliou em muitas situações difíceis. Teve a sorte de encontrar Vera em casa e, em face da agradável surpresa, abrir-se para um encontro rápido no restaurante mais próximo de sua casa.

Tania colocou um batom, pegou sua bolsa e saiu do apartamento como se estivesse fugindo. O encontro com Vera, naquele momento, era tudo do que precisava, apesar dos longos anos sem contato e da forma dura que ela abordava os assuntos com o objetivo de “sacudir” a sua vida. De boazinha e compreensiva não tinha nada, pensou Tania. Era, sem dúvida, uma terapeuta diferente.

Passado pouco tempo do encontro Tania, falou: “Vera, por favor abra sua agenda para atender-me novamente. Além desse reencontro, precisarei de ti novamente. A Tania velha de guerra ainda não amadureceu”.

No dia posterior, uma nova ligação de José Paulo, insistindo no encontro e alegando que, depois de tantos anos, os dois mereciam uma chance para conversarem e tentarem entender um ao outro em relação ao que tinha acontecido. Destemperada, Tania ligou para Vera, não sem antes, jogada na cama, olhar sem qualquer intenção para o seu closed e, de imediato, visualizar o lindo lenço cor de carmim jogado dispolentemente sob um cabide, justamente por ter ornado seu

visual na viagem e ainda não ter sido guardado. Aquele lenço, por todos os anos passados, era a marca de José Paulo ainda cravada na sua vida. Não conseguiu desfazer-se do presente.

A voz de Vera era firme e, após ouvir o que Tania tinha para falar, argumentou: “Será necessário eu repetir mais uma vez que nada é fácil nesta vida? Que os caminhos se cruzam e lá adiante podem se desencontrar? Que traições existem na vida real e que precisam ser enfrentadas? Se chegaste a ter dúvida em relação ao encontro é porque ainda tens vontade de reencontrá-lo; caso contrário terias novamente recusado”.

Mais serena, Tania retornou a ligação para José Paulo e aceitou o convite. Para relaxar da decisão tomada, resolveu tomar uma ducha. A água se fazia necessária para extirpar todo o medo que teve até então. Ainda com as malas por desfazer, abriu a gaveta do seu criado-mudo. Dentro dela uma fotografia dos dois, em Paraty, datada de uma semana antes da descoberta da traição. Mesmo assim, não ousou recuar.

Apanhou a fotografia e jogou-a na bolsa. Pensou: posso valer-me dela no caso de sentir-me ainda humilhada, no caso de ele mentir pela milésima vez, no caso de eu querer vingança. O encontro foi marcado mas a estratégia não demarcada. Um ponto de interrogação no ar pairava sob a cabeça desgovernada de Tania, que jamais imaginaria retomar qualquer contato com José Paulo.

No encontro, após um abraço fraterno, Tania foi surpreendida por uma visitante inusitada em frente a José Paulo. De quebra, um rápido beijo na boca. Questionou-o sobre quem era a moça. A resposta veio de pronto, de maneira muito segura: “Uma amiga, é claro!” Tania, enfurecida, esqueceu da sua educação, do quanto não deveria cobrar absolutamente nada dele e, aos gritos e com as mãos grudadas na mesa como se fosse sair imediatamente, falou: “Não, não, não ... tu

continuas o mesmo José Paulo. Eu jamais deveria ter cogitado aceitar o teu convite.”

Bruscamente, levantou-se da mesa deixando cair a sua bolsa. José Paulo, ao tentar apanhá-la, foi pego de surpresa com um murro de Tania no seu braço. Quietos e com vergonha, retornou ao seu lugar enquanto a via sair esbarrando em um casal recém chegado, deixando o lenço que usava, cor de carmim, rolando pelo chão do restaurante.

Sobre a dor

Rosalva Rocha

Despedindo-se das paredes sujas, sem olhar para trás e para o único raio de sol que adentrava na cela, Angélica encheu a mão com os barbitúricos que foram providenciados por Pedro, justamente ele, o homem que roubou seus sonhos há 10 anos, o homem que a fez jogar no mar o vestido de noiva e a grinalda cravejada de flores de laranjeira.

Ela conseguiu, por um relance, perceber que Pedro não mais sentia pena de tudo. Ele decidiu finalizar com a sua dor. De forma anônima fez chegar às suas mãos a possibilidade do fim, que aconteceu ao cair da tarde, sem testemunhas, ficando Angélica estirada sobre o chão de cimento queimado, sem vida, sem dor e sem lembranças.

A mensagem

Eva Crochemore

Angelina gosta de pensar nas coisas do Alto. A fascinação por temas espirituais leva a jovem a pesquisas e leituras demoradas e a escutar, por horas, pessoas cultas e sábias. Rejeita especulações infundadas. Gosta de beber da água límpida da Fonte, por isso recorre à leitura bíblica, à ciência e à literatura que aproxime esses dois grandes universos do saber: ciência e fé.

Ao ler, pela primeira vez, a impactante biografia de Joana D'Arc, a curiosa Angelina não teve dúvidas sobre a realidade espiritual que envolvera aquele evento da História. A jovem, vestida com traje de soldado, que liderou o exército francês durante a Guerra dos Cem Anos contra os ingleses, e dizia ouvir vozes e ter visões, derrotou um poderoso exército, venceu os fortes, coroou um rei e acabou morrendo na fogueira. Foi beatificada pelo Papa Pio X em 1909 e, anos depois, reconhecida como Santa, foi ainda proclamada Padroeira da França.

Antes de se entristecer com o trágico desfecho, Angelina pôde compreender o quanto as ações humanas estão distantes dos propósitos divinos. O homem, contaminado por ganância, egoísmo e vaidade é o ser mais cruel com seus seme-

lhantes. Joana D’Arc, vítima da estupidez terrena, só quis ser fiel às vozes reveladoras do Céu. Ficava evidente que os poderosos, à época, autores de tanta atrocidade, não subsistiriam no poder, uma vez confrontados com suas infernais mazelas, concluía Angelina.

A Bíblia conta que Maria, José, os patriarcas, os profetas receberam anjos. Joana D’Arc ouvia vozes, mas o tribunal inquisidor optou pela conveniente mentira forjada pelo poder secular. Angelina sabia que todo conhecimento que ela pudesse absorver sobre a misteriosa realidade dos céus, jamais lhe prepararia para provas de fogo; considerava-as de exclusividade dos mártires e heróis da fé.

Certa vez, um misto de arrogância e vontade própria apoderou-se da jovem, a despeito de uma voz interior tentar orientá-la no trânsito. Enquanto dobrava uma esquina em direção a um posto de gasolina, recebia a insistente mensagem, proferida por ela mesma, em voz audível: *Caminho errado! Caminho errado! Caminho errado!*

Considerando a estranha comunicação como fruto do cansaço mental, consequência da semana agitada que transcorria, Angelina chegou ao posto ainda com aquelas palavras ecoando em sua mente. E, enquanto pagava o frentista, ouviu estampidos, como se fossem rajadas de gás escapando de algum compartimento do posto. Algo, naquele lugar, explodiria, nos minutos subsequentes. Com essa convicção, saiu o mais rápido possível daquele lugar. Angelina, atordoada com o barulho ameaçador, retirou-se dali com a sensação de que tudo viria pelos ares e labaredas a perseguiriam rua afora.

Ao retornar do compromisso que a fizera sair de casa, a moça fez questão de retornar pelas proximidades daquele posto de abastecimento para saber o que o ocorrera. Ruas interditadas não davam acesso ao local. Perguntou a uns pas-

santes o porquê do isolamento da região e veio a saber do trágico desfecho. Na verdade, os estampidos que ela ouvira foram de disparos, vindos do escritório do estabelecimento. Enquanto abastecia, um assalto à mão armada, que culminou com a morte do proprietário estava acontecendo.

Tal incidente despertou em Angelina uma nova experiência sensorial. Certa de que um anjo queria poupá-la do iminente risco, ela prometeu a si própria obedecer aos avisos celestiais caso viessem a se repetir. Pôde vivenciar o sobrenatural no seu cotidiano secular, surpreendendo-se com o cuidado celestial sobre sua vida terrena, muito distante da santidade.

Vieram-lhe à mente as sábias palavras de Shakespeare: *Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia dos homens possa imaginar.*

Artistas sem nome

Eva Crochemore

*A atual arquitetura cuida da casa,
da casa normal e rotineira dos homens normais e rotineiros.*

Ela largou os palácios.

Este é um sinal dos tempos.

Le Corbusier

Como não bastassem os números que os identificava, a roupa não era de um cidadão comum. O fato de serem presidiários conferia àqueles humanos um destaque inconfundível à segregação social. Dentre os prisioneiros, um imigrante, preso por envolvimento numa briga e identificado como 398, viria a se destacar. Inobstante não haver a possibilidade de seus nomes serem homenageados, alguns números identificadores enfileiraram-se aos nomes mais notáveis que enobreceram a construção do Palácio Piratini, sede do governo gaúcho.

Maurice Gras, o jovem arquiteto francês, autor do projeto de construção do imponente palácio em estilo neoclássico, iniciou a edificação em 1909. O luxo, a ostentação e a grandiosidade do palácio exigiam obras de decoração à altura.

Surgem, então, outros importantes nomes: Paul Lan-

dowski, escultor franco-polonês, assina as duas esculturas da fachada do prédio, representando a Agricultura e a Indústria, bem como o grupo escultórico Primavera, no pátio interno. Do escultor pelotense Antonio Caringi, encontram-se duas obras: o Busto de Getúlio Vargas, no saguão principal, e O Lanchador, no gabinete do governador. De Vasco Prado, escultor gaúcho de Uruguaiana, encontram-se, no jardim, uma fonte com temas egípcios e uma escultura do Negrinho no Formigueiro. Destacam-se do pintor italiano Aldo Locatelli os murais que ilustram episódios da história do Rio Grande do Sul.

A decoração dos ambientes recebeu móveis oriundos de importantes movelarias; boa parte do mobiliário foi executada pelos detentos do antigo presídio de Porto Alegre. Dez conjuntos, ao todo 76 móveis provenientes das oficinas da Casa de Correção, faziam parte do acervo tombado do Palácio Piratini. Dos artistas anônimos, encarcerados, importavam as mãos talentosas e serviçais. O prisioneiro 398 tinha mãos abençoadas.

Mas um talento perdido na escuridão de um cárcere pôde eclodir à vista no brilho de um palácio. Escolhido para representar os demais, 398 foi conduzido ao Palácio do Governo, nos idos de 1921, para receber uma homenagem, em nome de todos os presidiários marceneiros. Na ocasião, seus números foram citados.

Tendo cumprindo sua pena, Pietro Strada, liberto dos algarismos que o identificaram por três longos anos, seguiu para a serra gaúcha e, acolhido por familiares lá estabelecidos, montou uma marcenaria, hoje uma movelaria próspera, administrada pelos descendentes. Gente talentosa que trabalha para cuidar da casa normal e rotineira dos homens normais e rotineiros, bem como dos palacetes de homens nada normais nem rotineiros. Este é mais um sinal dos tempos.

Muralhas

Eva Crochemore

Sou uma anciã prisioneira do meu destino. Fui a escultora Camille Claudel. Viver quase trinta anos do lado de dentro dos muros deste manicômio me faz muito infeliz; no entanto, ter vivido os quarenta e nove anos anteriores do lado de fora não fora menos doloroso. Sempre vivi cercada por muralhas intransponíveis, relegada ao anonimato.

Vivi na sociedade machista do século XIX, em que esculpir o nu condenou-me à clausura da obscuridade por pessoas, à época, consideradas mais dignas e menos hipócritas do que realmente eram. Usurparam a autoria de minhas obras e arditamente reduziram-me a nada.

Amei, amei e fui usada. Ser rejeitada pelo homem amado foi mais duro que o mármore no qual forjei cenas de amor, que eu queria verdadeiro e julguei eterno. Meu coração enganoso construiu-me a armadilha em cuja profundidade me perdi para sempre, um labirinto destinado aos abomináveis infratores.

Aqui convivo com mulheres mais jovens e mais velhas do que eu, seres mergulhados no dissabor de doenças mentais e físicas que as tornam dependentes das cuidadoras. Sou chamada para ajudá-las nos passeios. Então ofereço minha mão amiga àquelas infelizes trôpegas, escravizadas por suas dolorosas mazelas.

Sempre que subimos o morro ao fundo do hospital, fico longos minutos contemplando as pedreiras; pedras brutas transformam-se em minha mente em esculturas forjadas no fundo de meu coração sonhador. A cada passeio, crio uma peça que represente o meu desejo de sempre, o sonho que me fora negado: já esculpi uma pietá, ou melhor, minha mãe me carregando em seus braços de amor; uma criança correndo em direção aos braços amorosos dos pais, dentre outras que representaram a crueldade de pessoas a quem tanto amei. Tenho um atelier imaginário; terei um museu só meu. Recentemente, esculpi uma grande chave; também uma porta que guarda um lugar desconhecido, enigmático. Hoje colhi barro no jardim, amassei-o com vigor e, antes de moldá-lo, libertei-me da figura horrenda que dali sairia; não a quis num pedestal a contemplar minha dor. Nos últimos anos, descobri que corações de pedra, embrutecidos pelo mal, não são dignos de serem esculpidos.

Não só os gritos histéricos e as fisionomias sofridas fazem parte do meu tormento, mas principalmente o abandono. Essa dor nos torna iguais neste hospício: seres considerados execráveis aos olhos de pessoas a quem tanto amaram, mulheres condenadas ao opróbrio num exílio perpétuo.

De uma coisa estou convicta: o dia em que eu admitir o óbvio, que fui mantida em cativeiro por conveniência do meu núcleo familiar, por desamor, por motivos torpes da minha mãe, por vil ganância e interesse de meu irmão, por ter sido aqui abandonada por quem tanto amei, este será, então, o dia da minha morte. Sinto-o muito próximo.

Será com argila minha última escultura, meu corpo descenderá ao barro e lhe servirá de forma, enquanto minha alma elevar-se-á ao paraíso. E que haja uma muralha a me separar do inferno que tive o infortúnio de conhecer nesta vida.

Saindo do esconderijo

Eva Crochemore

*Deveríamos olhar demoradamente para nós próprios
antes de pensarmos em julgar os outros.*

Molière

Uma conversa interessante; com voz bonita, Benny ia contando sua vida. Relatava vivências fascinantes, envoltas de um promissor convite a aventuras num mundo cheio de novidades. Experiências, fatos, curiosidades, oportunidades, tudo deixava Lucy deslumbrada. Ele sempre se dispunha a dar importância a coisas às quais ela jamais considerou importantes. Como sua própria vida era sem graça! Ela pensava. Havia algo novo, um brilho especial naqueles convites... passeios e viagens, que ela nunca tivera oportunidade de realizar, apresentavam-se tão facilmente realizáveis. A vida, finalmente, estava-lhe sorrindo, era chegada a hora de ser feliz.

Lucy começou a sonhar os sonhos de Benny e a investir os mais nobres sentimentos, que foram se intensificando, da parceria à empatia, à solidariedade, ao sacrifício. Com muito orgulho e boa dose de vaidade, considerava as inconveniências e os incômodos válidos por aquela boa causa, a paixão a envolvia, então era mais do que justo viver aquele sentimento intensamente. Benny era cheio de vida, de energia, exigia

atenção o tempo todo, ora contava suas aventuras, ora chamava Lucy para sentar-se a seu lado enquanto trabalhava no computador. Se ela demonstrasse interesse em fazer algo diferente, ele a envolvia com beijos e abraços. Não ousava, então, quebrar o clima romântico sem se culpar.

A vida a dois era sempre cheia de curiosidades: muitas explicações acerca de assuntos aleatórios, que nem sempre interessavam a Lucy, muitos envolvimento familiares e sociais, um passeio, uma pequena viagem de improviso, jantares em bons restaurantes. Mas, ainda assim, tudo ficara bem distante dos grandes projetos lançados no início do relacionamento. Inobstante as frustrações que se faziam sentir, Lucy divertia-se. Boa parte do tempo era ocupado com solução de pequenos ou grandes problemas na família dele. Muitos problemas da família dela ele ajudava a solucionar. Troca justa.

O falso brilho que revestia o que era menos substancial ainda ofuscava a realidade que teimava em vir à tona no coração e na mente de Lucy. O que poderia estar errado? Por que não viver o momento sem questionar os porquês? Lucy não poupava elogios a Benny, ela sabia que aquele era o combustível que o movia. Mas começava a entender que a fachada de Benny era sua identidade. Aparência, futilidade e o convívio com pessoas de prestígio garantiam-lhe o senso de valor próprio.

À Lucy cabia colaborar na economia familiar, cuidando dele, da roupa, da casa. Cozinhar e cumprir as tarefas domésticas leves ou pesadas. Também lhe parecia justo, ainda que não sobrasse muito tempo para cuidar de si.

Lucy buscava leituras que lhe pudessem elucidar pensamentos e sentimentos nebulosos que lhe perturbavam o bem-estar cotidiano. Gostava de ler Thomas Merton, escritor católico do século XX, o mais requisitado guia espiritual do nosso tempo, um poeta, ativista social e estudioso de religiões comparadas. Lucy saltou ao ler: Cada um vive à sombra de uma pessoa ilusória: o falso “eu”. E ela devorou as explicações de

Merton: ...o “eu” falso e privado é o que quer existir fora do alcance da vontade e do amor de Deus – fora da realidade e da vida... não consegue ser mais que uma ilusão. Não somos muito bons em reconhecer ilusões... Como assim?

Lá estava Lucy tentando reconhecer o quanto estava vivendo uma ilusão, precisava desmascarar o seu “eu falso”, aquele impostor codependente que a impedia de contatar com os próprios sentimentos, necessidades e desejos; que a fazia dar importância àquilo que não era importante de fato; que a levava a temer o abandono, a falta de apoio, e que a tornava incapaz de enfrentar a vida por conta própria. Enfim, o seu “eu falso” era um dissimulado, carente, sagaz, perturbador, poderoso, infeliz, incapaz de ser franco. Um covarde que se protegia, procrastinava e se calava pelo medo da rejeição e da não-aprovação.

Importante para Lucy foi assimilar o que o autor Brennan Manning escreveu: que o impostor e o “eu” falso constituíam a mesma pessoa e precisava ser tirado de seu esconderijo; que tudo o que era negado não podia ser curado, dentre outras verdades.

De uma coisa Lucy teve certeza: o impostor não se chamava Benny.

Quem somos

Ana Pujol é professora de Letras aposentada, com especialização em literatura africana. Escreve desde a infância. Tem três livros de poesias publicados e um ebook de contos de suspense, “Olhos nas Sombras”.

Carlos Roberto Hahn nasceu lá no Bairro Santa Rosa, no interior de rural de Taquara. Desde cedo, gostava de manusear e ler gibis e revistas em quadrinhos. É bancário aposentado, revisor de textos, poeta e compositor. Graduado em Letras Português/Inglês, pela Unisinos. Mora em Nova Tramandaí, com sua esposa Silvana e 17 amigos caninos. Em 2012, começou a escrever poemas para serem musicados, para participar de festivais nativistas do Rio Grande do Sul, obtendo diversas premiações. Autor dos livros Borboletas, Nem te conto, Todas as letras e Simbiose.

Edu Mussi é de Santarém/PA e mora em Ribeirão Preto-SP. Morou em diversas regiões do país e essa experiência de vida serviram de inspiração para escrever seus contos. Publicou três livros de contos: História que o tempo me contou; Desterrados e Cinzas, e o romance Olga e Karlos. Aposentado, com 71 anos.

Elsa Timm cresceu no interior de São Lourenço do Sul em uma comunidade com raízes pomeranas. A casa da família reunia músicos, comerciantes e muitas pessoas que circulavam pela região. Cercada por melodias, conversas e encontros cotidianos, desenvolveu desde cedo um olhar atento às pessoas e suas histórias. A escrita chegou como um desdobramento natural desse olhar, com histórias criadas para as netas e pelos contos publicados em antologias e livros coletivos. Psicóloga por formação, une a escuta e sensibilidade também na literatura, onde costura lembranças, afetos e paisagens. Vive à margem da Lagoa dos Patos, onde a linha do horizonte parece sempre convidá-la a imaginar o que virá depois. É nesse cenário sereno e inspirador que brotam suas histórias: ora inventadas, ora vividas, mas sempre sentidas.

Eva da Graça Crochemore nasceu na zona rural, 7º distrito de Pelotas/RS. Professora de Português e Servidora da Justiça do Trabalho, aposentada. Atualmente, dedica parte de sua vida à Literatura. Participa de várias coletâneas com seus contos, crônicas e poesias. Pertence ao Centro Literário Pelotense-CLIFE; à Oficina Literária de Contos Bilíngues Português Francês, ministrada na Oficina de Criação Literária Alcy Cheuiche; à Oficina Literária APCEF Regional Sul, anteriormente denominada Oficina Literária Inspiraturas Escrita Criativa. Menção Honrosa na Revista Ecos da Palavra nº.3, com a crônica Cores de Outono. Premiada em 2º lugar, com a poesia Estar na Nuvem, na 18ª edição do Concurso “Sua Poesia vai à Feira”, na 49ª Feira do Livro da FURG.

Francirene Gripp de Oliveira (France Gripp) é Poeta, ficcionista, cronista e resenhista. Nascida em Governador Valadares, MG, reside em Belo Horizonte, MG. Mestre em

Estudos Literários (UFMG). Publicações: Noivas de Naruq, um conto de viagem (2026); Todo instante pulsa todo (2024); O rei dos imóveis (2021); As aventuras de Bera Titan (2020); Coração Incendiário (2014); Trililili Paralelá (2011); Vinte Lições (1998); Eu que me destilo (1994).

Gilberto Broilo é eterno professor de Inglês (+20 anos) e mochileiro que bebe muito café sem açúcar (a ristretto, please). Viajou a +20 países e tem duas cidadanias! Gaúcho. Professor. Escritor desconhecido. Flerta com a Psicanálise (nerdie, I know). Doutor em Letras e Mestre em Cultura. Amante da Linguística e viajante na Literatura. Devorador de Stephen King e Bukowski (paperback + Kindle), mas amador de Dostoiévski e Goethe. Pesquisador e professor acadêmico nas horas vagas. Investigador de símbolos e cartas de tarot: semiótica e terror. É um baita Tarotslinger, dizem. Escorpiano por 2h30min, senão Sagitário, que também é a Lua. Áries é o meu ascendente! Um pouco Junguiano e outro pouco Lacaniano: neurótico obsessivo, mas um adulto funcional! Dos anos 80, Y, Millennial. É, também, empresário. Tem uma escola de Inglês online. Hoje, tem o melhor grupo de estudantes, todos online. Ah, já foi fotógrafo e designer. Falava Italiano, mas perdeu a fluência per non praticarlo! O que é uma vergonha à famiglia do vêneto! Ex-skatista ralado no asfalto, bungee-jumper e pseudorapeleiro. Adorava Lego, Super Trunfo e caía de árvores.

Lucas Lôbo: “Se nascer é um despertar, então nascer às 05:35 é acordar quando ninguém quer, é berrar o berro mais alto da sua vida. Você se debate, se contorce, chora sem saber o porquê. Até que te entregam um nome, uma âncora para se agarrar. Foi assim que me chamaram: Lucas Lôbo, um

essencial humano, um nome para vestir. E com esse nome, entre letras e borrões, assino o meu próprio mundo.”

Mário Baggio é jornalista e escritor. Mora em São Paulo-SP. Tem sete livros de contos publicados: “A (extra)ordinária vida real” (2016), “A mãe e o filho da mãe (2017), “Espantos para uso diário” (2019), “Verás que tudo é mentira” (2020), “Antes de cair o pano” (2022), “A vida é uma palavra muito curta” (2024) e “Vozes para tímpanos mortos” (2025). Publicou contos em várias revistas eletrônicas (Germina, Crônicas Cariocas, Gueto, Ruído Manifesto). Participação em antologias: “Ruínas” (2020), “Tanto mar entre nós: diásporas” (2021), “Brevemente Infinito” (2024) e Contos da UBE-União Brasileira de Escritores (2021 e 2023).

Rosalva Rocha é natural de Santo Antônio da Patrulha, empresária, artesã, graduada em Turismo e Administração e associada ao Grêmio Literário Patrulhense, no qual atua como Vice-Presidente. A escrita sempre esteve presente na sua vida, tendo a sua primeira publicação lançada em 2007, em coautoria. De lá para cá, vem participando de diversas publicações, a exemplo das antologias da Academia de Escritores do Litoral Norte (2009-2011), Antologia Poética Poesia na Praça (2011-atual), Suas Excelências, os Personagens (2015-atual), Prosa na Varanda 1 a 8 e diversas antologias do país. Faz constar, no site Recanto das Letras, todas as suas produções literárias.

San Klein (Sandra Helena Klein Bertollo) é graduada em Pedagogia e Letras-Português, com Pós-Graduação em Educação Infantil. Ocupante da cadeira de nº 03 da AFHAL - Academia de História e Arte e Letras, de Marechal Floriano-ES. Primeira Comendadora Florianense. Tem 30 livros publicados.

Verena Rogowski Becker é gaúcha, artista plástica e escritora, formada em Licenciatura Plena de Desenho e Artes Plásticas, com pós-graduação em História do Rio Grande do Sul. Escreveu vários romances e participou em várias coletâneas.

pragnatha

